

JOSÉ ELIAS PINHEIRO NETO

**UMA VIAGEM PAISAGÍSTICA PELAS ZONAS
GEOGRÁFICAS NA OBRA *MORTE E VIDA SEVERINA* DE
JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Área de concentração:

Geografia e Ordenamento do Território.

Linha de Pesquisa:

Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Maria Imaculada Cavalcante.

Co-orientadora:

Prof^a. Dra. Maria Geralda de Almeida.

**CATALÃO (GO)
2011**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

Pinheiro Neto, José Elias.
P654v Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra
morte e vida severina de João Cabral de Melo Neto
[manuscrito] / José Elias Pinheiro Neto. - 2010.
169 f.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Imaculada Cavalcante;
Co-orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Geralda de Almeida.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Campus Catalão, Departamento de Geografia, 2010.
Bibliografia.

1. Paisagem 2. Literatura 3. Geografia 4. Morte Severina
– João Cabral 6. Espaço. I. Título.

CDU: 911.3 : 82-311.2

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ ELIAS PINHEIRO NETO

**UMA VIAGEM PAISAGÍSTICA PELAS ZONAS GEOGRÁFICAS NA OBRA
MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovada em 26 de abril de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Imaculada Cavalcante
Orientadora e Presidente
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Professor Doutor Idelvone Mendes Ferreira
Membro Convidado
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Professora Doutora Marisa Martins Gama Khalil
Membro Convidado
Universidade Federal de Uberlândia

Ao esteio da minha vida, Luzia Tavares Pinheiro, a menina-mulher que soube ser mãe e pai. A eterna companheira em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Francisco de Assis Sousa Pinheiro, e à minha mãe, Luzia Tavares Pinheiro, por terem me proporcionado uma infância com muita alegria e amor. Em especial à minha querida mãe por ter colocado em nós, seus filhos, o valor de sempre lutar em busca do conhecimento, com algumas horas de prazer, que saudade do 'lavadeira' ...

Aos meus irmãos e sobrinha, Claudio Tavares Pinheiro, Lilian Tavares de Assunção (Luiza Tavares) e Emilia Tavares de Assunção, que tanto me incentivaram, torceram por mim e compartilharam a alegria da conquista de mais um passo tão vitorioso na minha vida. Realmente, como nossa mãe diz, somos grandes vencedores, cada um com suas dificuldades, cada um à sua maneira e todos juntos um pelo outro.

Aos meus grandes companheiros, Sula Coelho Pinheiro, Marília Coelho, Mariana Coelho Pinheiro, Francisco de Assis Sousa Pinheiro Neto, porque todas as vezes que eu saía para as aulas em Catalão, pediam em oração para que eu voltasse para casa. Em cada volta o recomeço de um novo dia ao lado destas pessoas que eu tanto amo.

Não poderia nunca olvidar dos meus Pinheiros, genealogia de pensamento positivo, por isso agradeço as grandes contribuições da minha querida avó, Célia de Sousa Pinheiro, quanta saudade..., e aos meus tios: Divino César de Sousa Pinheiro, José Augusto de Sousa Pinheiro e José Célio de Sousa Pinheiro... honrados homens e bons exemplos.

Todos os meus professores do mestrado e especialmente ao professor doutor Idelvone Mendes Ferreira, um grande lente, as aulas de campo foram muito importantes para que eu me tornasse um geógrafo. Compreender como funciona a produção e a gestão de paisagens geográficas foi um dos grandes passos para que eu entendesse a importância do estudo da Literatura como *corpus* para a Geografia.

Professora Doutora Maria Imaculada Cavalcante, “[...] que a força do medo que tenho não me impeça de ver o que sei, [...] que a morte de tudo que eu acredito não me tape os ouvidos e a boca [...] porque metade de mim é amor e a outra metade também.”. Muito obrigado por ter acreditado na minha pesquisa, uma dentre tantas outras nessa transdisciplinaridade entre Geografia e Literatura e, principalmente, por ter conduzido uma orientação com críticas oportunas e

compromisso com o trabalho. Não se romperá aqui nosso cordão umbilical, nem mesmo a distância física nos separará, até porque a distância geográfica não é igual à literária, a amizade que construímos será eterna, “De tudo ao meu amor serei atento [...] que seja eterno enquanto dure”. Muito obrigado, minha eterna Imaculada.

Aos amigos, da UFBA, feitos no primeiro Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Artes, principalmente Professora Doutora Maria Auxiliadora e a Professora Mestre Heloisa Araújo de Araújo. E por fim, a todos que, de forma direta ou indireta, corroboraram para que este trabalho fosse concretamente realizado. Meu muito obrigado.

RESUMO: Este trabalho descreve, numa visão geográfica, aspectos da percepção da paisagem no poema **Morte e Vida Severina**, escrito por João Cabral de Melo Neto em 1956. Uma saga que mostra a saída do homem nordestino do Sertão, interior do país, para a Zona da Mata, onde tenta buscar a sobrevivência e a tranquilidade úmida do trabalho. Nessa viagem se depara com a paisagem física que caracteriza a localidade e a paisagem subjetiva, que é entendida através de sua experiência de vida. As reflexões apresentadas nesta dissertação estão estruturadas sob o prisma da Geografia Cultural. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica em que se tem como referencial teórico autores como: Monbeig (1940); Segismundo (1949); Ferreira (1990); Marandola (2007); Sousa (2008); Almeida (2010) e Marandola Jr e Gratão (2010). Esses trabalhos reforçam o interesse em estudar obras literárias analisando-as a partir de um viés geográfico. Essa junção aparece como uma ideia primeira de valorização e recuperação de categorias da Geografia que estão descritas em fontes literárias, as quais demonstram como a vida humana é percebida em todos os lugares, sejam os que nos rodeiam ou os mais distantes de nós, e ainda, os que possamos imaginar. Em qualquer situação, é o sentimento de ver o mundo que dá subsídio ao escritor para criar e levar até o leitor a percepção da realidade. Essa imaginação cria experiências humanas com a Natureza e dá ao geógrafo a construção de imagens mentais que influenciam na intrínseca relação entre o homem e o meio. Então, como resultado, este trabalho demonstra a forma pela qual a poética cabralina permite o conversar entre a ciência da Geografia e a arte da Literatura.

Palavras-chave: Paisagem. Literatura. Geografia. Morte. Severina. Espaço.

ABSTRACT: This paper describes, under geographic perspective, aspects of landscape perception in poem **Morte e Vida Severina**, written by João Cabral de Melo Neto in 1956. A legend shows the route of the Northeast Wilderness man from Sertão, to Zona da Mata regions, in which the protagonist tries to get survival and to work in wet lands. In this trip he faces physical landscape which characterizes the location and the subjective landscape. This one is configurated through experience of his life. The reflections presented in this paper focus on Cultural Geography perspective. This bibliographic review. It has theoretical authors as: Monbeig (1940), Segismundo (1949), Ferreira (1990); Marandola (2007), Sousa (2008), Almeida (2010) and Marandola and Gratão Jr (2010). These studies show interest in studying literary works by analyzing them from a geographical view. This junction appears as a first idea of recovering the categories of Geography that are described in literary sources, which show as human life is seen everywhere: places which are around us or the farthest from us, and, still places which we can imagine. In any situation, the feeling of comprehending the world makes writer create and bring to the reader's perception about the reality. This imagination creates human experiences with nature and gives to the geographer the construction of mental images that influence the intrinsic relationship between man and environment. So as a result, this paper demonstrates the way in which the cabralina poetic let Geography Science and Literature art talk.

Key-words: Landscape. Literature. Geography. Death. Severina. Space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - UMA ABORDAGEM TEÓRICA, LITERÁRIA E PAISAGÍSTICA NO MUNDO DA GEOGRAFIA	14
1.1 Geografia e Literatura	16
1.2 O recurso literário como <i>corpus</i> para o estudo da Geografia	25
1.3 A relação percepção <i>versus</i> paisagem	36
CAPÍTULO II - JOÃO CABRAL DE MELO NETO: o lugar da vida e o espaço da obra	51
2.1 João Cabral de Melo Neto: produção e fortuna poética	53
2.2 O espaço de construção da poética Cabralina	70
2.3 <i>Morte e Vida Severina</i>: a escrita de uma literatura geográfica	77
CAPÍTULO III - O ESPAÇO E A PAISAGEM NA PÓETICA DE JOÃO CABRAL E EM <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i>	86
3.1 O espaço e a percepção da paisagem em Severino	88
3.2 Contextualização cultural das mortes na obra Cabralina	112
3.3 A travessia em busca de melhor vida: o processo de migração na época de Severino <i>versus</i> a atual	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS	143

INTRODUÇÃO

Geografia e Literatura. Uma abordagem possível? O caminho a ser trilhado nesta dissertação será uma construção do espaço e da paisagem, categorias geográficas como produtos históricos edificados com base na relação entre a sociedade e a Natureza, demonstrando que a realidade pode ser representada a partir da arte literária. As reflexões apresentadas neste estudo estão estruturadas sob o prisma da Geografia Cultural. Vale lembrar que a junção das ciências, nesse caso da Geografia com outras áreas de conhecimento, já é feita por vários autores no Brasil e fora dele, dentre eles podemos citar: Monbeig (1940); Segismundo (1949); Ferreira (1990); Marandola (2007); Sousa (2008); Almeida (2010); Marandola Jr e Gratão (2010); entre outros.

A busca da Geografia em outras áreas é também discutida em trabalhos com o cinema, a fotografia, a música e mais uma infinidade de manifestações do homem que a ciência ou arte podem alcançar. Além disso, corrobora com outras cátedras o processo fenomenológico ocorrido em nosso meio ou em nossa imaginação, porque no âmbito cultural, o cientista sempre se utiliza do imaginário para fazer uma análise, obtendo respostas concretas e reais.

Existe uma forte relação entre a realidade e a arte, em nosso caso: a literária. A realidade e a ficção estão presentes em nosso cotidiano. Quem, por exemplo, muitas vezes, já não se pegou surpreso pensando se realmente Capitu traiu Bentinho? Ou se ela foi simplesmente vítima de um ciúme doentio, que na maioria das vezes, termina em violência contra a mulher na atual sociedade. Esse exemplo transpassa a fronteira entre a ficção e a realidade, uma vez que uma mulher criada pela Literatura de Machado de Assis poderia representar toda uma sociedade marginalizada e sentenciada, por ela mesma, sem o concretismo da prova. A ficção não é realidade, mas é verossímil, uma recriação tão forte e intensa que nos posiciona diante de fatos que nos deixam em dúvida em que lado da fronteira nós pertencemos.

A Geografia tem se apoderado da arte para explicar alguns processos que ocorrem na Natureza e, também, para contribuir com pesquisas sobre o espaço. São novos olhares, outras linguagens que se apresentam nesse espaço de construção. É plausível que aprendamos Geografia por intermédio da Literatura, por exemplo, de autores brasileiros, ou quais quer outros. Não querendo cometer

injustiça, olvidando de alguém, porque a Geografia está em todos os lugares, podemos citar apenas alguns, entendendo que os demais também aludem aspectos geográficos em suas literaturas, mas a lista ficaria muito extensa. Então, podemos compreender o espaço geográfico como um processo de construção histórico em autores tais como: João Cabral de Melo Neto, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Jorge Amado, Bernardo Élis, Cora Coralina, entre outros. Eles escrevem sobre os aspectos sócio-culturais brasileiros, desenhando várias paisagens do país.

Marandola Jr e Gratão (2010) escrevem sobre essa abordagem, dizendo que a Literatura está junto com a humanidade e é retratada pelos sonhos, pelos desejos. Ela prescreve, de certa forma, as manifestações sociais, mesmo não apresentando cientificidade. Para esses autores a Ciência Geográfica demorou muito para entender que a Literatura é uma importante ferramenta que pode ser utilizada em seu estudo. Mesmo que exista uma compreensão racional e crítica a Literatura esteve sempre isolada, para a Geografia, dentro de seu campo de ação,

[...] as obras literárias sempre estiveram na gaveta da ficção, enquanto a ciência ficava na da não ficção. Gavetas que a modernidade manteve cuidadosamente separadas. Nos tempos de hoje, parece-nos que há uma disposição crescente de revirar estas gavetas, misturando os saberes que cada uma contém no transcurso da interface do conhecimento. Movidos por esta atitude, encontram-se alguns pesquisadores dispostos a virar os conteúdos destas gavetas numa grande mesa, deixando para trás ou até mesmo eliminando completamente as separações. O grande argumento é que a separação estanque do conhecimento é arbitrária e, por isso, mais atrapalha do que ajuda [...] (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2010, p. 7-8).

O revirar dessas gavetas abarrotadas de conhecimentos e substratos científicos é que move o interesse deste trabalho, porque de acordo com Bachelard “A imaginação grava-se em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas, deslocam-nas para que se tornem lembranças da imaginação. [...] O geógrafo pode bem trazer-nos, de suas longínquas viagens, fotografias de aldeias de cabanas.” (BACHELARD, 2008, p. 49). Ainda, de acordo com esse autor é transcendente no homem todo o seu passado, vivido pessoalmente ou sonhado, a imagem é que o conduz; tanto o literato quanto o geógrafo. Dessa forma, essa junção é perfeitamente cabível porque “aportes literários ratificam o fato de que em cada realidade geográfica convivem sempre uma dimensão real e outra percebida, e que

esta última é aquela que dá o componente conotativo que acaba sendo, também, parte inseparável da mencionada realidade.” (ALMEIDA, 2010, p. 141).

Este trabalho tem como propósito averiguar em que medida **Morte e vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto, permite esse intercâmbio entre Geografia e Literatura. Nesse sentido, o texto está dividido em três capítulos que ‘viajam’ sob um referencial teórico geográfico que legitima a fronteira interdisciplinar. Não se distancia de um rigor acadêmico, apenas entende que na fusão sob novas regras o limite fronteiro poderá, sem deixar de ser ciência, dialogar em novos espaços, como o da imaginação porque nem todo trabalho com a imaginação é artístico, é literário. E, ainda, analisa categorias geográficas à luz da poética do escritor João Cabral de Melo Neto, um poeta que construiu seus poemas a partir de um estruturalismo lógico. Sem o sentimentalismo romancista, partiu para denúncias sociais e pinturas de paisagens dos lugares onde viveu desde sua infância, retratando as pessoas, os rios, os mangues, os canaviais, os engenhos, o Estado de Pernambuco e, principalmente, a cidade do Recife. Assim como Marandola Jr e Gratão (2010, p. 11) buscaram, este trabalho tenta “Buscar a geograficidade, a poética e a imaginação nesse fecundo encontro, ‘Geografia e Literatura’ em suas diferentes formas, [...]” (grifo nosso).

No primeiro capítulo denominado **Uma abordagem teórica, literária e paisagística no mundo da Geografia**, entendemos necessário para fazer uma discussão teórica sobre o conversar entre a Geografia e a Literatura. Utilizando para tanto autores anteriormente descritos, entre outros estudiosos que trabalham no plano da junção entre a ciência e a arte. E ainda, numa abordagem teórica verificar o quão importante é o recurso literário utilizado como *corpus* para o estudo da Geografia. Por último, uma revisão sobre a categoria geográfica “paisagem” e como ela é percebida pelo homem.

O segundo capítulo, que apresenta o título **João Cabral de Melo Neto: o lugar da vida e o espaço da obra**, é importante porque nele entenderemos o porquê o autor trabalhou com a Geografia para fazer Literatura, por isso descreveremos a produção e a fortuna poética do literato em contraposição aos críticos literários e aos autores geográficos, buscando compreender a importância de sua obra para a ciência geográfica. Para tanto, foi necessário delimitar o espaço de construção da poética de João Cabral. E apresentamos, ainda, a escrita de uma literatura geográfica, o trabalho: **Morte e vida severina**, onde o autor mostra, na

década de 1950, a Geografia Física e Cultural do povo pernambucano, suas imagens e suas lutas pela sobrevivência.

No terceiro e último capítulo, intitulado **O espaço e a paisagem na poética de João Cabral de Melo Neto e em *Morte e vida Severina***, buscamos estabelecer um diálogo entre as categorias apresentadas, nos primeiros capítulos em relação ao poema. Seguimos identificando as zonas geográficas e descrevendo o espaço e a percepção da paisagem pelo protagonista do poema: Severino. Contextualizar as mortes dentro da obra cabralina, o comportamento do homem diante da face da morte, esta que lhe aparece de várias formas: matada, morrida e a que se vive em vida. E, ainda, numa análise da teoria descrita, direcioná-la ao poema, estabelecendo a relação espaço-temporal do percurso de Severino, confrontando sua percepção nos idos de 1950 e as transformações ocorridas ao longo desses mais de 55 anos. Dessa forma, procuramos reconstruir sua travessia em busca de melhor vida e o processo de migração na época de Severino e nos dias atuais.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, onde nossa voz grita aos dois lados, geógrafos e literatos, que sejam as portas abertas, cada vez mais, ao olhar artístico para o estudo não só com a Literatura, como com outras expressões artísticas. Ressaltaremos os resultados da análise geográfica da obra poética de João Cabral, com fundamentação na paisagem advinda da ficção. A paisagem que é desenhada pelas várias imagens do povo pernambucano. O poeta descreve suas experiências vividas no Nordeste e o protagonista, Severino, sente, 'vê' e percebe todas as pinturas imagéticas, descrevendo-as com uma riqueza de detalhes que o leitor se sente na própria paisagem, entendidas como uma interação dos aspectos naturais e culturais transmitidas no decorrer do tempo.

CAPÍTULO I

UMA ABORDAGEM TEÓRICA, LITERÁRIA E PAISAGÍSTICA NO MUNDO DA GEOGRAFIA

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

(João Cabral de Melo Neto¹)

A epígrafe que escolhemos para encabeçar este capítulo nos dá a dimensão desta pesquisa. Trata-se da união entre duas abordagens teóricas: a Geografia e a Literatura. A modernidade legou às ciências uma característica muito importante para o seu avanço – a “intertextualidade” – que nada mais é que essa “teia tênue” que vai sendo tecida ao longo da história; unindo os diversos conhecimentos humanos, fazendo com que uma teoria possa transitar entre as diversas áreas como “gritos de galos” que cantam em uníssono. Nesse sentido, usar a Literatura para compreender espaço e paisagem é um dos caminhos para a interdisciplinaridade com a Geografia, pois a Literatura é conhecimento e é, essencialmente, arte. E como arte é um tecido tênue que dá maior sentido ao mundo, representando-o, recriando-o, refuncionalizando-o e reinventando-o. O que seria de um cientista se perdesse a capacidade de sonhar, de fantasiar, de inventar? Qual o limite entre arte e ciência? Como o “amanhã” seria tecido? Não somos os primeiros, mas engrossamos a corrente daqueles que acreditam nessa junção enriquecedora do conhecimento, por isso nos “apropriamos” de João Cabral para falar de espaço, de paisagem, de lugar, do homem e do mundo.

É com essa convicção que abordaremos, neste estudo geográfico, a paisagem no âmbito da Literatura. E o autor escolhido para esta pesquisa é João Cabral de Melo Neto que, no ano de 1956, publica um poema que apresenta vários aspectos geográficos, com o título de **Morte e vida severina**. Nesta obra o autor descreve a jornada de Severino. Pelo caminho percorrido, o protagonista depara

¹ Trecho do poema intitulado: “Tecendo a manhã”, da obra: **A educação pela pedra**. (1994, p. 345).

com as mais variadas paisagens. E, ainda, a essência romanesca é demonstrada nas várias cenas apresentadas pelo personagem ao longo de sua travessia física e existencial, fato que facilita a identificação paisagística pelos olhos do nordestino.

O poema dramático traz como subtítulo: “auto de natal pernambucano”. O autor, para escrevê-lo, teve como inspiração os autos pastoris medievais ibéricos. A obra foi escrita primeiramente para o teatro, apresentando dois movimentos, que já aparecem dispostos no título, são eles: a morte e a vida. No primeiro movimento o personagem deixa de ser único, de substantivo próprio “Severino” toma para si uma força coletiva, passa a ser comum “severino”, representando todo o povo nordestino. Aquele que luta bravamente contra a opressão econômico-social e contra a dureza que a vida lhe reservou. Há um enfrentamento da morte, mesmo que, às vezes, o pensamento seja de desistência. No segundo movimento essa força se refaz na “vida”, ela é colocada por um otimismo, com o nascimento e com os conselhos de Mestre Carpina. É dada ao homem a confiança de seguir na luta pela vida, mesmo que ela seja ‘severina’, e também lhe é conferida a capacidade para tentar resolver os problemas sociais.

De substantivo comum, “severino”, o homem Severino passa a adjetivo, “severina”, designando toda a condição de miséria em que se encontram os retirantes. Refere-se, como o próprio poema diz, a uma estreita relação com a morte:

E se somos Severinos
iguais em tudo e na vida
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia.
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida)

(MELO NETO, 1994, p. 172).

Uma vez adjetivo Severino não consegue se individualizar, mesmo com várias tentativas: apresentando nome, sobrenome, relação de parentesco e localização geográfica. Ele é como outros tantos retirantes, outros ‘severinos’, e cada vez mais aproxima de seus pares em sofrimento, dor, fome, miséria ou na vida dura do Sertão. Mistura-se a todos na jornada em busca da vida que não seja tão

“severina”. Nessa caminhada em busca de uma identidade, o personagem identifica-se com o espaço e o apresenta minuciosamente ao leitor, possibilitando, não só uma leitura literária, mas também geográfica. Daí a importância em se estabelecer pontos de confluência entre Geografia e Literatura, possibilitando uma melhor compreensão dos posteriores capítulos desta dissertação.

Para tanto, apresentaremos no próximo tópico a importância do estudo da Geografia tendo como objeto a Literatura. E, também, abordaremos algumas pesquisas já apresentadas com essa característica, com o intuito de corroborar nossa análise, que será mostrada no capítulo terceiro deste trabalho.

1.1 Geografia e Literatura

Apresentaremos, nessa seção, a paisagem percebida dentro da obra literária, especificamente no trabalho **Morte e vida severina**. O poema traz como subtítulo: “auto de natal pernambucano”. O autor, para escrevê-lo, teve como inspiração os autos pastoris medievais ibéricos, e também sua experiência em toda cultura popular nordestina. Relata o périplo de Severino, um retirante que sai do interior para o litoral, e faz esse percurso seguindo o rio Capibaribe, que é descrito metaforicamente por ele como “fio da vida”, contrapondo-o com a tênue linha que separa a vida da morte. O rio Capibaribe também reflete o processo dicotômico entre vida e morte, que será analisado posteriormente. Quando no Polígono das Secas apresenta regime temporário, é intermitente, “é tão pobre que nem sempre pode cumprir sua sina e no verão também corta, com pernas não caminham” (MELO NETO, 1994, p. 176). Depois, retoma seu curso, levando Severino ao seu destino.

Uma obra literária descreve a expressão de um tempo, reflete a experiência do escritor em relação ao espaço por ele vivido. Ela representa muito do que o autor percebeu, sentiu, imaginou, viu ou interpretou dentro de seu cotidiano, real ou imaginário, história ou estória, verdade ou criação... Todas essas abordagens não limitam as características da arte literária. Sua essência, além de demonstrar um acontecimento no mundo real, está na representação de um momento histórico, espaço-temporal, que influencia e, ao mesmo tempo, é influenciado pela sociedade, transformando as paisagens e colaborando na formação do espaço romanesco. Aquele que lê revive sentimentos de uma determinada época, construindo suas próprias paisagens, a partir da experiência dos aspectos vividos pelos personagens

em uma determinada localidade, real ou fictícia e, mais uma vez, participa da construção do que se faz enquanto marco histórico na vida social.

Com a leitura podemos conhecer ficcionalmente os valores sociais, culturais e outros que a história revela. A interpretação, cada um a faz à sua maneira e, na análise, concatena conhecimentos, descobrindo que a Literatura revela uma concreta realidade que demonstra o espaço vivido pelo homem. Neste trabalho analisaremos a paisagem percebida pelos olhos de Severino na obra literária cabralina. Interessa-nos saber como ele sentia e via o mundo diante de tantas mortes, suas fraquezas e descaminhos, da necessidade de percorrer um caminho para prosseguir na luta. O enfrentamento da miserável condição de vida contra a qual o nordestino sempre lutou.

Demonstraremos, também, a seca no périplo entre o Sertão, passando pelo Agreste até chegar a Zona da Mata, sua luta pela sobrevivência, mesmo diante de tanta dificuldade. Analisaremos, na obra, a travessia realizada pelo homem da década de 1950, em contraposição, estabeleceremos relação com o homem atual e a possível realização dessa viagem nos dias de hoje. Investigaremos as manifestações sócio-culturais, o sentimento que o personagem carrega, fazendo uma relação entre o espaço telúrico criado por João Cabral com as transformações desse mesmo espaço ao longo de todos esses anos, até chegar aos dias atuais.

Na obra **Morte e vida severina** o autor descreve uma Geografia literária. Fisicamente retrata a vegetação, a hidrografia e o solo da paisagem nordestina brasileira e continua com a subjetividade do pensamento de Severino, um homem coletivizado e adjetivado, com o intuito de caracterizar todos os viventes que saíram, e, ainda, saem na luta pela sobrevivência. Assim, mostra precisamente a percepção real vivida pelo sertanejo da seca nordestina, de forma a entender e sentir a paisagem geográfica e o espaço romanesco.

O interesse em estudar obras literárias, analisando-as a partir de um olhar geográfico, não é novo. O objetivo dessa visão interdisciplinar aparece como uma ideia de valorização e recuperação do espaço enquanto elemento do texto literário e de categorias da Geografia, que estão descritas em contos, poemas e romances e entre outros textos da área literária. Todavia, no início dos anos 1970, os geógrafos se utilizaram do texto literário com maior ênfase em pesquisas acadêmicas. O Movimento de uso da Literatura acontece, também, em outras cátedras, como é o caso da História. No século XVIII inaugura-se a racionalização da História pelo

pensamento iluminista, inicia-se uma discussão sobre o uso da Literatura como fonte aos historiadores. De acordo com Burke (1992) em 1900 a narrativa literária foi descartada pelo cientificismo, o pensamento da época procurou tentar entender o passado da humanidade por intermédio apenas de fontes documentais. Porém, no início do século XX, na França, dá-se um novo sentido para o uso da Literatura na História, corroborado com a Antropologia, Psicologia e outras ciências.

Podemos encontrar em tempos diferentes, desde os mais remotos até os atuais, muitas obras literárias que resultam de tempo e espaço vividos por seus autores, e ainda, registros que servem de objeto de pesquisa para o estudo da Geografia. Importante passo para o nascimento do imbricar entre a ciência e a arte ocorreu pela necessidade de estudar a relação entre homem e Natureza. Vale apontar a seguinte assertiva: o homem é Natureza, porque antes de ser social, ele é biológico, porém, diversas vezes, são utilizados separadamente esses dois sujeitos, pelo uso que um faz do outro, o primeiro está entrelaçado no segundo, é parte integrante dele.

A relação homem/Natureza, considerada sob o ponto de vista sócio-histórico, é determinada pela atividade material que o homem exerce sobre a Natureza. E como eles estão num só corpo, o homem age como sujeito e também sofre como objeto de sua própria ação. O caráter histórico nasce junto com ele, e uma vez no mundo, o homem encontra os meios que lhe são necessários para se utilizar dessa relação. Quando Marx (1982) nos dá uma definição de trabalho ele, também, insere no pensamento essa intrínseca relação, afirmando que, acima de tudo, há

[...] um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza [...] Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1982, p. 149).

Para o autor citado é necessário se alcançar uma unidade, seja ela entre Natureza e história, ou ainda entre Natureza e sociedade. Uma vez que a Natureza não está fora da sociedade, porque é o resultado da relação de um produto histórico. Ainda abordando o assunto homem/Natureza, quando Smith (1988) ensina sobre algumas concepções de Natureza ele a vê, primeiramente, bastante complexa e muitas vezes contraditória. Ele fala de uma natureza externa; e de outra universal. A

primeira está relacionada aos acontecimentos que estão fora da sociedade, ela é primitiva, “Como árvores e rochas, rios e tempestades, a natureza está esperando para ser internalizada no processo de produção social.” (SMITH, 1988, p. 28). A segunda, a universal, está diretamente ligada à natureza humana, onde o comportamento social é tanto natural quanto os aspectos externos da Natureza. Porém, essa duplicidade, que se define em externalidade e universalidade, não é absoluta e, na prática, a proximidade entre as concepções aumentam ainda mais. Existe uma contradição e uma inter-relação ao mesmo tempo. E Smith (1988) explica esse pensamento dizendo que o conceito de Natureza é um produto social. Sobretudo no que tange à produção de Natureza. O autor, sob os ensinamentos marxistas, avalia como paradoxal, ou até mesmo absurdo, a produção da Natureza pelo homem, e escreve:

A natureza geralmente é vista como sendo precisamente aquilo que não pode ser produzido; é a antítese da atividade produtiva humana. [...] Todavia, com o progresso da acumulação de capital e a expansão do desenvolvimento econômico, esse *subtractum* material torna-se cada vez mais o produto social, e os eixos dominantes de diferenciação são, em sua origem, crescentemente sociais. Em suma, quando esta aparência imediata da natureza é colocada no contexto histórico, o desenvolvimento da paisagem material apresenta-se como um processo de produção da natureza (SMITH, 1988, p. 67, grifo do autor).

A questão socioambiental exige um novo paradigma entre a dicotomia homem/Natureza. É preciso que a relação desses sujeitos seja igualmente tratada dentro de um processo geográfico. E ao geógrafo cabe, também, conhecer e identificar os fatos que acontecem no mundo, para perceber o que ocorre na Natureza como um processo fenomenológico. Esses fatos ocorrem de forma fictícia na Literatura, dando ao pesquisador experiências que podem ser analisadas geograficamente.

A Literatura é arte e apresenta significado ao espaço vivido pelo personagem, ela faz uma interpretação da realidade e consegue transformar a ficção numa verdade transcendental, que traz uma significação palpável. Porque o recurso literário retrata as percepções resultantes da observação do autor em seu cotidiano, não é resultado meramente da imaginação, é descrição de um determinado espaço, concreto ou imaginário, espaços esses que são relatados após o filtro de situações ou experiências vividas. Como bem nos explica Castro A. M. (1999, p. 45), ao escrever que: “E também se pode compreender por que a ficção seja literariamente

verdadeira, embora possa até falsear fatos históricos. Nisso é preciso pensar a natureza do signo e do conhecer [...] ela é fingidora, mas não é falsa”.

A Literatura é uma das expressões do mundo, apontando fatos que podem ser: sociais, históricos, econômicos, culturais, entre outros, que permanecerão eternamente, permitindo ao estudioso remontar o tempo e o espaço histórico, reconstruindo o passado e projetando o futuro em novas paisagens. É por essa razão que o século XX assistiu à valorização da Literatura em todos os campos do conhecimento humano. Ela tornou-se objeto de estudo para a Psicologia, a Psicanálise, a História, o Direito, a Sociologia, a Antropologia e tantas outras, incluindo os estudos da Geografia.

As palavras organizadas pelo escritor representam a exteriorização de muito do que ele viveu e/ou sentiu. Na Literatura o fato real torna-se ficção e a ficção se aproxima da realidade. O romancista revela uma nova realidade através da experiência que obteve de seu conhecimento, seja físico ou fictício. O mundo subjetivo se transforma na descrição da relação do homem com o ambiente. Essa relação é fruto da junção das palavras que o escritor fez, e o geógrafo vai abarcar em seus trabalhos.

Quando o autor termina de escrever seu livro, os fatos ali narrados não mais lhe pertencem, fazem, então, parte do mundo, existem por si só, estão vivos e despertam o sentimento do leitor. É nesse momento que o material serve como recurso para o geógrafo, ele estuda os fenômenos e relaciona-os com as categorias da ciência geográfica. Atualmente, com mais facilidade, já encontramos vários geógrafos que abordam em seus estudos o recurso literário disponível. Uma deles é Ferreira (1990), ela escreve que

[...] os geógrafos podem extrair da Literatura uma fonte de informações e mensagens que, embora subjetivas e secundárias, enriquecem seus estudos. Ao relacionarem os vários temas literários que abordam sob ângulos diferenciados a experiência do sentido de lugar encontram-se diante de espaços de significados, com valores afetivos intensos, com um conhecimento que abarca, simultaneamente, o sentimento, a familiaridade e a intimidade. Quando analisamos, geograficamente, as tramas e enredos que envolvem os personagens num dado espaço e tempo, descritos minuciosamente ou apresentados de forma relativamente indeterminada, descobrimos sob outros prismas faces dos processos de interação com o meio ambiente, particularmente, quanto às atitudes, condutas, identificações com o espaço, com seus lugares e sobre suas formas de atribuir valores, signos e símbolos às paisagens (FERREIRA, 1990, p. 11).

Esse tipo de análise traz um envolvimento entre espaço e tempo no qual podemos, então, atribuir valores particulares na interação com ambiente em que vivemos. Em um estudo sobre o conceito de Região, Oliveira e Machado (1971) utilizaram o recurso literário para analisar como o aluno do segundo ano colegial, naquela época, hoje conhecido como Ensino Médio, entendia essa categoria; e também como ele identificava e relacionava o espaço geográfico com outros conceitos estudados, mesmo expressos numa linguagem poética, dentro de um contexto espacial e temporal. O poema utilizado foi **Morte e vida severina**, escrito por João Cabral de Melo Neto. E, como resultado, os alunos conseguiram acompanhar a caminhada de Severino, desde o Sertão até o litoral, identificando e relacionando o espaço geográfico expresso numa linguagem poética, porém dentro de um contexto espacial e temporal.

O conceito de paisagem, espaço ou quaisquer outras categorias geográficas não estão somente restritos às suas características físicas como elementos de composição ou localização. Eles estão, agora, revestidos de aspectos subjetivos, entendidos numa multiplicidade de sentido que são percebidos pela relação do homem com o ambiente. Outro pesquisador que nos ensina sobre essa concatenação é Moreira; ele escreve que “[...] a relação entre geografia, história e letras não é só possível, como de fato existe. E o que embasa essa relação é a categoria do espaço.” (MOREIRA, 2007, p. 143). Essa realidade quer dizer que quando o objeto de estudo parte do recuso literário como *corpus* para embasar uma pesquisa precisa ser analisado na estrutura da sociedade, no local e no tempo de desenvolvimento da trama e da vida dos personagens.

A Geografia, em suas categorias que a sustentam enquanto ciência, não está impedida de fazer essa ponte com outros recursos e outras áreas do conhecimento humano. A arte representa o real e, mesmo resultando da ficção literária, essa realidade é fruto das relações, sejam elas culturais, sociais, econômicas, entre outras, que ocorrem entre os seres. “Por isso a ficção é tanto mais real quanto mais for ficção, fingir é revelar” (CASTRO A. M., 1999, p. 48). O sentimento despertado pela percepção que se tem da sociedade forma as representações das paisagens ou de imagens filtradas pela percepção humana, que estão diretamente ligadas às experiências vividas.

O fato de que a arte representa a realidade está na imitação, uma recriação, na obra literária, da realidade. Uma *mimesis* explicada por Barthes (1978),

quando aborda o assunto “aula” para discutir, também, as relações de poder dentro da sociedade. Todas as relações sociais são advindas do poder e a conquista desse último está relacionada ao domínio da linguagem. Por isso, podemos constatar que as relações de poder e, conseqüentemente, as inspirações sociais são resultados da estrutura da língua. O autor ainda define a Literatura como uma revolução permanente da linguagem e visa uma responsabilidade pela forma. Contudo, essa responsabilidade não tem caráter ideológico, por esse motivo as ciências da ideologia nunca conseguiram um grande domínio sobre ela.

A Literatura apresenta três forças que Barthes (1978) coloca sob os conceitos gregos: *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis*. A que nos interessa, a segunda, a *mimesis*, define-se na busca do real pela linguagem. “O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura. Que o real não seja representável – mas somente demonstrável – [...]” (BARTHES, 1978, p. 22). Porque a Literatura, além de dar um brilho na representação da realidade, ela muito se aproxima, de forma “que a literatura é categoricamente realista, na medida em que ela sempre tem o real por objeto de desejo; e direi agora, sem me contradizer, [...] que ela é também obstinadamente: irrealista; ela acredita sensato o desejo do impossível.” (BARTHES, 1978, p. 23). O autor ainda escreve:

A literatura assume muito saberes. Num romance como *Robinson Crusóé*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). [...], todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista (BARTHES, 1978, p. 18).

De qualquer forma, a Geografia, em hipótese alguma diminui sua essência, seu teor científico quando aporta na Literatura com o objetivo de buscar outra fonte para identificação de suas categorias. É, por outro lado, uma interdisciplinaridade de grande relevância e provoca no pesquisador a construção conceitual e a identificação do espaço romanesco e da paisagem. Compreender as relações espaciais na obra literária é captar o sentimento do ser em relação ao espaço experienciado sob uma perspectiva estética.

O *corpus* resultante da experiência emitida pelo escritor carrega em seu bojo uma transmissão subjetiva do conhecimento, trazendo à vida uma relação entre o homem/personagem e o mundo que o rodeia, isso ocorre porque a ficção retrata aspectos que imitam a realidade. Essa relação nos permite ampliar a compreensão de abordagens em vários aspectos do cotidiano humano, quais sejam: cultural, natural, social, econômico, entre outros. Dentro desses, é que podemos identificar fenômenos a serem filtrados pelo leitor e aproximar a percepção de categorias geográficas estudadas a partir do texto literário, e numa visão dentro do tempo e espaço alcançar novas percepções de paisagens.

O recurso textual como fonte do estudo científico é, dessa forma, uma ponte entre o escritor e o leitor; este recebe uma informação da realidade de pessoas ou coisas que, depois de criadas e/ou personificadas, fazem parte do universo. Existem como produto de uma profunda análise sensitiva que se rompe no momento final da obra. É preciso um estudo temporal com o intuito de identificar o espaço em que foi criada a representação da realidade, dando ao leitor recursos concretos que devem ser estudados, num processo dicotômico entre o espaço e o tempo. Pois, como bem relata Moreira (2007), inexistente tempo fora do espaço, e a recíproca é verdadeira, o espaço não pode existir se não houver um tempo em que o demarque, porque a análise deve ser feita a partir da premissa espaço-temporal.

O espaço e o tempo são termos trabalhados por Bakhtin (1993), quando mostra a importância da diferenciação das categorias espaciais nos romances. O autor chama de cronotopo (espaço-tempo) uma representação de fundamental importância entre as categorias kantianas do espaço e do tempo analisadas artisticamente, está intrinsecamente ligada ao conteúdo e forma dos textos artísticos e/ou literários;

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 1993, p. 211).

Para uma pesquisa com a análise da teoria do cronotopo precisamos verificar na obra a importante ligação com o tempo histórico em que se insere. A ficção, por exemplo, pode ajudar no entendimento do espaço e na identificação do

tempo quando cria imagetivamente fatos históricos. É nessa relação do espaço-tempo, onde os enredos são (des)feitos, porque o tempo ganha nuances sensíveis do concretismo, como o autor relata “[...] ganha corpo, enchem-se de sangue. Pode-se relatar, informar o fato, além disso pode-se dar indicações precisas sobre o lugar e o tempo de sua realização” (BAHKTIN, 1993, p. 355).

Uma vez cortado o cordão umbilical que uniu o escritor e a obra, ela assume um papel que ultrapassa a linha descritiva. Nutre em suas representações símbolos que a garantem enquanto viva. O fio da existência agora é parte integrante do mundo. Está a cargo da ciência como modelo de experiência, abarcando as relações sociais, formando um grande acervo a ser explorado pelos cientistas; que buscam entender como se dá o processo de evolução histórica do homem e os resultados que isto causa na sociedade e, conseqüentemente, nas paisagens.

Estudar a Geografia através da Literatura é uma forma de apresentar ao mundo uma nova realidade. Como bem ensina Frémont (1980) é o alvorecer de uma nova Geografia, não havendo mais barreiras entre as cátedras que, contudo, continuam com seus objetos de estudo, suas bases epistemológicas. Assim, ao geógrafo abre-se o mundo ao literário e à arte, no mesmo caminho que ao literato cabe conhecer o mundo geográfico. E o intuito, neste trabalho, é reconhecer essa importância sem confundi-los, a junção há de enriquecer o desenvolvimento dos estudos,

[...] levando em conta que vários escritores e geógrafos têm um ou mais pontos em comum relativos à natureza das percepções, das experiências ambientais, ou seja, as experiências com o espaço e com o sentido de lugar, embora sigam suas linhas particulares de trabalhos, a Arte e a Ciência, respectivamente (FERREIRA, 1990, p. 8).

Existem, na Literatura, vários pontos de tangência que servem de sustentação e adicionam provas à Geografia. E a Literatura é um recurso valioso, quase tão importante quanto os tradicionais. Algumas obras literárias apresentam outras formas da realidade vivida, construindo um processo histórico da formação da sociedade, experienciada pelo literato. Um drama, romance ou poema, por exemplo, podem retratar a paisagem, natural ou humanizada, disposta numa relação cronotópica, revelando a construção do real. Enriquecedor, esse recurso será demonstrado a seguir, corroborado por outras pesquisas que trazem em seu bojo a intrínseca relação geográfico-literária.

1.2 O recurso literário como *corpus* para o estudo da Geografia

A utilização do recurso literário como *corpus* para o estudo da Geografia já era realizada nos idos dos anos 1940 pelos franceses, após esse período fica por um tempo inerte. Lima (2000) corrobora essa assertiva afirmando que

[...] o interesse pelos estudos das obras literárias sob uma abordagem geográfica não é recente. Desde a década de quarenta, os geógrafos franceses já manifestavam suas idéias no sentido de valorizar e recuperar a imensa riqueza de cunho geográfico que reside nos romances, contos, poesias, crônicas, entre tantos outros gêneros literários (LIMA, 2000, p. 9).

Posteriormente, tem seu ápice na década de 1970. Aparentemente, o maior interesse pela junção é, além de aproximar as duas formas de conhecimento, abrir novas perspectivas para o estudo do processo fenomenológico, seja ele natural ou fictício. A arte literária apresenta os fatos históricos dentro de um espaço-tempo, trazendo ao leitor um conhecimento do mundo descrito na obra. Narra o vivido pelos personagens, dá, dessa forma, vida aos símbolos, representando sensações de sentido: cheiro, gosto, cor e sentimentos tais como: alegrias, tristezas, melancolia e, ainda, estabelece relações miméticas ou metonímicas de um passado materializado. A arte também tem o poder de caracterizar, em seus escritos, a personificação de coisas, o estudo social, econômico e histórico das relações que, algumas vezes, nascem do ficcional, conseguindo uma aproximação com a verdade, daí a categoria da verossimilhança.

Essa concatenação entre Geografia e Literatura nasce da necessidade de se compreender o mundo que nos cerca de forma mais ampla. E ainda, procurar respostas para indagações existenciais e espaciais, referentes ao estudo da Geografia, no caso da aproximação entre ciência e arte, nós entramos em uma abordagem cultural da Geografia. Esse pensamento trata da cultura como fonte de entendimento do homem em seu relacionamento com o outro e com o ambiente onde se encontra, identificando como ele influencia e é influenciado na organização do meio em que vive.

A condição humana revelada nas obras literárias pode ser reconhecida pelo geógrafo como fonte de pesquisa, um exemplo é identificar como se dão algumas relações sociais, vale dizer que não há obrigatoriedade no pesquisador em conseguir perceber as paisagens, muito menos seu processo evolutivo. Contudo, ele

aprofunda nas características históricas, entendendo os meios físicos e culturais descritos pelo autor, que desenha lugares, paisagens, e outras categorias de estudo, para tanto, não interessa se reais ou ficcionais, elas são verdadeiras condições da vida humana, com características culturais, econômicas, históricas, éticas, morais, estéticas e socioambientais.

A relação entre Geografia e Literatura tem um papel relevante no sentido de estudar as categorias geográficas. A escrita demonstra as características físicas e a subjetividade do personagem em perceber seu mundo. Nós podemos encontrar vários escritores que trabalham suas experiências vividas e as colocam em textos literários: contos, poemas, crônicas, teatro ou romances, de forma que a paisagem ou o espaço, por exemplo, podem ser identificados. Tais como: o estudo da organização social e política, com um rigor científico na representação da realidade, com a ideia de fazer uma crítica contundente a uma realidade corrompida, combatendo como princípio teórico a mistura de raças, em **O Cortiço**, de Aluísio de Azevedo. Nesse romance poderíamos estudar a questão espacial e paisagística da periferia do Rio de Janeiro, então capital do país, lugar de formação de cortiços resididos por negros, mulatos e estrangeiros pobres, numa atmosfera de miséria, falta de condições mínimas de moradia.

A crítica ao nacionalismo absurdo, focalizando fatos históricos e políticos durante a fase de instalação da República pode ser vista em **O triste fim de Policarpo Quaresma**, de Lima Barreto; tecendo, em termos espaciais, uma relação entre o campo e a cidade, numa visão de desmascaramento da utopia romântica de que o homem em contato com a Natureza é feliz e abençoado. E, ainda, a formação espacial da construção do estado do Rio Grande do Sul, com uma mistura do elemento ficcional aos dados e personalidades históricos, recriando, aproximadamente, duzentos anos de história do povo gaúcho em **O tempo e o vento**, de Érico Veríssimo. Em relação às injustiças sociais e dificuldades naturais, enfocando o problema da seca e as condições de vida miseráveis em que está exposto o sertanejo nordestino, podemos estudar em **Vidas secas**, de Graciliano Ramos. Ver, no Estado de Goiás no início do século XX, uma exposição da luta contra as oligarquias políticas rurais em **O Tronco** de Bernardo Élis, com uma efetiva análise da estrutura social política e econômica de Goiás; entre outros.

Então, Geografia e Literatura podem caminhar juntas. Monbeig (1940), tratando dessa aproximação, ensina como entender a paisagem, tendo como

elemento fundamental o homem. O autor escreve que se sente

[...] tentado a escrever que, depois de seu renascimento moderno, a geografia se tornou cada vez menos literária ao passo que a literatura se tornava dia a dia mais geográfica. E que, efetivamente, elas têm um campo comum: a descrição de paisagem. [...] e a tarefa do escritor está exatamente em no-las revelar. É preciso, porém, abstermo-nos de estabelecer uma divisão do trabalho rigorosa: de um lado o escritor e de outro o geógrafo, pois não raro o homem de letras, por uma intuição que o faz não ser um medíocre narrador, ousadamente avança nos domínios do geógrafo e torna a explicação geográfica inteligível para todos (MONBEIG, 1940, p. 225-226).

O autor francês prevê, em meados de 1940, um novo pensar sobre o Ensino de Geografia. Com esse estudo deu à paisagem aspectos encontrados na subjetividade humana. Nela estão inseridos elementos como odor e som. E, além de colocar o geógrafo ao lado do literato, ele também, defendia a união acadêmica entre Geografia e História. Monbeig (1940) estava bem à frente de sua época e explicou o que atualmente é fato, a interdisciplinaridade.

A convergência da Literatura é, principalmente, direcionada ao aspecto cultural da Geografia. Compreender o mundo a partir de uma realidade criada, entendendo como se dá a relação entre o homem e o ambiente em que ele está é uma alternativa de identificação e explicação do espaço geográfico. Um escritor, ao dar vida a uma determinada sociedade, transcreve nela seus valores reais, mostrando como cada pessoa vê o lugar onde está. Esses valores vividos pelo autor são transferidos para a ficção, sua experiência de vida aparece na voz e nas ações dos personagens. Dessa forma, entra em cena um velho questionamento: “A vida imita a arte ou a arte imita a vida?”. É tênue a linha que separa a ficção da realidade, como ensinado por Márquez (1993) na obra **Cheiro de goiaba**: conversas com Plínio Apuleyo Mendonza, ele afirma que

[...] com o tempo, descobri que não se pode inventar ou imaginar o que der na telha, porque se corre o risco de dizer mentiras, e as mentiras são mais graves na literatura que na vida real. [...] Porque acho que a imaginação não é apenas um instrumento de elaboração da realidade, mas a fonte de criação, afinal de contas, é sempre realidade (MÁRQUEZ, 1993, p. 33/34).

A ficção não é realidade, contudo há uma relação muito estreita e harmônica estabelecida entre o real e a arte. As palavras de Aristóteles refletem bem essa proximidade, ao dizer que “Quando plausível, o impossível se deve

preferir a um possível que não convença” (ARISTOTELES, 1997, p. 48). Na literatura cabralina existem elementos da realidade e elementos do ficcional que passam por real, estabelecendo uma relação com o verossímil, sem criações absurdas, ou falas absolutamente irrealis. O literato descreve o seu mundo, e, mesmo que não seja a crua realidade, é algo plausível de se tornar, na ordem verossímil e do necessário.

Claval (1999) quando descreve a proximidade entre Geografia Regional e a Literatura, explica que a Literatura demonstra subjetividades de uma determinada Região, reconhecendo a obra de arte como um documento social. Nesse contexto, o autor fala da Geografia Cultural dentro de um processo evolutivo, com início no período clássico até chegar às escolas mais modernas. Assim, aponta algumas alterações ocorridas no que tange ao estudo geográfico, primeiro, o estudo de técnicas e artefatos e, posteriormente, chegamos até a análise pelo viés das artes, essas que representam signos e símbolos subjetivos.

Para compreendermos melhor como se dá a representação dos signos e símbolos através da Literatura, cabe aqui dizer sobre a constituição subjetiva da arte. Cada um aprende e transcreve o que lhe é dado pelo conhecimento empírico, Deleuze (2001) ensina que a essência do empirismo está imbricada na precisão da subjetividade. Isso porque o sujeito está em constante movimento e esse fato ajuda em seu desenvolvimento. Há uma ‘atualização’ da subjetividade e isso se define em um processo de diferenciação. Para o autor, a noção de subjetividade está ligada ao processo de produção social e está em constante mudança. “Nesse sentido, o sujeito reflete e se reflete: daquilo que o afeta em geral, ele extrai um poder independente do exercício atual, isto é, uma função pura, e ele ultrapassa sua parcialidade própria.” (DELEUZE, 2001, p. 94).

O autor coloca o subjetivismo do sujeito em dois aspectos: o de crer e o de inventar, resultando em uma normatividade onde ele pode criar regras, porque todo conhecimento nos é dado pelos poderes da Natureza e fazemos a distinção entre o que se descreve e o que se cria, “[...] Crer é inferir de uma parte da natureza uma outra parte que não está dada. E inventar é distinguir poderes, é constituir totalidades funcionais, totalidades que tampouco estão dadas na natureza.” (DELEUZE, 2001, p. 94).

Retomando Claval (1999), vemos que o estudo daqueles primeiros, que analisavam a Geografia por meio de técnicas e artefatos, empreendia em

possibilidades do modo de vida social, identificando cultura, localização e costumes, dando características da relação do homem com o ambiente e com ele próprio. Aparece essa nova visão, a análise pela arte, que instiga o conhecimento da formação social, sem perder sua identificação de artefato do próprio homem, assim como os primeiros. O autor garante um bom direcionamento do estudo, afirmando que

[...] o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que a literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos de 1970 (CLAVAL, 1999, p. 55).

Para Claval (1999) a ideia é analisar, especificamente, o espaço na fase regionalista da literatura francesa. Para tanto, ele estuda como alguns escritores descrevem a paisagem, dentre tantos cita Flaubert e Zola. O teórico consegue enxergar nas obras desses autores muitas características sociais apresentadas subjetivamente, que traçam aspectos da paisagem regional relativos ao espaço vivido, carregadas de apontamentos da situação social. Ele conclui que os escritores traçam novas perspectivas, diferentes daquelas que a sociedade francesa vivia no século XIX.

Além dos franceses houve, também, uma corrente da língua inglesa que se interessou pelo assunto com importantes autores, dentre os quais podemos destacar Tuan (1982; 1983). Essa pesquisa mais recente tem grande relevância nos anos 1970, principalmente no estudo das descrições. Ferreira (1990), ao apontar as contribuições que os autores da língua inglesa trouxeram para o estudo da Geografia utilizando como referência a Literatura, afirma que

[...] estes estudos abrangem tópicos variados tais como as colocações sobre o caráter geográfico na Literatura, o campo de inter-relações entre ela e a Geografia, as vantagens e os cuidados necessários que devem ser tomados pelos geógrafos em seus trabalhos nesta área, ao reconhecerem ambas como abordagens complementares nos estudos sobre aspectos da experiência humana com o espaço. Ainda foram estudados aspectos referentes à percepção do espaço e dos lugares por determinados escritores, as formas de descrição, de desfiguração de paisagens e sobre a importância da imagem literária criada como um canal de influências positivas ou negativas nos leitores sobre os diferentes lugares do mundo (FERREIRA, 1990, p. 20).

Tuan (1980) quando busca o recorte literário no embasamento das questões geográficas, o faz na tentativa de demonstrar ao leitor que alguns lugares são ainda mais difíceis de serem percebidos quando analisados sem as nuances da Literatura. Com a leitura podemos adentrar em lugares mais complexos, temos uma percepção diferente para identificação da paisagem. Continua ensinando o autor, em seus estudos sobre o sentimento topofílico², um encontrar na Literatura com o recorte de imagens produzidas em determinados tempos e contextos, para uma análise do espaço vivido na identificação com os lugares. E são subjetivos, demonstrados na preferência de cada um em relação ao mundo físico, porque esse sentimento por um determinado lugar está intimamente ligado à experiência do espaço vivido, o homem cria laços afetivos onde passou sua infância, por exemplo.

Confirmando forma ao imagético da linguagem literária, afirmamos que a imaginação do leitor é infundável, não alcançando limites palpáveis do que interpreta da poesia. Dessa forma, o retrato da Literatura elucida o papel imaginativo da arte. Como bem explica Bachelard (2008, p. 2) “[...] o poeta não me confere o passado de sua imagem e, no entanto, ela se enraíza imediatamente em mim”. Assim, a Geografia e a Literatura se imbricam corroborando dentro das leituras a (re)criação imagética do que venha ser a realidade, dando sentido e sentimentos ao mundo criado. É o ficcional que se faz vivo e reproduz como narrativa literária o sentimento que desperta no geógrafo a percepção da realidade.

A Literatura em sua completude, poesia, drama, conto ou romance dá ao leitor novas formas de, além de entender o mundo, identificar uma visão alternativa na construção do conhecimento geográfico e, de tal maneira, criar conjuntos de ideias vividas na narrativa que conceituam categorias da ciência. Essa interdisciplinaridade, entre a ciência e arte, miscigena e amplia a capacidade do pesquisador em identificar a paisagem que nasceu da escrita e o que ela representa para uma sociedade. Ainda, numa retomada aos autores da língua inglesa que

² O termo topofilia, junção de duas palavras: “topo”, traduz-se lugar; e “filia” é o sentimento afetivo do homem pelo mundo que o cerca, explicita uma relação de intimidade do ser humano com o espaço e o lugar onde ele se identifica. Criado por Gaston Bachelard quando analisa a poética do espaço e sua estreita relação com a casa. Depois, muito bem apropriado por Tuan (1980) numa demonstração dos vínculos afetivos que o homem desenvolve com o lugar. Temos variadas formas físicas na superfície terrestre, elas se “comunicam” com o homem à medida que ele a percebe e faz sua avaliação, sabendo que o resultado está intimamente ligado a cultura. As pessoas não sentem de forma igualitária uma mesma realidade, assim também como grupos sociais não o fazem. Topofilia é o sentimento de afetividade do homem por um ambiente físico que teve/tem estreita relação. E na mesma ordem dos autores citados, tratamos de um sentimento oposto, chamado de topofobia, que é o espaço de aversão, de medo que certas paisagens podem causar.

abordaram esse estudo, Tuan (1980) relaciona as ciências sociais para serem estudadas na Literatura, escrevendo que

[...] a literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornecem informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos. A novela realista não retrata com tanta precisão a cultura (que a ciência social também procura fazer) como salienta as particularidades das pessoas nessa cultura. A opinião única foge da explicação da matriz sociológica. Para interpretá-la, o novelista sugere fatores que, em si mesmos, são poucos conhecidos: dom congênito (temperamento) de um lado e acidentes da vida (acaso) de outro. Os escritores criam personalidades fictícias; eles mesmos são personalidades com opiniões que sobressaem acima do discurso livresco de suas sociedades. As pessoas têm atitudes características para com a vida: a afirmação é pedestre e a aceitamos facilmente. Os escritores, no entanto, têm alcançado sucesso em expressar claramente as diferenças sutis na visão do mundo. De seus escritos aprendemos a reconhecer a singularidade das pessoas (TUAN, 1980, p. 56/57).

Assim, o autor faz um estudo a partir da Literatura escrita pelos russos: Tolstoi e Dostoievski, e também pelos poetas norte-americanos: T. S. Eliot, Carl Sandburg e E. E. Cummings, e ainda pela britânica Virginia Woolf. E, de acordo com Ferreira (1990), o autor faz esse estudo no sentido de demonstrar como a realidade ambiental é percebida e a riqueza de detalhes com que originalmente esses autores escrevem, e, ainda, como eles representam as sensações, retomando suas experiências, cada qual em seu mundo. Como a autora bem escreve “[...] considerando que a habilidade de visualização espacial parece estar associada com as habilidades verbais na transmissão das imagens das experiências ambientais destes escritores” (FERREIRA, 1990, p. 22).

Nesse contexto Tuan (1980) direciona seu estudo, principalmente, ao entendimento da percepção, tendo como *corpus* a Literatura. Nela, ele consegue explicar o sentimento topofílico como resultado da relação do homem com o espaço. O escritor faz uma criteriosa descrição de ricos valores identificados nas categorias geográficas de maneira sensível e profunda, oferecendo à ciência mais um campo a ser explorado, que é a arte literária. E faz isso com o intento em demonstrar que, nesse recurso, alguns requisitos essenciais para a percepção dos lugares seriam descartados, não seriam sentidos pelo homem. A Literatura aumenta o campo do sentir humano na percepção, por exemplo, das paisagens, completando a perspicácia do homem para identificação científica.

No romance, os conceitos de paisagem, lugar ou espaço, são diferentes da percepção que o geógrafo sente quando no estudo *in loco*. Não estão mais e somente dados por elementos físicos da composição do local, eles estão, agora, carregados de imaginação real, de sentimento e da subjetividade que o autor deu ao personagem para descrever seu ambiente, ou ainda, ao representá-lo através da arte. Com a leitura da obra, consegue-se perceber o que foi registrado em um tempo passado, porém pode-se compreender sua significação de presente. Vemos, então, um momento histórico gravado no tempo e no espaço que se interage com a atualidade. Como bem explica Merleau-Ponty (2000) ao estudar sobre o uso da Literatura na compreensão dos significados, ela diz que

[...] um romance, um poema, um quadro, um trecho de música são indivíduos, isto é, seres que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 162).

A arte consegue levar ao estudioso uma liberdade de interpretação em riqueza de detalhes. E, nesse sentido, compreender que não há apenas uma significação para o que ele consegue ver, ler ou sentir, não existe limite na realidade imagética, pois nessa junção entre ciência e arte a cada leitura (re)criamos fontes imaginárias da realidade. Vale dizer que existem outras possibilidades de percepção, porém nos atemos a esse por corroborar o assunto abordado neste trabalho.

Segismundo (1949), ainda sob a batuta da pesquisas de Monbeig, enfatiza o estudo da Geografia com base na Literatura, afirmando que no decorrer da história, ciência e arte sempre caminharam juntas. Para o autor esse imbricar - a inclusão de um romance nos tratados de Geografia, uma vez que a obra não é uma composição geográfica, da mesma forma acontece na reciprocidade, a Geografia não é uma obra literária - seria um contra-senso somente a partir de uma visão leiga. Porque, quando aprofundamos no estudo e direcionamos nosso conhecimento ao pensamento científico na interdisciplinaridade e no reconhecimento do mundo, através do que sentimos estamos, na verdade, buscando novas perspectivas para o estudo interdisciplinar.

Com um olhar voltado para a busca de novas técnicas, uma obra de arte pode dar uma enorme quantidade de dados a serem pesquisados e referenciados no âmbito da Ciência Geográfica. Como bem nos ensina Segismundo (1949, p. 327) “[...] a distinção entre atividade literária e atividade geográfica, especificamente considerada, data de um século apenas. Uma e outra disciplina sempre andaram juntas desde os documentos mais primitivos, às produções da centúria passada”. O trabalho dele foi elencar obras literárias que descreviam grandes aventuras, ou apresentavam diversas paisagens nas viagens que faziam seus personagens por regiões longínquas.

E, nesse contexto, demonstrar a descrição do conhecimento geográfico nas histórias, principalmente, na identificação minuciosa do sentir o espaço. Essa junção se dá, também, porque descrever a paisagem é um estudo que permite uma unidade entre a Geografia e a Literatura, e, de forma alguma, trará um desentendimento entre as cátedras. O geógrafo continuará sendo um cientista, procurando explicar as dinâmicas do mundo. Como ensina Tuan (1982), a Ciência Geográfica tem como objetivo estudar a superfície da Terra como o local em que vivemos como lar, de forma tal que possamos entender a natureza desse lar.

Os estudos com esse direcionamento continuam ocorrendo desde remotas datas até a atualidade e Mota (1961), nessa discussão, soma, explicando que esse recurso é de grande relevância para o discernimento e identificação do que ocorre em nossa volta. No seu entender, para alguns que relutam em aceitar que a Literatura tenha realmente importância para o estudo da Geografia incorrem em um ledão engano. E assim escreve que “[...] em vez de empecilho, a literatura é caminho, e dos mais sedutores para a Geografia. É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la.” (MOTA, 1961, p. 93).

O autor, ainda, ensina que é necessário estar ciente do verdadeiro sentido do que se quer identificar, se, por acaso, fugir a isso incorremos em ficar fora da ciência. Seu trabalho foi mostrar, no âmbito da literatura brasileira, várias questões abordadas no regionalismo do país. A Literatura descreve fatos para a compreensão da Geografia Regional. Nesse mesmo prisma é que pretendemos mostrar, também neste trabalho, como complemento, a influência literária cabralina com suas variáveis, histórica, social, econômica, entre outras. Quando João Cabral de Melo Neto descreve, no drama **Morte e Vida Severina**, o trajeto de Severino, um personagem que traz para o plano real, de forma verossímil, um Pernambuco de

1956, com a luta do retirante nordestino em busca de melhor vida, dessa que não seja “severina”, o poeta aponta aspectos geográficos do que era a realidade regional nordestina naquela época, numa mistura entre realidade e ficção.

Mais recente, no Brasil, temos autores que dedicaram suas perspectivas à concatenação entre Geografia e Literatura, dentre os quais podemos destacar: Ferreira (1990), que citamos anteriormente, Almeida (2003) e (2010), Olanda (2006), Araújo (2007), Sousa (2008), entre outros. Todos esses autores abordam, também, a Literatura como recurso para o estudo da Geografia. Uma das razões dessa escolha é que a Literatura consegue demonstrar em suas obras a relação socioambiental de um determinado espaço.

Podemos extrair uma invariável fonte para embasamento do conhecimento geográfico, mesmo ela não sendo escrita com esse objetivo, revela substâncias investigativas que dão à ciência excelente campo repositório para interpretação de paisagens, lugares e espaço romanesco. Em seu conteúdo traz um valor documental fenomenológico, porque o escritor consegue transportar experiência vivida aos personagens, que demonstram, numa relação espaço-tempo, o sentimento topofílico que se revela na subjetividade do autor e na sua experiência, que ele tão detalhadamente escreve e é resultado do que obteve do mundo.

Almeida (2010) faz uma análise geográfica da poética dos cantos sertanejos de Patativa do Assaré. Importante chamada que a autora revela nesse texto é a diferenciação entre Geografia literária e Geografia da Literatura, ela explica que

Grosso modo, para Brosseau (2002) a geografia da literatura se interessa pelo contexto da produção da obra, melhor dizendo, o que se encontra *hors-texte*, tanto a montante (condições de produção da escrita) como a jusante (divulgação, repercussão no meio acadêmico e do mercado, comercialização, prêmios). Já a geografia literária tenta, preferencialmente, fornecer uma interpretação do texto literário, baseando-se em categorias, conceitos e análises geográficas e até o aspecto social é incorporado (ALMEIDA, 2010, p. 142).

Nesse texto a autora faz uma apreciação da poética de Patativa do Assaré combinando aspectos de uma Geografia da Literatura com uma Geografia literária. O objetivo principal é compreender e interpretar o Sertão e seus significados, fazendo um contraponto sobre as relações entre a opinião do poeta, sobre ele próprio, como sujeito, e seus poemas. O escritor é pesquisado como um

estudo de caso e, também, interlocutor. A autora, juntamente com Olanda, também escreve que “[...] A linguagem literária comunica, pois aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana. Ela revela a visão e o posicionamento do escritor frente ao mundo.” (OLANDA e ALMEIDA, 2008, p. 22). Admitindo o valor da Literatura como documento social, e ainda explicando, numa abordagem à Claval (1999), os literatos têm uma sutileza em descrever a relação social revelada numa nova percepção espacial, isso realizado por intermédio do sentido e do visto pelo personagem.

A Literatura é o caminho para transcrever o sentimento dos personagens no espaço romanesco. Olanda (2006) faz uma pesquisa geográfica de duas obras escritas por Carmo Bernardes, escritor Goiano, intituladas **Memórias do Vento** e **Jurubatuba**. Bernardes retrata, nessas obras, as relações sócio-espaciais no desenvolvimento da cidade de Goiânia e, ainda, o Sertão e o sertanejo Goiano dos anos de 1950, escrevendo as representações da Natureza na relação com o homem do campo. Elas servem como objeto de investigação que desvelam a sociedade goianiense e goiana no nascimento do mundo citadino, e, da vida sertaneja. A autora relata que “[...] no contexto dessa abordagem, o geógrafo aplica a leitura e a interpretação de obras literárias como procedimento de investigação e desse modo, instrumentaliza a Literatura para conhecer o mundo dos Homens” (OLANDA, 2006, p. 20). Reconhecendo a obra literária como um documento que representa o real porque situa uma determinada coletividade, ou mesmo, um indivíduo que mostra sua experiência de um lugar.

Sousa (2008) é mais uma autora que estuda a literatura regional Goiana, quando no livro **Viver é devagar**, escrito por Brasigóis Felício, vislumbra categorias geográficas representadas socialmente. Ela mostra que o escritor aborda lugar e paisagem como objeto de narração dentro de um o espaço vivido, carregado de representações da vida afetiva, valores, crenças entre outros sentimentos, que são formas da relação do meio literário com o mundo. A autora afirma que

[...] não importa se as palavras presentes na obra literária nasceram da verdade, da imaginação, das lembranças da representação ou de um pouco de tudo, o que importa é que representa um momento histórico, um tempo e um lugar. A literatura é a expressão da sociedade, e a sociedade influencia e/ou modifica a literatura [...] os símbolos e signos surgem por meio de subjetividade e estão deambulando e gritando pelas ruas da cidade, esperando que alguém atendo os ouça e os liberte para que vivam além de

seu tempo. De uma maneira livre, fundados no critério estético, a literatura é ao mesmo tempo, voz e escuta do mundo (SOUSA, 2008, p. 18/19).

A obra de arte demonstra, no tempo e no espaço, os fatos e as relações sociais compreendidas no sentimento e na experiência de vida, a imagem serve de subsídio para uma percepção de fatos experienciados. O texto é uma porta que retrata as transformações da paisagem em diferentes momentos históricos, aproximando o expectador com o processo de construção do espaço geográfico. Então, a aproximação da Geografia com a arte torna-se indispensável para a construção de um novo saber, para o desenvolvimento científico, e não apenas requisito da arte como documento, mas como signo e símbolo da significação de um espaço/tempo da relação social, cultural e ambiental.

Existe uma relação muito forte entre a imagem e a experiência de vida daquele que decifra o que vê. A história que envolve toda sua trajetória, todo o decorrer de sua existência é que constrói e seleciona no homem, cada forma vista, para entender a imagem a ser decodificada. Aí estão entrelaçados os símbolos, percepções, as atitudes e os pensamentos que nunca serão iguais, nem mesmo para duas pessoas residentes numa mesma localidade. Cada ser humano sente o mundo de uma maneira, numa perspectiva temporo-espacial. Portanto, a paisagem nunca será igual, nem mesmo para o próprio indivíduo que a observa, visto que há uma dinamicidade constante em seu processo de evolução. E ainda, se considerarmos os aspectos de percepção, tais como: biológicos, ponto de vista do observador, escala, condições psicológicas e cognitivas, culturais pela experiência de vida essa dinamicidade se evidencia mais ainda. É sobre isso que passamos a falar.

1.3 A relação percepção *versus* paisagem

A paisagem não é estudada somente pelos geógrafos, porém é um termo apropriado pela Geografia que, conseqüentemente, consegue explicar objetiva e subjetivamente, grosso modo, o que se vê, e o que se sente. Ela é utilizada para, principalmente, tentar dirimir algumas questões relacionadas ao espaço. Aparece com diferentes conceitos que convergem numa perspectiva de entrelaçamento entre o homem e as imagens formadoras do ambiente. Pode ser percebida e entendida

intrinsecamente de maneira a levar os visualizadores aos mais nostálgicos dias da sua experiência vivida.

A paisagem é estudada em diversas áreas do conhecimento, principalmente na redescoberta da Geografia, mais especificamente pela área Humanística. Com essa evolução epistemológica, estamos prontos para analisá-la sem o conservadorismo e a obscuridade de meados do século passado. Dessa forma, torna-se impossível falar da paisagem sem antes caracterizar a percepção. É esta que nos define, dentro de um determinado contexto, o resultado paisagístico.

A análise inteligível da percepção está relacionada subjetivamente em cada indivíduo. Essa sensibilidade está delimitada pelo filtro cultural, de forma intrínseca, pela vivência que cada pessoa tem do lugar em que se analisa. Encontramos uma sequência lógica a partir da realidade que nos é dada. Antes de tudo, para entendermos a estrutura dos filtros culturais e individuais, necessário se faz conceituar a paisagem, que é definida por Santos (1988, p. 61) como “o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não sendo formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” Já Bertrand (2007) analisa a paisagem como uma palavra viva, corriqueira; onde cada pessoa faz o uso desejado, sendo monótona, romântica e até mesmo fora de moda. No uso socioambiental, a paisagem se torna a palavra-chave da atual sociedade.

Numa visão simplista, podemos indicar que a paisagem pode receber vários significados. Na Ciência Geográfica ela é contextualizada como um conjunto de estruturas naturais e sociais de um determinado lugar, no qual se desenvolve uma intensa interatividade, seja entre os elementos naturais, seja entre as relações humanas, reais ou fictícias, ou ainda do homem com a Natureza. A percepção dessa paisagem se dá considerando os sentidos humanos. Para “vermos” uma paisagem esses pontos abordados dão características ao processo fenomenológico e induzem o homem a identificá-la. O filtro individual demonstra que depende do estado de quem vê. Nossos olhos estão preparados para visualizar apenas aquilo que nosso filtro permite, sem contar que nenhum dos fatores pode ser “abolido” ou alterado para, no final, conceituarmos subjetivamente a paisagem. Nunes (2002) nos ensina uma noção conceitual da paisagem escrevendo que

[...] em momentos assim, num barco ou numa praia, pela janela de um trem ou em uma casa em um bairro qualquer, a paisagem está sempre atraindo nossa atenção. É como se estivéssemos em um teatro, diante de uma

cenografia recém revelada por um abrir de cortinas. Bela ou feia, clara ou mal iluminada, próxima ou distante – não importa – somos atraídos pela paisagem como são os olhares dos espectadores atraídos pelo palco. E o que vemos ou percebemos estimula nossa imaginação e desenvolve nossa capacidade de observação. Aquilo que os olhos vêem junta-se os estímulos sonoros provenientes de uma circunstância qualquer e já não somos alvo apenas do que vemos, mas também do que ouvimos. (NUNES, 2002, p. 216).

Os elementos elencados por Nunes (2002) corroboram o pensamento de tornar-se muito difícil a caracterização da paisagem sem antes entender o funcionamento subjetivo da percepção no homem ou personagem, pois nós nunca ‘vemos’ a paisagem em sua integralidade, sempre a percebemos em partes. Existe muito mais do que, simplesmente, se vê. E para que essa visão seja completa temos, de acordo com Bertrand (2007), os seguintes passos: primeiro, a sensação, o que se sente quando depara com a paisagem. A seletividade é instantânea e dependente do olhar – topofilico/topofóbico - para a valorização da paisagem se mostrar com um sentimento positivo ou negativo do observador, pela sua relação com o lugar. Obviamente esse filtro selecionará de forma mais branda, permitindo uma análise diferente de um desconhecido. O segundo passo é a motivação, constatamos o interesse do visualizador, em que realmente ele pode estar interessado em retirar, naquele momento, impressões do que está vendo.

Após verificar o interesse, vem a cognição que se define pela memória. Esta é uma forma de filtrar a paisagem e resume-se nas impressões e nos conhecimentos adquiridos anteriormente, a co-relação com o já visto. Assim, também, continua com a organização das imagens para uma verdadeira identificação e abrandamento do peneirar cognitivo. Dessa forma, passamos por três etapas que delimitam o sentimento do que se vê subjetivamente na paisagem. Agora é o momento da avaliação, há um julgamento, uma seleção e uma expectativa. Uma probabilidade positiva ou negativa para entender e codificar o que se vê através da conduta. Esse último filtro já permite a emissão de uma opinião, e também, determinar uma ação, até mesmo um comportamento sobre a paisagem. A partir disso, o observador já consegue emitir subjetivamente uma definição para a categoria.

Com o conceito subjetivo, o visualizador realimenta suas expectativas e volta para a paisagem real com suas próprias conclusões. Vale dizer que tudo isso ocorre em questão de segundos. A visualização da realidade passando pelos filtros

culturais anteriormente descritos, sensação, motivação, cognição, avaliação e conduta, não se tem análise em que paramos para verificar a conclusão de cada um separadamente, tudo acontece num piscar de olhos e assim temos novamente resultados esperados ou diferentes da primeira impressão.

A paisagem real em que o observador, a partir de sua análise, tem resultado positivo ou negativo é apontada por Cosgrove (1998), afirmando, logo no título de seu trabalho, estar a Geografia em toda parte. Essa assertiva vem com o objetivo de ressaltar a cultura e o simbolismo nas paisagens humanizadas. Ele, nessa mesma obra, continua afirmando que a Geografia deveria ser um prazer e não estar dentro de um plano prático. Para estudarmos esta ciência deveríamos levar em consideração

[...] as paixões inconvenientemente, às vezes assustadoramente poderosas, motivadoras da ação humana, entre elas as morais, patrióticas, religiosas, sexuais e política. Todos sabemos quão fundamentalmente estas motivações influenciam nosso comportamento diário. [...] Contudo na geografia humana parecemos intencionalmente ignorá-las ou negá-las [...] nossa geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem humana tendendo a reduzi-la a uma impressão pessoal de forças demográficas e econômicas (COSGROVE, 1998, p. 97).

Trata, ainda, o mesmo autor, da paisagem simbólica, dando a ela significado de um texto cultural com várias dimensões, esses textos apresentam diversas possibilidades de leituras, sendo todas igualmente válidas. O entendimento da interpretação das paisagens humanizadas é realizado sob o prisma das habilidades que temos a partir da análise de texto literário. Cosgrove (1998) vai além, fazendo esse estudo, também, com outros tipos de arte, como a pintura por exemplo.

A percepção geográfica retirada de uma obra literária também passa pelos vários passos descritos anteriormente, quando da análise de Bertrand (2007), uma vez que o estudo, neste âmbito, traz à Geografia importante contribuição que corrobora para reflexões no contexto dentro de uma perspectiva experiencial. E o estudo da percepção geográfica, à luz de obras da Literatura é, também, feito por Ferreira:

[...] isto ocorre, não somente em função da obra literária, mas também por ser considerada expressão legítima da própria percepção, cognição e afetividade. Neste sentido, algumas destas obras podem ser consideradas como verdadeiros laboratórios para a análise de situações experienciadas e

percebidas, transformando ou não as atitudes e condutas dos seres humanos em relação ao significado dos seus espaços e lugares. [...] A literatura contribui para a percepção geográfica através dos seus registros que falam de um mundo experienciado cotidianamente, de modo imediato ou conceitual, pelos escritores, mediante as conjunturas fictícias ou não das paisagens vivenciadas pelos personagens. Deste modo, a percepção dos aspectos da paisagem geográfica vivida nos revela outras dimensões relacionadas à espacialidade que se transforma, com o tempo, em termos da criação e da transformação dos valores, crenças e símbolos de seus indivíduos ou de sua população (FERREIRA, 1990, p. 159).

A autora também demonstra a importância da contribuição da Literatura para a percepção geográfica, seja no mundo fictício ou no real. Grande parte dos estudos acerca da paisagem se reduz a uma interpretação dualista. A primeira tem como base enquanto natureza-sujeito. A existência social só é possível por meio de um processo entre a formação da imagem e sua interpretação social. A paisagem é, então, definida como um fenômeno cultural. Num segundo momento, podemos dizer que a paisagem é uma natureza-objeto. Não é nada além de uma porção de espaço terrestre. É uma realidade que existe independente da ação, da observação e do homem, sendo, portanto, definida como um fenômeno natural.

Para Bertrand (2007) esse conflito entre o culturalismo e o naturalismo geralmente são considerados contraditórios, ou seja, uma oposição entre a filosofia e a filosofia materialista. Porém, somente a interpretação idealista pode ser irreversível, pois ela transforma a paisagem em um singelo fenômeno de percepção, reduz o estudo às análises de “espaços percebidos” ou “espaços vividos” e permanece nas pesquisas sociológicas e geográficas. Assim, com o fenômeno da percepção, foi possível socializar as considerações sobre o ambiente natural. Retomamos, então, a valorização dada por Cosgrove (1998), a paisagem como verdadeira parte de nossa vida. Vemos, dessa forma, a paisagem carregada de significados. E um prazer dado pela Geografia está em decodificá-la

[...] porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos. Uma geografia efetivamente humana crítica e relevante, que pode contribuir para o próprio núcleo de uma educação humanista: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos (COSGROVE, 1998, p. 121).

É a paisagem resultado da expressão humana, com significados subjetivos. Ora na posição de sujeito, ora na posição de objeto, a paisagem escapa

à racionalidade linear, redutora e causal do cartesianismo, assim como do objetivismo e do cientificismo positivista, sendo limitada pelo fenômeno da percepção. Na divisão da atual pesquisa científica, a análise global da paisagem surge como a busca por uma utopia em um universo extradisciplinar. A intenção não é alcançar, diretamente, um método de análise específico e sim traçar problemas que os procedimentos mais clássicos e setoriais não permitem abordar.

A lógica do raciocínio permite que a pesquisa, mesmo superficial e incerta, conduza ao fim, ou seja, que se chegue a uma análise da paisagem, permitida também pelo paradigma sistêmico, e, para isso, temos que organizar a paisagem no interior de um sistema. Para apreendermos uma paisagem, mesmo com a dificuldade em função da dinamicidade de se apreender algo, é preciso acumular obstáculos conceituais e metodológicos, contrapondo esses acúmulos com as contradições aparentes. E enumerando as “qualidades” essenciais de uma paisagem percebemos que elas vêm de categorias julgadas estrangeiras ou contraditórias.

Então, resta-nos delimitar o motivo do reaparecimento desse termo. Podemos dizer que sai da necessidade de explicar outros, mais especificamente o espaço, que sempre foi uma categoria que confrontou e embasou as discussões intelectuais do geógrafo. E, em meados da década de 1960, o termo paisagem é retomado pela Geografia, para ajudar a entender e explicitar melhor essa terminologia, de forma mais coerente e com maior facilidade para sua conceituação. Esse fato fortalece o uso da Literatura para a contribuição da percepção da paisagem. E isso é de extrema importância, trazendo uma contribuição de vivência para a Geografia.

Dessa feita, pode-se, a partir de um observador, imbricar os conhecimentos físicos ao íntimo do ser humano, dando-nos a capacidade de gostar/desgostar, e ainda melhor, de sentir o estado da alma em tudo aquilo em que vemos. A análise geográfica de uma obra literária transforma e nos faz entender um conceito mais amplo de percepção da paisagem. Revela a sensibilidade do homem, dando à paisagem valores da emoção humana, mesmo sendo a imagem ficcional, apresenta as diversas faces e experiências que homens e mulheres viveram e ainda vivem, em suas trajetórias social, histórica e ambiental.

Sob esse prisma, a interdisciplinaridade firma-se como um imbricar entre as ciências de Letras e Geografia. E é de grande relevância para conceituarmos

algumas terminologias, principalmente as que trazem em seu bojo aspectos humanos, para entender o processo de percepção geográfica da paisagem. Ao analisar uma obra literária, retirando dela suas características e categorias geográficas, é revelada a sensibilidade humana, e também, uma visão diferente da clássica aos sentidos da percepção da imagem. Importante lembrar que ao observar/perceber uma paisagem, não há como separar os aspectos humanos dos demais componentes que a formam.

Neste trabalho, faremos um recorte, revelando a viagem de Severino, numa dicotomia, com as mais variadas faces da morte e o encontro final com a vida. O trajeto está carregado com uma atmosfera de dualidade, além da morte e vida, da desesperança e da esperança, trata também da seca e do rio, que são metáforas geográficas e climáticas entre morte e vida; da vegetação nativa com a intromissão da monocultura; da carência social e daqueles detentores do poder econômico. Na sua travessia, o protagonista percebe todas essas paisagens oferecidas pelo rico caminho pernambucano, que Marandola (2007) assim o descreve

[...] o caminho de Severino é do interior para o litoral, para a capital. Como diz João Cabral, Recife é o depositário de toda a migração do Nordeste. É para lá que todos os severinos buscam fugir da morte. E o leitor encontra este Severino saindo do sertão, iniciando seu caminho em direção ao Recife, tentando, por cada lugar que passa, ficar, trabalhar, viver. Mas como já foi dito, todo o caminho é de morte, e ele segue seu curso, acompanhando o Capibaribe, até sua foz: o encontro com o oceano em Recife (MARANDOLA, 2007, p. 83).

A autora revela, apontando no périplo, a fuga da morte, com a busca pela vida, porque todos os lugares por onde Severino passa, tenta trabalhar, prolongando a o seu deslocamento e sua travessia existencial. Ensina ainda, dentro do dualismo descrito sobre o rio e a seca, que “Neste caminho, até os rios são severinos. A água é, sem dúvida, elemento central que permeia ‘Morte e vida Severina’, não apenas na sua presença, mas principalmente em sua ausência.” (MARANDOLA, 2007, p. 85). Nesses aspectos, Severino percebe as paisagens por onde passa: vida/morte; seca/água; arvoretas/cana/cacau e pobreza/riqueza. Identifica, em sua experiência, a transformação sofrida, pelo que se vê, com a proximidade do mar e a intromissão humana.

Com todas as suas contradições e irreduzível globalidade, a paisagem se tornou um desafio político, onde a análise científica é colocada tanto nas formas do

saber quanto do poder. De acordo com Santos (1988, p. 69) “[...] a paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais”. É de extrema importância revelar essa dinâmica social. O autor continua dizendo que “[...] as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis” (SANTOS, 1988, p. 69). Assim, complexa e cheia de passagens do meio natural para o meio social, a paisagem isola de si as categorias científicas tradicionais. Confusa e caótica, a paisagem é apenas uma junção de objetos desiguais e complicados e, que exercem influência ímpar de uma existência científica baseados em conhecidas disciplinas da Geologia e da Arquitetura. A paisagem está em tudo que é visível, perceptível, sendo apenas a aparência das coisas e seus mecanismos invisíveis.

O estudo sobre a categoria paisagem é bem antigo, vem sendo discutido desde o século XIX, em meados de 1870, quando a Geografia se institui como ciência. Após isso fica esquecido por algum tempo e é retomado, principalmente, no âmbito da Geografia Cultural para discutir o imbricar que se resulta entre o natural, o cultural e as reações humanas diante da Natureza. Como já dissemos, trata-se de um termo trazido para a Geografia para, além de explicar ela própria enquanto categoria geográfica, também e especialmente, na tentativa de dirimir alguns problemas relacionados ao conceito de espaço.

Josué de Castro (1964) ao tecer explicações sobre as grandes regiões naturais, diferenciando aspectos pela ação do clima e da Natureza do solo, para constituir a roupagem da vegetação, faz um estudo para individualizar essas regiões. Para tanto, apresenta seis tipos dessas regiões e chama de quadros geográficos tipicamente organizados. Nossa intenção em apontar a pesquisa do autor é, justamente, porque ele afirma que a classificação natural foge aos esquemas físicos, fazendo uma relação entre a paisagem natural e a paisagem cultural, desejando fixar traços essenciais da paisagem natural em seu estado virgem, sem a interferência humana. Então ele escreve:

[...] na realidade, é quase impossível encontrar-se, no momento, estas paisagens naturais, sem marca nenhuma da ação humana. Por todas elas se encontra uma rica série de fenômenos de superfície que traduzem o trabalho criador dos humanos. Por toda a parte a paisagem nos apresenta caminhos, estradas, canais, casas, aldeias, cidades, fortes, campos geométricos de cultura, cercados de criação, enfim, uma multiplicidade de

fato que humanizam a paisagem natural. A esse novo tipo de paisagem, com os elementos naturais acrescidos dos elementos de criação humana, integrados todos num conjunto harmonioso, chamamos *paisagem cultural*. A paisagem cultural é, portanto, a paisagem natural humanizada, trabalhada pelo elemento humano (JOSUÉ DE CASTRO, 1964, p. 24, grifos do autor).

Ainda, segundo o autor, a Geografia Humana é a responsável por analisar a paisagem cultural e estudar, também, a estrutura de documentos que apresentam as conquistas materiais do elemento humano na superfície terrestre. Ao definir um conceito de paisagem, então, devemos atentar que se trata de uma evolução, uma contínua mudança. Nesse caso, lidamos com a subjetividade do observador, elemento humano, que é a mais importante variável. Como em qualquer outra ciência, a interpretação da paisagem não é a mesma para todos, visto que os vários filtros também são diferentes para os observadores. Por isso, na Geografia, em virtude das múltiplas abordagens, o entendimento da paisagem depende da influência cultural e discursiva sofrida pelo geógrafo. Os conceitos desembocam numa ligação muito íntima entre o homem e o que a Natureza lhe oferece.

A paisagem foi olvidada pela pesquisa geográfica antes de 1970, como já foi dito, e isso ocorreu por serem os estudiosos contemporâneos que as categorias: região, espaço, território, lugar eram bem mais importantes para a Ciência Geográfica do que ela. Porém, graças a uma corrente naturalista romântica, sobressai dessa categoria um pensamento reflexivo para sua própria conceituação. Como objeto de estudo, ela direciona a ciência e aglutina os geógrafos, hoje, num só pensamento. Os estudiosos concatenam “[...] a paisagem a porções do espaço relativamente amplas que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade” (HOLZER, 1999, p. 151). Seu resultado depende do filtro cultural do observador e, além disso, do olhar a ser analisado como ciência natural, como ciência humana ou como é mais apropriada a junção dessas duas formas de análise.

Ao trabalharmos questões científicas sobre categorias como: região, espaço, território e lugar, entre outras que dão forma à Geografia como ciência, não menos importante está a paisagem. Todas estão intimamente ligadas ao homem em suas ações sobre o local onde passa sua vida. Existe uma enorme complexidade no estudo dessas categorias, mesmo porque há também uma constante mudança no objeto de estudo relacionado a elas. Isso é de extrema importância, pois cada

pesquisador tem uma formação e, conseqüentemente, um foco diferente para sua pesquisa. Assim, o debate e a reflexão vão ocasionar a crise que resultará na evolução da ciência e, especificamente, neste caso, a da Geografia.

Desde o início da discussão sobre paisagem temos uma principal abordagem: entender como funciona a relação entre o natural e o social dentro de um determinado espaço. Sobre esse entendimento escreve Schier (2003):

[...] a geografia alemã, por exemplo, introduziu o conceito de paisagem como categoria científica e a compreendeu até os anos de 1940 como um conjunto de fatores naturais e humanos (Otto Schlüter, Siegfried Passarge e Karl Hettner). Os autores franceses sob influência de Paul Vidal de La Blache e Jean Rochefort caracterizaram a *paysage* (ou *pays*) como o relacionamento do homem com o seu espaço físico. A revolução quantitativa, iniciada nos anos 40 nos Estados Unidos, substituiu o termo *landscape*, que estava até então, em uso nesse país sob influência da geografia alemã (Carl Sauer), pela idéia da “região” (Richard Hartshorne), sendo esta um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana. Paralelamente, surgiu na Alemanha e no Leste europeu uma idéia mais holística e sinérgica da *Landschaft*, denominada *Landschaftskomplex* (Paul Schmithusen), que definiu a unidade da paisagem pelo conjunto dos seus processos ecológicos. Esta idéia se encontra, entre outros, também na *Landschaftsökologie* (ecologia da paisagem), como foi proposta por Carl Troll e mais tarde por Hartmut Leser. A *Human ecology*, de cunho norte-americano, definiu igualmente a paisagem como um sistema ecológico. (SCHIER, 2003, p. 79, grifos do autor).

Como relatado, a paisagem passou a ser vista de duas formas pelos tradicionalistas: a natural e a cultural. A primeira cuida das características físicas terrestres tais como: os rios, mares, matas, solo, entre outros. E deve, também, fazer um retrocesso tratando da paisagem pré-histórica. Essa assertiva relaciona ao conceito paisagístico a sua materialidade. Ela aparece com a formação do nosso planeta, ainda sem a presença humana, sem a reflexão humana sobre o conceito de paisagem. Porém, pode ser identificada nas pinturas das cavernas, onde o primitivo demonstrava seu cotidiano. Tricart (1981) nos aponta alguns desses estudiosos afirmando que:

[...] para os geógrafos alemães, geralmente nutridos pelas ciências naturais, a paisagem compõe-se de diversos elementos concretos do ambiente: relevo, plantas, solos. Mas eles não registram as modificações introduzidas pelo homem e, se for o caso, eles distinguem entre paisagem natural e paisagem humanizada (TRICART, 1981, p. 7).

Analisada pela visão alemã, como foi descrita pelo autor, podemos verificar que a definição de paisagem procura desvencilhar-se de sentimentos, de emoção, trazendo um vazio, uma lacuna, tentando se tornar puramente descritiva, com apenas características concretas do real. Por outro ângulo, nos explica Bertrand (1971), que ela não é apenas uma concatenação dos pilares formadores da superfície terrestre, para o autor a paisagem vai além, torna-se uma junção de todos os elementos que fazem parte da Natureza, tanto natural como social. Inclusive aborda um antropismo e, em sua complexidade, exige a efetiva participação da ação humana.

Assim, não posiciona a paisagem no âmbito natural ou social, mas apresenta-a de forma sistêmica, onde percebemos uma unidade que não pode ser separada. Na pesquisa em que os estudiosos sugerem um desvencilhamento entre a paisagem natural e a cultural, temos Sauer (1998), ensinando sobre esta categoria:

[...] não podemos formar uma idéia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. [...] No sentido corológico, entretanto, a modificação da área pelo homem e sua apropriação para o uso são de importância fundamental. A área anterior à introdução da atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto. (SAUER, 1998³, p. 42).

Com esse pensamento Sauer (1998) aponta uma dissociação entre paisagem natural e paisagem cultural. E, como já foi citada, ela é um todo, está arraigada em uma definição socioambiental. Conforme explanação do autor, a sociedade e a Natureza vivem em plena harmonia, relacionam-se, formando um só corpo, porém não imbricados no conceito paisagístico. Hoje, vemos o homem alterar negativamente o meio para sua própria sobrevivência. A partir do renascimento cultural, quando o homem consegue se desvencilhar da ideia de que o mundo não girava em torno da teologia, tem-se uma nova abordagem, um novo interesse pela Natureza e sobre esse conceito, inicia-se uma mudança, um novo olhar.

A segunda, a abordagem Cultural, estuda a Geografia a partir da ação humana, define as modificações do homem no meio terrestre, abarca as relações do

³ Publicado originalmente como "The morphology of landscape", University of California, Publications in Geography, vol. 2, n. 2, 1925, pp. 19-54. Traduzido por Gabrielle Corrêa Braga. Revisão de Roberto Lobato Corrêa, Departamento de Geografia, UFRJ.

homem com o próprio homem e em relação ao ambiente social formado pela sua convivência. E um dos grandes pesquisadores que traz o tema ao debate é Claval (1999), quando afirma que

[...] os espaços humanizados superpõem múltiplas lógicas: eles são em parte funcionais em parte simbólicos. A cultura marca-os de diversas maneiras: modela-os através das tecnologias empregadas para explorar as terras ou construir os equipamentos e as habitações; molda-os através das preferências e os valores que dão as sociedades suas capacidades de estruturar espaços mais ou menos extensos e explicam o lugar atribuído as diversas facetas da vida social; ajudam, enfim, a concebê-los através das representações que dão um sentido ao grupo, ao meio em que vive e ao destino de cada um (CLAVAL, 1999, p. 296).

Vale salientar que o enfoque pelo qual o pesquisador busca conceituá-la está intimamente ligado ao sentido que ele quer dar à sua pesquisa. Sua área de busca é que dará rumo aos seus conceitos. Um pesquisador que trabalhar a análise de solo provavelmente vislumbrará um aspecto altamente natural ao seu objeto. Já o estudioso da Geografia Cultural abarcará seu propósito na forma pela qual o homem age sobre o ambiente em que ele vive. Não obstante esse dualismo, Bertrand (1971) aparece dando uma homogeneidade à paisagem quando escreve que

[...] a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos dispartados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 1971, p. 2).

O autor não apresenta à paisagem maior importância, sob uma visão dentro do aspecto natural ou cultural, e sim, socioambiental, pois se faz necessário ter uma visão ecodinâmica da paisagem. Porque assim ela representa a base para a existência da atividade sócio-econômica, que é exercida na relação entre a sociedade e a Natureza de duas formas: sincrônica e diacrônica, dando equilíbrio ao termo socioambiental. Para compreensão da paisagem é necessário entender esse imbricar entre os elementos da Natureza e os sociais, é claro que dentro do contexto de um mesmo espaço geográfico.

Dentro da fase evolutiva da paisagem torna-se de grande valia identificar que a noção dos alemães, no início, era devido ao pensamento, naquela época, ser direcionado aos aspectos concretos da realidade. Esse concretismo, apontado por

Humboldt e Ritter era tido como primordial para a estruturação do espaço alemão. Aparecem, então, os ensinamentos de Ratzel e La Blache, e para estes a paisagem tem uma ligação muito íntima com região, mas há uma análise entre os elementos naturais e os sociais.

Uma grande contribuição dessa fase evolutiva foi uma discussão do propósito humano da Geografia, a relação do homem com a Natureza, sob a perspectiva da paisagem; assim, ele coloca o homem como centro de transformação em que sofre influência do meio e também o transforma. Com a nova abordagem chega para a Geografia outra forma de ver a paisagem e, também, uma aceitação dela junto aos pesquisadores como categoria para a análise de determinado objeto de estudo. Certamente, após o início do século XX é que esse conceito, com a miscigenação entre homem e Natureza, faz uma integração entre a Geografia Física e a Geografia Humana, numa única Geografia. E esse atrelar traz uma reflexão que engrandece a disciplina como ciência, e a leva para uma abordagem interdisciplinar com outras ciências.

Então, compreender o verdadeiro valor que tem a paisagem, perceber sua importância na vida humana é vital para chegarmos a uma definição. É necessário entender o funcionamento subjetivo da paisagem no homem, pois nós nunca a vemos de fato em sua totalidade, sempre a percebemos em partes, em detalhes. Existe muito mais do que apenas se vê e, para que essa visão seja completa, devemos analisá-la através da percepção.

A complexidade da paisagem é ao mesmo tempo morfológica, constitucional e funcional, e não devemos tentar reduzi-la dividindo-a. Ela se insere em um espaço real, conforme uma estrutura bem determinada: só é “apreendida” e qualificada enquanto paisagem, partindo de uma estrutura social de identificação e de utilização. Assim, a paisagem é vista cada vez menos como um mecanismo ecológico ou social e se destaca cada vez mais como um processo de transformação; sendo então, um fenômeno inscrito na história, uma interpretação socioambiental.

Para caracterizarmos a paisagem, necessário se faz partir da premissa de que ela somente pode ser socioambiental quando dentro de um grupo socialmente organizado. Esse grupo representa a junção de pessoas num mesmo sistema de produção, e o que os liga é a prática da Natureza em relação aos bens materiais e culturais. A produção desses bens é o resultado, é a formação material e cultural de

uma paisagem. E, dessa forma, ela somente tem sentido para determinado grupo social, que é certificado pela percepção, pois a vemos e sentimos de maneira diferente de outras pessoas que não participaram do mesmo crescimento. A paisagem não tem existência fora do sistema no qual ela funciona, não pode da mesma forma, haver dicotomia paisagística, pois se trata de um todo.

Especificamente tratamos dessa visão paisagística, com sentido socioambiental, no âmbito ficcional. Nessa perspectiva de abordagem teórica apresentada sobre a categoria é que partimos em uma viagem nas narrativas de Severino. O personagem-protagonista, seguindo o rio Capibaribe, sai da nascente em busca uma vida menos 'severina' no Recife, Capital pernambucana. Essa descida apresenta algumas características do brasileiro nordestino entre as décadas de 1940 até 1960, mostrando ao leitor os cenários durante o percurso do homem que busca, primordialmente, lutar contra a morte. Porém, já em seu destino, conclui que estava apenas adiando seu fim, na verdade fez um 'cortejo' em vida. Momento em que ocorre uma dúvida, pois João Cabral deu como subtítulo: **auto de natal pernambucano**, fazendo surgir um menino nas mesmas circunstâncias do nascimento de Jesus Cristo, e assim, dando ao leitor um dualismo, uma contraposição entre morte e vida, ressurgindo a esperança.

É interessante o processo de construção da paisagem ao longo do drama e do percurso da personagem. Desde o Sertão, passando pelo Agreste, até chegar ao litoral a paisagem acompanha as andanças de Severino, pois ela vai se transformando aos olhos do protagonista e do leitor. A paisagem parece retratar a personagem numa simbiose perfeita, desde o início do drama, quando ele se apresenta por meio de uma localização espacial. Para melhor entendermos os elementos geográficos da obra, far-se-á necessário termos uma compreensão de como João Cabral retratou sua terra, e mesmo morando muitos anos em outros países, ele continuou transmitindo toda característica nordestina em sua poética, nas obras que se seguiram.

Uma análise mais apurada sobre a paisagem nordestina no drama cabralino será realizada nos capítulos posteriores deste trabalho, apresentando sua produção e fortuna poética. E ainda, como se dá a estrutura utilizada pelo poeta e os aspectos geográficos que ele descreve, não somente na obra analisada, como também, em outros momentos poéticos. Como o próprio João Cabral revela quando fala sobre **O rio**, publicado dois anos antes de **Morte e vida severina** “[...] O livro é

um poema geográfico mais ou menos na tradição de Botelho de Oliveira [...] (MELO NETO apud ATHAYDE, 1998, p. 104). Então, Severino percebe a paisagem nordestina, descrevendo-a desde o semi-árido até a foz do rio, que desemboca no mar, já na capital do Pernambuco.

Exemplos apontados na descida são: no início Severino pintando a Caatinga, com clima altamente seco, cujo rio não consegue com 'pernas' próprias caminhar; arvoretas espinhosas, pouca gente encontra-se habitando o local, caracterizando a paisagem sertaneja. E continua, passando pelo Agreste, local que, aos olhos de Severino, às vezes, se confunde com a fertilidade da Zona da Mata e a secura do Sertão. Finda seu périplo na umidade litorânea, a percepção da paisagem pelo andante é dada pela maciez, pelo verde e a facilidade de vida. Contudo, logo percebe, mesmo no litoral, a morte ronda o vivente, deixando uma dubiedade do contraste morte/vida.

CAPÍTULO II

JOÃO CABRAL DE MELO NETO: o lugar da vida e o espaço da obra

Não se vê no canavial
nenhuma planta com nome,
nenhuma planta maria,
planta com nome de homem.

É anônimo o canavial,
sem feições, como a campina;
é como um mar sem navios,
papel em branco de escrita.

É como um grande lençol
sem dobras e sem bainha;
penugem de moça ao sol,
roupa lavada estendida.

Contudo há no canavial
oculta fisionomia:
como em pulso de relógio
há possível melodia,

ou como de um avião
a paisagem se organiza,
ou há finos desenhos nas
pedras da praça vazia.

(João Cabral de Melo Neto⁴)

O canavial, na obra de João Cabral, simboliza o Nordeste, seu lugar de origem, sua terra natal. O mar representa as viagens, o encontro entre a terra natal e outras paragens, como a Espanha por exemplo. O papel em branco é também uma potencialidade da arte e uma possibilidade de criação utilizada pelo poeta para descrever essas paisagens. De certa forma esses símbolos caracterizam o homem João Cabral de Melo Neto, um poeta nordestino que encontrou outro lar na Espanha, daí o canavial, o mar e o papel em branco serem imagens recorrentes em sua produção, o canavial preenche o papel em branco com o Nordeste e o mar insere em sua obra o não-Nordeste e juntos preenchem o poeta, distanciando-o de ser provinciano.

João Cabral faz da sua poética um autêntico olhar geográfico, quando estudamos suas obras percebemos as características físicas do rio Capibaribe, do Recife, do Sertão e das demais zonas geográficas nordestinas, porque retoma várias referências físicas da Geografia. E ainda retrata, com toda sua subjetividade,

⁴ Trecho do poema intitulado: O vento no canavial, da obra: **Paisagens com figuras**. (1994, p. 150/151).

o espaço do homem e sua luta pela vida, transformando sua Literatura numa importante ferramenta para o estudo da Geografia, pois traz em seu bojo atividades 'reais' do espaço e das paisagens nordestinas, representações que sintetizam o seu lugar, outra categoria que pode ser estudada no poeta. Tuan (1983, p. 14) escreve sobre lugar como sendo “[...] uma concentração, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar, isto quer dizer que o lugar é um mundo de significado organizado.”. Apesar de ter saído do Recife quando ainda era um jovem, estão arraigados no poeta os pensamentos para escrever onde viveu. De acordo com Marandola, toda poesia de João Cabral “[...] é embebida de sua própria geografia pessoal, tornando-se fundamental para compreendê-la, conhecer sua trajetória de viajante, seus lugares e a relação que estabeleceu com eles.” (2007, p. 45).

A Literatura dá subsídios para o estudo da Geografia e os “[...] aportes literários ratificam o fato de que em cada realidade geográfica convivem sempre uma dimensão real e outra percebida.” (ALMEIDA, 2010, p. 141) e tanto **Morte e vida severina** que é o poema dramático principal para este trabalho

[...] assim como toda a obra de Cabral, não é proveitosa à Geografia (ou qualquer ciência) apenas por uma verossimilhança ou correspondência exata com as paisagens do Nordeste ou com a situação de vida nos mangues do Recife ou no sertão pernambucano. Sua riqueza está nas imagens e metáforas que produz, em outras palavras, nas geografias criadas pela poética, por sua geopoética [...] (MARANDOLA, 2007, p. 124).

Os geógrafos, de acordo com Almeida (2010), que utilizam a Literatura em seus estudos, buscam uma representação da realidade geográfica. Segundo a autora, há na Literatura de interesse geográfico, “[...] frutos de intenções criativas, nas quais o geógrafo aflora de modo indireto, como parte de uma ficção, do imaginário, de uma sensibilidade do autor para ler a paisagem, o lugar e o mundo.” (ALMEIDA, 2010, p. 141), todas essas definições são encontradas na poesia de João Cabral, razão que justifica a leitura de sua poética no encontro dos trabalhos com a Geografia.

Neste capítulo apresentaremos aspectos críticos da escrita de João Cabral de Melo Neto, sua fortuna poética e a importância que a produção literária cabralina tem para o estudo da ciência geográfica e também a trajetória que envolve o espaço da construção poética do autor quando escreve, mesmo em terras

distantes, sobre as imagens do Capibaribe, do Recife e de um Pernambuco separado por zonas geográficas: Sertão, Agreste e Zona da Mata. E ainda, dentre os principais trabalhos de João Cabral, apontar uma literatura geográfica, principalmente a descrita em **Morte e Vida Severina**, aporte maior para o estudo deste trabalho.

2.1 João Cabral de Melo Neto: produção e fortuna poética

João Cabral de Melo Neto⁵ nasceu na cidade do Recife, Estado do Pernambuco, no dia 09 de janeiro de 1920, na rua da Jaqueira. É o segundo filho de Antônio Cabral de Melo e Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo. Logo após o seu nascimento, que ocorreu na casa do avô, foi com seus pais para o interior de Pernambuco. Viveu, primeiramente, no engenho do Poço do Aleixo, no município de São Lourenço da Mata, às margens do rio Capibaribe. E depois, nos engenhos Pacoval e Dois Irmãos, os dois no município de Moreno.

Em 1930, com o fim da Primeira República e início da era Vargas, vários engenhos foram destruídos, inclusive o de seu pai, perseguido por complicações políticas, por esse motivo foram obrigados a se mudarem para o Recife. Já na capital, durante a adolescência, viveu em três bairros distintos: Monteiro, Casa Forte e Jaqueira. Sempre morou próximo ou às margens do Rio Capibaribe, fato que teve grande influência em toda sua poética, pois retratou as várias paisagens vividas na infância e na mocidade. E, também, sua vida passada em parte no campo e outra na cidade marcou profundamente o poeta. Via sempre no Recife os retirantes fugitivos da seca, que habitavam a pobreza dos manguezais, fazendo um confronto perceptivo entre os pomposos casarões com os mocambos lamacentos. Essa visão deu ao poeta uma realidade que se inscreve em um elemento muito importante de sua poética, a crítica participante.

Com 10 anos de idade foi matriculado no Colégio Marista, no Recife, onde estudou até terminar o secundário. Um colégio muito famoso, principalmente por sua severidade empregada pelos Irmãos Maristas, dirigentes do colégio, para com os

⁵As obras utilizadas como base referencial para compilação da biografia de João Cabral de Melo Neto foram: **Obra completa**, publicada em 1994, pela editora Nova Aguilar e organizada por Marly de Oliveira, no tópico que apresenta o título: A cronologia da vida e da obra, páginas 15 a 29 e **Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto**, publicado pela editora Nova Fronteira, organizado por Félix de Athayde, 151 p.

alunos. Cabral, sempre foi uma criança muito tímida, introvertida e por isso não conseguiu se rebelar ao processo rígido que lhe era imposto, fechando-se cada vez mais em seu próprio mundo e desenvolvendo uma personalidade altamente angustiada.

De qualquer forma conseguia, mesmo diante de toda opressão, encarar a vida racionalmente. Porém, não se desvencilhou do medo da morte e a ida para o inferno, resultante do pecado, uma culpa com que os padres da escola costumavam ameaçá-lo. Em suas palavras revelou “[...] O que me angustia é não poder dominar o pavor primário e imbecil que os padres me imprimiam para sempre. O engraçado é que não acredito na existência do céu. A minha angústia é com a idéia do inferno” (MELO NETO, 1986 apud ATHAYDE, 1998, p. 61). Esse medo vai acompanhar Cabral durante toda sua vida. Como corrobora Marandola escrevendo que

[...] este pavor que Cabral sente em relação ao inferno é um dado importante para compreendermos a presença tão marcante da morte em seus poemas, não apenas em “Morte e Vida Severina”, mas em vários outros (como uma série de poemas sobre cemitérios). Durante uma crise de depressão que teve e sua temporada madrilenha, o poeta consultou-se, por um tempo, com um famoso psiquiatra espanhol. Logo na primeira consulta o médico lhe pede um exemplar de seus livros. Após algumas sessões, o diagnóstico é taxativo: “Sabe porque você fala tanto em morte do Nordeste? Para exorcizar seu próprio medo da morte.” (CASTELLO, 2006, p. 128). Esta relação feita pelo psiquiatra, apesar de parecer simplória, fez muito sentido à Cabral, que sempre pensou que o mais duro da morte era o seu processo, ou seja, a lenta decadência do corpo. Seja como for, ele jamais se livrou da imagem do inferno marista e isso foi expresso, conscientemente ou não, em sua obra (MARANDOLA, 2007, p. 20).

E esse medo foi retratado até o fim de seus dias. Ainda muito jovem já era interessado em leitura, um pouco menos pela poesia, porque naquela época prevalecia o Parnasianismo e o autor acreditava serem aqueles poemas demasiadamente melosos. Contudo, qualquer leitura o satisfazia, inclusive os livros didáticos escolares, lidos todos de uma só vez, sem se importar com qual matéria, lia o livro de química, por exemplo, pelo simples prazer da leitura. Como ele mesmo relata: “[...] cada vez que meu pai comprava livros de história, de geografia, de química [...], eu lia tudo de um fôlego só, por pura curiosidade. Não sabia nada de química e lia aquele troço todo, do princípio ao fim, pelo prazer de ler.” (MELO NETO, 1891 apud ATHAYDE, 1998, p. 46).

A Associação Comercial de Pernambuco foi o local onde conseguiu seu primeiro emprego no ano de 1937, trabalhando posteriormente no Departamento de

Estatística do Estado Pernambucano. Olvidando-se, então, de suas primeiras escolhas profissionais: agrônomo e jornalista. Na época de seu trabalho inicial, ainda com 17 anos, começou sua vida de poeta, escrevendo a obra intitulada **Sugestões de Pirandello**, uma homenagem ao teatrólogo italiano Luigi Pirandello (1867/1936). De acordo com Castello (2006), o poema foi escrito em três partes e por uma infelicidade somente duas foram publicadas, e ainda, tardiamente, na década de 1990. O texto era para ser escrito em prosa, porém ele, já com uma nova visão de poesia, o fez em versos.

Esse novo olhar que João Cabral teve sobre a poesia, deixando para trás todo o sentimentalismo parnasiano, se dá porque lia, entre outros, Carlos Drummond e Manuel Bandeira. Deste último ressalta o poema **Não sei dançar**, escrito em 1925. Isso incutiu nele a ideia de que esse gênero literário não precisa, necessariamente, estar conectado ao lirismo romântico. Como ele próprio se denominava, surge o poeta do concreto, “Quando acabei a leitura de Drummond, compreendi que podia haver uma poesia lógica, e que a poesia não precisava ser obrigatoriamente lírica. Decidi tentar poesia.” (MELO NETO, 1969 apud ATHAYDE, 1998, p.36).

Com 18 anos de idade começou a frequentar o Café Lafayette, na cidade de Recife, roda literária onde reuniam os principais nomes da época, liderados pelo escritor e crítico literário Willy Lewin, juntamente com o pintor Vicente do Rego Monteiro. Cabral foi altamente influenciado por essa roda, apaixonando-se pela poesia. Contudo, encarando-a com uma nova forma, quebrando o tradicionalismo regionalista, chefiado, naquela época, por Jorge Amado. Delineou-a para um caminho crítico, para uma poesia lógica que tomou rumos próprios. Algo que sobrevém da razão e não da inspiração. Lewin foi quem deu a Cabral os principais textos que formaram sua poética. Na biblioteca do amigo leu os surrealistas, os cubistas, a moderna poesia francesa e ainda os renomados autores como Marcel Raymond e Paul Valéry. Inclusive é

[...] Lewin quem apresentará a Cabral a obra de Carlos Drummond de Andrade, com o livro *Brejo de Almas*, no qual descobrirá que é possível fazer poesia sem oratória. Esta leitura foi fundamental na decisão de João Cabral de finalmente optar pela poesia. Cabral reconheceu, inclusive, que foi Drummond o poeta brasileiro que mais influenciou sua obra, sobretudo nos primeiros livros, antes da fama, quando ainda era um poeta da minoria (MARANDOLA, 2007, p. 24).

Com 20 anos de idade conheceu Murilo Mendes, em uma viagem que fez com sua família para o Rio de Janeiro. Ele o apresentou pessoalmente para Carlos Drummond de Andrade, e também, a outros intelectuais como Jorge de Lima, faziam reuniões no consultório médico deste último. Foi na década de 1940, quando o escritor participou de um Congresso de Poesia na capital pernambucana, apresentando o texto **Considerações sobre o poeta dormindo**, que ele se iniciou, efetivamente, na vida de escritor. Neste trabalho o escritor realizou um contraponto entre o sono e o sonho enquanto fonte do poema, dizendo que

[...] O sonho é uma obra nossa. Uma obra nascida do sono, feita para nosso uso. O sonho é uma coisa que pode ser evocada, que se evoca. Cujas exploração fazemos através da memória. Um poema que nos comoverá todas as vezes que sobre nós mesmos exercermos um esforço de reconstituição. Porque é preciso lembrar que o sonho é uma obra cumprida, uma obra em si. Que se assiste. Esta fabulosa experiência pode ser evocada, narrada. Como a poesia, ou por outra, em virtude da poesia que ela traz consigo, apenas pode ser transmitida (MELO NETO, 1994, p. 686).

Apresentado sob a nomenclatura de ‘tese’, uma exigência dos trabalhos inscritos no Congresso anteriormente citado, foi para o autor uma obediência impensada, não quis provar, muito menos evidenciar as coisas, como no sentido de uma tese. Seu desejo foi somente demonstrar as “realidades do espírito, diante das quais todos os nossos movimentos são, mais ou menos, como movimentos de sonâmbulos.” (MELO NETO, 1994, p. 685). E mesmo com sua insatisfação, Cabral segue em frente com o poema, colocando o sono como predisposição à poesia, porque sente que no escuro do sonho, quando o homem fala, isso se torna como uma grande poesia.

Foi somente em 1942 que João Cabral publicou sua primeira obra, com o título **Pedra do sono**. Neste ano houve uma reviravolta em sua vida, o poeta mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro e conheceu Vinicius de Moraes, pessoa antagônica à sua personalidade em todos os aspectos. Marandola (2007, p. 25) chega a dizer que essa diferença é dada “Desde sua poesia, romântica e imaterial, guiada pela emoção e, mais do que tudo, paixão, passando pelo gosto e envolvimento com a música (linguagem artística que Cabral odiava) até seu modo de vida, boêmio e desregrado” (grifo do autor). Cabral sabia muito bem lidar com o seu antagonismo diante de seus conhecidos. Essas diferenças sociais, as quais

Cabral até mesmo abominava eram analisadas pelo escritor como uma forma de aprendizado, novas maneiras de ver o mundo e aprendia muito com isso.

Sua primeira obra publicada teve a crítica de Antonio Candido, o que corroborou o sonho racional do escritor em continuar seu trabalho. O próprio escritor revelou que o crítico conseguiu identificar o cubismo dentro de seu trabalho, dizendo que

[...] ele previu tudo o que eu ia escrever, a maneira como eu ia escrever e meu primeiro livro não é ainda muito característico da minha maneira posterior, mas ele pressentiu tudo. Notou que minha poesia aparentemente surrealista, no fundo era a de um cubista. [...] O Antonio Candido previu esse meu construtivismo, essa minha preocupação de compor o poema, de não deixar que o poema se fizesse sozinho, de falar das coisas e não de mim (MELO NETO, 1975 apud ATHAIDE, 1998, p. 100/101).

Essa citação traz uma das maiores verdades da poesia de Cabral, de uma objetividade sem ser impessoal, de uma organização perfeita sem ser tradicional, aliás, por isso mesmo altamente inovadora. Talvez, por influência de Cabral, começa a aparecer na literatura brasileira uma poesia lógica, racional, que parece se distanciar do surrealismo, desprovida de sentimentalismo passional que até então imperava. O poeta diz que sua “[...] intenção foi escrever poemas com uma certa atmosfera noturna, obtida através de imagens de aparência surrealista. Mas, na verdade, só de aparência, porque o livro foi laboriosamente construído” (MELO NETO, 1953 apud ATHAYDE, 1998, p. 100).

Em sua primeira obra teve a intenção de formar imagens em cada poema, ‘compor um buquê’, apresentando nuances descritivas do surrealismo, como no título ‘sono’, carregado com uma aparência mais para o sentido onírico, subconsciente. Revela que a composição da arte literária está em dois planos da intelectualidade humana: o primeiro a inspiração e o segundo o trabalho de arte. E os dois, não se opõem, convergem a um mesmo plano em que “[...] ambas as idéias se confundem, isto é, ambas visam à criação de uma obra com elementos da experiência de um homem.” (MELO NETO, 1994, p. 725).

As imagens formadas em cada poema são marcadas pela Geografia da água, e essas imagens vão se repetindo em toda a produção como a correnteza de um rio. E, João Cabral, na escrita de seus trabalhos, atendeu sempre a um princípio de lógica, de raciocínio, a maioria de seus poemas foi escrito a partir de objetos, de paisagens, de acontecimentos sociais reais, talvez por isso nós possamos encontrar

tantas características geográficas. Em **Pedra do sono** a secura nordestina levou-o a utilizar a imagem do rio Capibaribe e do mar como lugar utópico, descrevendo o espaço de umidade do rio e do mar, relacionando-os com imagens surrealistas no sentido onírico, ainda no subconsciente em que tratam do sono e do sonho. João Cabral dá um contorno ao espaço do sertanejo numa retomada de heterotopia de compensação, em contraposição de um distanciamento das denúncias sociais. Foucault (2006) escreve sobre a elaboração do conceito de heterotopia, utilizado pela Geografia, para descrever os espaços que são simultaneamente físicos e mentais. De acordo com o autor esses pensamentos de criação

[...] têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. [...] Ou, pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal-disposto e confuso (FOUCAULT, 2006, p. 420/421).

João Cabral utiliza ferramentas de seu concretismo para poetizar uma relação com a paisagem geográfica, por intermédio de textos literários que abordam o espaço nordestino, como no primeiro poema do livro **Pedra do sono** em que escreve

Meus olhos têm telescópios
espiando a rua,
espiando minha alma
longe de mim mil metros.

Mulheres vão e vêm nadando
em rios invisíveis.
Automóveis como peixes cegos
compõem minhas visões mecânicas.

(MELO NETO, 1994, p. 43).

O rio, mesmo subjetivo, continua seu curso e dá o sentido da relação entre o poeta e os objetos com que ele trabalha, é a consciência mostrada na junção entre a experiência vivida pelo escritor e o conteúdo de um escrever como um movimento de construção. Ele, no mesmo livro, ainda aponta que

As vozes líquidas do poema
convidam ao crime
ao revólver.

Falam para mim de ilhas
que mesmo os sonhos
não alcançam.

O livro aberto nos joelhos
o vento nos cabelos
olho o mar.

Os acontecimentos de água
põem-se a se repetir
na memória.

(MELO NETO, 1994, p. 55).

Reproduz as vozes líquidas da paisagem do rio e das pessoas do Nordeste, em que a cultura nordestina se imbrica com a paisagem, realimentando uma relação entre as pessoas e a água. Sobre essa interação Rangel (2008, p. 71) escreve que “[...] a cultura ao produzir e reproduzir o espaço, deixa a sua marca visível, o resultado material da interação do homem com o meio: a paisagem ou a paisagem cultural.”

Sua obra seguinte foi **Os três mal amados** publicada em 1943 pela Revista do Brasil, seria uma peça de teatro, a pretensão era compor um drama com monólogos de três personagens masculinos: João, Raimundo e Joaquim que seriam intercalados por falas femininas; sentindo-se incapaz de inserir as mulheres abandonou a peça teatral e, a conselho de Drummond, finalizou-a com um poema em prosa. Esses monólogos caracterizam um processo metafórico e geográfico que são retomados em toda sua poética, a representação da imagem e como João Cabral sempre defendia eram coisas que ia colocando como se fossem tijolos. A partir disso os espaços se redimensionam, o concreto se explica com a subjetividade, transformando-se num sistema metafórico. Embora, aqui não apareçam referências às viagens dos retirantes, que veremos a seguir em outros poemas, João Cabral de Melo Neto vai descrevendo as paisagens vividas em suas obras. No monólogo de Raimundo, há uma travessia interna

RAIMUNDO:

[...] o campo cimentado que eu atravessava para chegar em algum lugar. Sozinho sobre a terra e sob um sol que me poderia evaporar de toda nuvem. [...] era também a folha em branco, barreira oposta ao rio impreciso que corre em regiões de alguma parte de nós mesmos. Nessa folha eu construirei um objeto sólido que depois imitarei, o qual depois me definirá.

Penso para escolher: um poema, um desenho, um cimento armado – presenças precisas e inalteráveis, opostas a minha fuga. [...] Maria era também o sistema estabelecido de antemão, o fim de onde chegar. (MELO NETO, 1994, p. 61-63-64).

Essa viagem tem um tipo de caminho a ser trilhado e mesmo fora de uma trilha paisagística, de um caminho pré-estabelecido geograficamente, há uma saída e uma tentativa de chegada ‘sobre a terra’ que evidenciam um espaço subjetivo a ser seguido. No monólogo de Joaquim o poeta utiliza o amor, fonte abstrata, para dar uma nova dimensão paisagística a sua terra natal.

JOAQUIM:

O amor comeu meu Estado e minha cidade. Drenou a água morta dos mangues, aboliu a maré. Comeu os mangues crespos e de folhas duras, comeu o verde ácido das plantas de cana cobrindo os morros regulares, cortados pelas barreiras vermelhas, pelo trenzinho preto, pelas chaminés. Comeu o cheiro de cana cortada e o cheiro de maresia. Comeu até essas coisas de que eu desesperava por não saber falar delas em verso. (MELO NETO, 1994, p. 63).

O autor utiliza o amor para que o leitor possa perceber novas paisagens, rearranjando os olhares sobre o Recife, sobre o mangue e o mar. E, de acordo com Rangel (2008, p. 67), “A Geografia, enquanto ciência, estuda a paisagem por diferentes vertentes do pensamento geográfico de distintas maneiras. Mas todas têm um consenso, que a paisagem é a materialização resultante da interação do homem com elementos da natureza”. A análise geográfica tendo como fonte a arte literária é parte das diferentes formas do pensamento geográfico para o estudo da paisagem. Esse estudo parte da Geografia Cultural, sua percepção está intimamente ligada à cultura das pessoas nela inserida e, como já dissemos, a Literatura imita a realidade, criando ‘novas’ sociedades a partir da experiência vivida pelo autor.

Então, como vemos no primeiro capítulo deste trabalho, quando abordamos sobre a percepção da paisagem, além de estar ao alcance de nossa vista, existe algo mais que pode ser sentido pelo personagem e descrito pelo leitor, porque ela é, além de tudo, “[...] um conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar.” (HOUAISS, 2001, p. 2105, grifo nosso). Ainda, em **Os três mal amados**, João Cabral utiliza aspectos geográficos para delimitar uma distância concreta externa impossível, mas criadora de um espaço interno metricamente alcançável

JOÃO:

Olho Teresa. Vejo-a sentada aqui a meu lado, a poucos centímetros de mim. A poucos centímetros, muitos quilômetros. Por que essa impressão de que precisará de quilômetros para medir a distância, o afastamento em que a vejo neste momento? (MELO NETO, 1994, p. 63).

A afirmação do personagem João está incorreta no plano físico da Geografia, no delimitar cartográfico das distâncias entre ele e Teresa. Porém, representa o espaço interno, subjetivo, uma retomada da experiência vivida e que marca a solidão do homem moderno, do vazio existencial pela falta de seu amor.

Ainda em 1943, após, ser dispensado de servir na Força Expedicionária Brasileira (FEB), por motivo de saúde, foi aprovado em concurso público e nomeado Assistente de Seleção do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP). O emprego tinha o único intuito de sustentar sua família, o que queria mesmo era tempo de sobra para escrever. Esse trabalho influenciou sua poética, porque além de encontrar os intelectuais que se reuniam no Café Amarelinho e Café Vermelhinho no centro da cidade do Rio de Janeiro, também, em várias outras cidades em que prestava serviços, tinha importantes encontros literários. Dois anos depois, fez concurso para a carreira diplomática para qual foi nomeado em dezembro.

Numa edição custeada por Augusto Frederico Schmidt publicou, em 1945, **O engenheiro**. Há nas primeiras obras de Cabral, de acordo com Barbosa “[...] vestígios de acertos poéticos que se dão, sobretudo, naqueles poemas em que assoma a consciência do fazer poético [...]”. Porque Cabral “[...] põe em xeque um certo esgarçamento de linguagem, (e, portanto existencial)” (1999, p. 25). Como o próprio título sugere, aparece sua característica de poeta do concreto, de acordo com a concepção que ele tinha de poesia, o poema não está somente na inspiração, no dom, ele pode ser feito num plano racional, objetivo, retratando uma realidade.

Embora ainda não conseguindo se desvencilhar totalmente do surrealismo, nesse momento da vida, percebe uma maturação no seu fazer poético. João Cabral, ao comentar sobre a obra, diz que é um livro “[...] marcado pela idéia de que um poema pode ser feito apenas com um trabalho de exploração de comportamento das palavras associadas: isto é, através de um trabalho puramente intelectual e voluntário. De um trabalho de experimentação” (MELO NETO, 1946 apud ATHAYDE, 1988, p. 102). Construiu um poema pela experimentação, diferente do que foi apresentado em **Pedra do sono**, em que descreveu uma atmosfera

mórbida e noturna. Agora está num plano claro e solar, comprovando que fora edificado em bases intelectuais, fugindo de coisas 'vagas', buscando o 'preciso' e isso se torna característica presente em toda sua poética.

O engenheiro analisa o eixo social/geográfico num momento de nostalgia e memória que João Cabral, em homenagem a Joaquim Cardozo, chama de

a cidade que não consegues
esquecer
aflorada no mar: Recife,
arrecifes, marés, maresias;

e marinha ainda a arquitetura
que calculaste:
tantos sinais da marítima nostalgia
que te fez lento e longo.

(MELO NETO, 1994, p. 80).

João Cabral já não mais estava no Recife, por esta razão escrevia sobre a cidade sem medo de ser provinciano. Nesse livro apresenta uma de suas características poéticas: a presença da luz, o sol definindo a paisagem desértica do Sertão nordestino. Como no poema

Toda manhã consumida
como um sol imóvel
diante da folha em branco:
princípio do mundo, lua nova.

Já não podias desenhar
sequer uma linha;
um nome, sequer uma flor
desabrochava no verão da mesa:

nem o meio-dia iluminado,
cada dia comprado.
do papel, que pode aceitar,
contudo, qualquer mundo.

(MELO NETO, 1994, p. 78).

Além da seca, a imagem da morte também é mostrada no livro, essas duas imagens serão recorrentes em toda poética cabralina que estão por vir

A luz de três sóis
Ilumina as três luas
Girando sobre a terra
Varrida de defuntos.
Varrida de defuntos

mas pesada de morte:
como a água parada,
a fruta madura.

Morte a nosso uso
aplicadamente sofrida
na luz desses sóis

[...]

E morte ainda no objeto
(sem história, substância,
sem nome ou lembrança)
abismado a paisagem,
janela aberta sobre
o sonho dos mortos.

(MELO NETO, 1994, p. 67/68).

A morte sofrida como resultado dos dias claros de sol, representando a secura. Essa relação entre morte e seca será mais veemente nas obras seguintes de João Cabral, assim como a travessia do retirante, mas já, neste poema, inicia sua abordagem para uma viagem, com esse sentido escreveu um poema nesse livro que aponta uma travessia interna no homem

Das roupas que vão crescendo
como se levassem nos bolsos
doces geografias, pensamentos
de além do sonho e da rua?

Alguém a cada momento
vem morrer no longe horizonte
de meu quarto, onde esse alguém
é vento, barco, continente.

Alguém me diz toda a noite
Coisas em voz que não ouço.
Falemos na viagem, eu lembro.
Alguém me fala na viagem.

(MELO NETO, 1994, p. 69).

Espaços literários podem ser restritos ou íntimos e o poeta buscou a lucidez do fazer consciente, do concreto, da seca, da morte e da viagem interna do homem. João Cabral, nessa obra, escreve sobre a passagem física do homem na terra e, também, dos desencontros de suas experiências interiores, com uma 'desordem na alma' e o 'corpo solto no tempo'. Contrapõe a natureza física humana aos espaços internos em que se trava uma grande luta para vencer os problemas que são enfrentados durante a vida.

Continuando sobre a vida de João Cabral, em 1946 começou a trabalhar no Departamento Cultural do Itamaraty, passou pelo Departamento político até a Comissão de Organismos Internacionais. Nesse mesmo ano casou-se com Stella Maria Barbosa de Oliveira e teve seu primeiro filho que recebeu o nome de Rodrigo. No ano seguinte foi removido para o Consulado Geral em Barcelona, na qualidade de vice-cônsul, comprou uma pequena tipografia artesanal e publicou nessa prensa manual **Psicologia da composição**. Com a Fábula de Anfion (um antiherói, busca retirar a poesia de sua afetividade) e Antiode (opõe-se ao tradicionalismo profundo da poesia) robusteceu todo o antilirismo iniciado na obra anterior, abandonando a inspiração metalinguística, entrando definitivamente numa linguagem racional. Esse livro dá continuidade à paisagem desértica iniciada anteriormente como no poema abaixo:

(O sol do deserto
não intumesce a vida
como a um pão.

O sol do deserto
não choca os velhos
ovos do mistério.

Mesmo os esguios,
discretos trigais
não resistem a

o sol do deserto
lúcido, que preside
a essa fome vazia.)

(MELO NETO, 1994, p. 88)

Nessa obra, segundo Godoy “[...] Cabral irá operar um processo em que a palavra, a partir de seu teor original, passa a exprimir outros significados.” (2009, p. 61). Com isso, atinge sua maturidade estética, apresentando seu rígido estruturalismo em falar poeticamente da Geografia do rio, do homem e das cidades pernambucanas, o escritor levou às últimas consequências o sentido lógico da poesia. Ainda no ano de 1946 conheceu o poeta Joan Brossa e o artista plástico Antoni Tàpies. Nos dois anos posteriores teve mais dois filhos com os nomes de Inês e Luiz. Morando na Catalunha escreveu um trabalho sobre **Joan Miró**, o amigo homenageado o fez publicar o ensaio com texto em português. E sobre as várias cidades em que residiu, Marandola (2007, p. 28) escreve que “[...] Depois de

Barcelona, Cabral viverá também em Londres, Sevilha, Marselha, Madri, Brasília, Genebra, Berna, Assunção, Dacar, Quito, Tegucigalpa e Porto [...]”, retornando ao Rio de Janeiro em 1987 onde viveu o resto de sua vida.

Morando em Londres, em 1950, publicou **O cão sem plumas**, que está dividido em três partes, onde as duas primeiras “[...] descrevem a paisagem do Capibaribe, uma aparência descrita por mim. A terceira parte é uma espécie de fábula da formação do Recife pelo rio. O aumento da área da cidade por obra do rio está acontecendo na realidade.” (MELO NETO, 1953 apud ATHAYDE, 1998, p. 103), denunciando a degradação do rio Capibaribe e as condições de pobreza em que vivem os ribeirinhos nos mocambos do Recife. Com um discurso social construiu seu fazer poético, traçando a geografia da cidade, apresentando as partes: física e humana do rio e, conseqüentemente, do Recife, porque trata da questão ambiental, colocando no mesmo plano o homem e sua ação sobre ela. Foi essa obra a primeira em que João Cabral fala especificamente sobre o Pernambuco.

Viu-se obrigado a retornar ao Brasil para responder um inquérito onde foi acusado de subversão. Escreveu, em 1953, **O rio**, obra que, no ano seguinte, lhe rendeu o Prêmio José de Anchieta do IV Centenário de São Paulo. Nela João Cabral diz que tentou “[...] fazer um livro poético com assuntos considerados não poéticos, uma reação contra o rumo que tem tomado grande parte da poesia atual: o jogo de palavras e a rotulação das palavras e dos assuntos em poéticos e não poéticos.” (MELO NETO, 1953 apud ATHAYDE, 1998, p. 105). Ainda de acordo com o autor, esse foi o mais prazeroso de sua vida artística, contudo o fez propositalmente mal-acabado, conscientemente com uma qualidade de juta, a razão foi tentar livrar-se da fama de poeta ‘técnico’ e ‘civilizado’.

O rio que retrata o poema narrativo é o Capibaribe, chamando-o de seu, nasceu e sempre viveu às suas margens, nas palavras do autor “O livro é um poema geográfico [...] o rio Capibaribe vai contando a paisagem por onde flui [...]” (MELO NETO, 1953 apud ATHAYDE, 1998). O rio ‘conta’ a riqueza e as mazelas do povo pernambucano, curioso dizer que quando escreveu o poema João Cabral residia fora do Brasil, fato que o levou a consultar os mapas geográficos em uma biblioteca para certificar todos os afluentes do rio Capibaribe. Uma obra geográfica porque descreve a paisagem por onde o rio corta, desde sua fonte primária, na cidade de Poção, no Estado do Pernambuco, até chegar no Porto do Recife. João Cabral esperava ser esse poema um recital em todas as feiras no Nordeste, muito mais

importante e inovador do que **Morte e Vida Severina**, porém não conseguiu identificar o que perturba sua clientela naquele poema, sendo essa última sua *magnum opus*.

O inquérito anteriormente citado, ao qual retornou ao Brasil para respondê-lo, foi arquivado a pedido do Promotor de Justiça. Então, viu-se livre para continuar seus poemas, publicando pela Editora Orfeu, em 1954, seus **Poemas reunidos**. Retornou ao Itamaraty, por ordem do Supremo Tribunal Federal e voltou a trabalhar no Departamento de Cultura. Sua filha Isabel nasceu em 1955, nesse mesmo ano recebeu o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras e, em 1956, pela Editora José Olympio, publicou **Duas águas**, volume que reúne alguns trabalhos já publicados e outros inéditos. Os novos são: primeiro o poema **Morte e Vida Severina**, depois **Paisagens com figuras** e, por último, **Uma só faca só lâmina**.

O primeiro deles, nosso objeto de estudo, tão geográfico quanto **O rio, Morte e Vida Severina** descreve o sofrimento e as alegrias do povo nordestino. Baseado num auto pastoril, foi criado para o teatro a pedido de Maria Clara Machado. Posteriormente, quando a obra não seria mais apresentada, João Cabral faz uma alteração dando-lhe características de poema. Retrata um povo, uma terra, com seus problemas e quando falamos em problema para o nordestino, primeiramente aparece a questão do retirante, esse tema será analisado no próximo capítulo deste trabalho.

Nos outros dois poemas, até então inéditos, João Cabral traça, em **Paisagens com figuras**, um paralelo entre o Pernambuco, local onde viveu sua infância e juventude e a Espanha, que conheceu a fundo, principalmente, Barcelona e Sevilha. E **Uma faca só lâmina** traz um caráter ético, na qual deve existir uma necessidade obsessiva no homem, sem se importar com a natureza da obsessão, variando entre ideologia política ou o amor por uma mulher, se assim o for, a pessoa certamente será mais lúcida, mais criativa, por último, mais capaz.

Ainda em 1956 volta para Barcelona como cônsul adjunto, com a missão de fazer uma pesquisa histórica no arquivo das Índias de Sevilha. Enquanto isso, **Morte e vida severina** era encenada, com música de Chico Buarque de Holanda, pelo grupo de teatro da Universidade Católica de São Paulo em várias cidades brasileiras e ainda, no Festival de Nancy, no *Théâtre des Nations*, em Paris. Depois em Lisboa, Coimbra e Porto. Mais tarde o mesmo trabalho corre o Brasil pela

companhia de Paulo Autran. Então, Rubem Braga pediu um livro a ser publicado em sua recente aberta editora, João Cabral juntou **Quaderna; Dois parlamentos e Serial** obras ainda inéditas no Brasil, intitulado essa reunião de **Terceira Feira**, publicado em 1962.

Em **Quaderna**, o projeto era trabalhar quatro elementos da Natureza: o fogo, a água, a terra e o ar no plano das imitações, comparando-os com uma bailarina andaluza em quatro poemas. O poeta adicionou outros mais com a ideia de objetos como: casa, rio, poço, água, dando origem aos poemas intitulados: “A mulher e a casa”, “Rio e/ou poço”, “A palavra seda”, “Imitação da água”, entre outros. Inicia uma métrica com o número quatro, inclusive “[...] No que se refere ao título, tudo leva a supor que tenha surgido de “cuaderna via”, usada por Berceo, e entre as acepções dadas pelo Aurélio encontramos as que vêm do latim “quaterna”, em número de quatro.” (OLIVEIRA, 1994).

Dois Parlamentos são dois poemas sobre o Pernambuco: “Congresso no Polígono das secas” e “Festa na casa-grande”, o primeiro aborda o espaço do Sertão, onde o poeta escreve sobre políticos sulistas em visita a zona das secas. O segundo fala sobre a Zona da Mata, principalmente da intromissão da monocultura nesse espaço em que senhores de engenho e da casa-grande tratam de assuntos sobre os trabalhadores da cana-de-açúcar.

Serial, uma obra metricamente, e em todos os sentidos, dividida pelo número quatro (4), independente do ângulo em que se vê: poemas, sílabas, quadras, para o poeta quatro são as maneiras diferentes de ver a mesma coisa. O número quatro e seus múltiplos fazem presença constante na obra de Cabral, Segundo Villaça (1996) ele atua não como função esotérica, mas como sinônimo de equilíbrio e racionalidade, na verdade, como princípio básico de composição. E como nos dois últimos livros também mostra o espaço vivido pelo autor: “Em “O automobilista infundioso”, por exemplo, o poeta aparece dirigindo um automóvel na Provença, no sertão, nos campos da Inglaterra e em La Mancha;” (OLIVEIRA, 1994, p. 22).

Em 1964 nasceu João, quinto filho de João Cabral. O escritor fez uma peregrinação por diversas cidades trabalhando como cônsul Geral. Continuou escrevendo, publicou **A educação pela pedra** em 1966. Para Villaça (1996) a obra resulta em uma construção rigorosa, produto de um “engenheiro” amadurecido por sua experiência com a linguagem poética. Trabalho escrito sob o prisma da

dualidade, com 48 poemas em que a metade deles aborda assuntos sobre o Pernambuco e a outra sobre assuntos de diversos locais de sua vida. Os poemas, ao mesmo tempo em que individualizam os espaços, os universalizam, em partes denominadas “Nordeste” e “Não Nordeste”. Metade dos poemas está descrita de forma simétrica e a outra assimétrica, resultando em duas partes em que hora se atraem, outra se repelem. Essa dualidade é tanto geográfica quanto literária, porque trata poeticamente dos lugares por onde viveu.

A “pedra” é outro elemento recorrente na obra cabralina. **A educação pela pedra** foi publicada vinte e quatro anos após o primeiro livro **Pedra do sono** (1942). Segundo Chevalier e Gheerbrant (1988) pedra está ligada ao sedentarismo e esse sedentarismo está relacionado à ligação do poeta com a terra natal. A pedra ainda representa fonte de sabedoria, símbolo de totalidade lembrando a “Pedra Filosofal”. A sua dureza remete o leitor ao processo de concretude da poesia cabralina.

Em 1968 entrou para a Academia Brasileira de Letras, lançando em 1975 o livro **Museu de tudo**, onde junta todos os poemas que não conseguiu publicar anteriormente, porque sua obra sempre foi arquitetada e esses não se encaixavam nessa arquitetura. Sem nenhuma pretensão crítica reúne desde poemas sobre filósofos até cartão de natal e os dispõem numa coleção em conformidade com um plano de disposição não tão projetado como sua poética. Em 1979, com **A escola das facas** fez mais uma homenagem ao Pernambuco, de uma forma geral, toda sua carreira está voltada aquele Estado. João Cabral escreve sua terra já tão distante de sua vida e diz “[...] Quando a gente vai ficando velho, começa a se lembrar das coisas de infância.” (MELO NETO, 1980 apud ATHAYDE, 1998, p. 117).

Em 1984, publicou **Auto do frade**, resultado de um artigo lido de Mário de Melo, historiador pernambucano que contava os últimos momentos da vida de frei Caneca. Sobre esse auto, o poeta sempre quis ver filmado pela magnitude do que foi pesquisado, mas seu intento foi frustrado. No ano seguinte trouxe **Agrestes**, novamente retratando várias paisagens pernambucanas e, particularmente, a Zona da Mata, razão que reforça sua escrita pela sensibilidade infanto-juvenil sentida no local, forçosamente nunca se livrará dessa impressão e promete ser esse seu último trabalho. O resultado dessas publicações foram os vários prêmios, como por exemplo, o Jabuti.

No ano de 1986, sua esposa Stella Maria faleceu no Rio de Janeiro, vítima de câncer. João Cabral, nesse mesmo ano, casa-se com Marly de Oliveira. Sobre o comportamento social do escritor, Marandola (2007, p. 28) escreve que “[...] Cabral sempre teve uma vida recatada, tanto do ponto de vista amoroso, quanto familiar e social. Foi uma pessoa quieta, discreta e mal humorada, mas também extremamente melancólica e angustiada [...]”. Esse mau humor impregnado na personalidade de Cabral, provavelmente, se deve a uma dor de cabeça crônica que o acompanhou durante toda a sua vida, desde sua mocidade, inclusive sendo, por vontade própria, internado em um hospício, durante uma forte crise.

E, em consequência dessa cefaléia, usou aspirina durante vários anos. Tanto que a homenageou, escrevendo sobre o remédio em dois poemas: no primeiro, com o nome de **Num monumento à aspirina**, faz alusão a sua importância comparando-a ao sol, dizendo:

Claramente: o mais prático dos sóis,
o sol de um comprimido de aspirina:
de emprego fácil, portátil e barato, [...]
levanta e vem (sempre num claro dia):
acende, para secar a aniagem da alma,
quará-la em linhos de um meio-dia.

(MELO NETO, 1994, p. 360).

E o segundo com o nome de **Metadicionário** onde o escritor venera a aspirina, fazendo uma brincadeira com as seguintes palavras:

Em qualquer idioma ela tem
mesmo e só nome que chamar-se
incapaz de não decifrar-se
lida ou entendida por ninguém. [...]
só a aspirina existe acima
da geografia e seus sotaques.

(MELO NETO, 1994, p. 411).

Em 1987, abandonou sua promessa de parar de escrever e lançou **Crime na calle relator**, uma série de poemas narrativos. Mudou-se para o Rio de Janeiro. No ano seguinte lançou sua antologia **Poemas pernambucanos e Museu de tudo e depois**. Em 1990, aposentou-se como embaixador e publicou **Sevilha andando**. Foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras e recebeu o prêmio Luis de Camões. Publicou, por último, **Andando Sevilha**. Além de sua interminável dor de

cabeça, descobriu que sofria de uma doença degenerativa incurável e, como consequência, sua visão desapareceria gradativamente.

Então, anunciou novamente que não mais escreveria, esse fato aumentou mais ainda sua depressão. Com o intuito de livrá-lo da doença e também dos problemas físicos causados por cirurgias e pelo mal que o afligia entra em cena sua esposa Marly de Oliveira. Ela transcreveu alguns textos, que são tidos como de autoria do biografado João Cabral. Organizou, em 1994, com a assistência do poeta, **Obra Completa**, publicada pela Editora Nova Aguilar. João Cabral de Melo Neto morreu, aos 79 anos de idade, em seu apartamento, no bairro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 9 de outubro de 1999, um dos maiores poetas brasileiros, aquele que soube falar sabiamente da morte ainda em tenra idade, principalmente da morte 'severina'.

Apresentada a produção de João Cabral no decorrer de sua vida passemos, então, a forma de como ocorreu a construção de sua poética. É importante ressaltar que essa estrutura é que nos dará suporte para a análise geográfica, porque Cabral sempre foi um revelador poético das imagens por onde morou, tanto no Pernambuco como fora dele.

2.2 O espaço de construção da poética Cabralina

Marly de Oliveira, com regência de João Cabral, em 1994, organiza a **Obra Completa**, publicada em um único volume, trabalho que traz quase toda fortuna intelectual do escritor. Dizemos quase porque, sem nenhuma explicação, a organizadora olvidou-se propositadamente em colocar o volume **Poesia crítica (Antologia)**, publicado em 1982. Entre as obras da antologia constam **Auto do frade** e **Agrestes**, talvez pela singularidade do trabalho elas são deixadas fora, mas é necessário falar que essas obras apresentam importantes informações sobre a poética de Cabral.

O próprio escritor, na **Poesia Crítica**, defende as razões de sua estrutura poética, através de nota do autor. O livro está dividido em duas partes: a primeira recebe o título de "Linguagem", apresentando vinte e um poemas, e a outra, com o nome de "Linguagens", bem maior, tem cinquenta e nove textos. O poeta explica essa divisão dizendo que "[...] Este livro reúne os poemas em que o autor tomou

como assunto a criação poética e a obra ou a personalidade de criadores poetas ou não. [...]” (MELO NETO, 1982, p. v).

De acordo com Barbosa (1999), apesar de parecer singular e transparente, ao passarmos para um exame mais profundo, talvez sejamos capazes de identificar uma maior complexidade na obra citada e ela está justamente no uso que o poeta faz da palavra ‘assunto’. Ainda, de acordo com o autor, a questão primordial é identificar o que significa a própria palavra para um poeta, porque o poema trata de um ‘assunto’ e a dicotomia está em como esse ou aquele objeto é tomado pelo poeta como ‘assunto’. Assim Barbosa propõe a seguinte questão:

[...] se o assunto é, em “Linguagem”, a criação poética e, em “Linguagens”, a obra ou a personalidade de criadores poetas ou não, como parece estar na frase inicial, não é de se pensar que em ambos os casos a tônica recai sobre a primeira expressão, “criação poética”, definidora quer da obra, quer da personalidade dos criadores? (BARBOSA, 1999, p. 23).

João Cabral continua, ainda sobre a crítica feita por Barbosa, afirmando “[...] que nenhum desses poemas ou mesmo a soma do que neles se diz pretende ser uma arte poética sistemática ou um sistema crítico [...]” (MELO NETO, 1982, p. v). O poeta aborda uma poesia crítica, primeiramente diferenciando-a de arte poética sistemática, e ainda de um sistema crítico, sem desprezar seus elementos característicos formadores de sua configuração. Nesse aspecto é que João Cabral defende sua estrutura poética e sobre isso Barbosa ensina que

[...] uma poética e não uma arte poética, aquela confundindo-se com o próprio título do livro. Uma poética, portanto, que se define, em suas manifestações concretas de realização em poemas, como uma poesia crítica. Mas nesta operação de levar a poesia à esfera de uma possibilidade crítica, [...] a poética que termina por se configurar envolve mais do que uma crítica da poesia feita pelo poema, como parece ser o desejo ostensivo de João Cabral, e se abre à nomeação crítica da realidade múltipla, objeto de toda poesia (BARBOSA, 1999, p. 23-24).

João Cabral indica, na antologia anteriormente descrita, uma poesia oposta à gratuidade do dom. Ele apresenta uma Literatura dando o nome à obra de **Poesia crítica**, mas faz isso como uma crítica da poesia e de criadores. O concreto passa a ser uma marca inconfundível de toda poética cabralina, juntamente com uma crítica da realidade social e histórica. É, “[...] de uma maneira geral, a essência

da poesia cabralina: escrever poesia sem os elementos convencionalmente poéticos.” (MARANDOLA, 2007, p. 32).

Como ele próprio se intitulava “poeta do concreto”, podia fazer poemas que não estivessem apenas no campo do sentimentalismo, que tratassem de assuntos tais como: nostalgia, saudade, amor ou outras formas de emoção. “[...] mas sobre coisas concretas como, por exemplo, um copo d’água que deve transmitir toda a emoção que irá denotar saudade ou mesmo amor, sem, no entanto, estar perfumado” (MARANDOLA, 2007, p. 32). Essa concretude apresenta a singularidade descrita em **Poesia crítica (Antologia)**, e dá à poética cabralina aspectos da emoção, transmitidos com características sociais, alcançados pelo leitor, de fora para dentro. É o que Cabral faz com o poema abaixo, que compõe a obra **Educação pela pedra**

Tecendo uma manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(MELO NETO, 1994, p. 345)

No poema João Cabral faz uma busca da construção consciente do verso, assim como na maioria de sua obra. O poeta faz da realidade uma simetria e uma estrutura de linguagens poéticas. Ele utiliza um neologismo no verso treze “entretendendo” para estabelecer uma tensão com as rimas que findam a segunda estrofe. No poema, João Cabral nos faz imaginar, através da composição dos cantos de vários galos, o alvorecer de uma manhã, na medida em que, um galo completa o

canto de outro, se estendendo. O poema é construído tomando como base a construção da “manhã” que é o objeto central. A palavra “manhã” assume uma dimensão plural, podendo ser o alvorecer ou o porvir. É presente e futuro simultaneamente. Nesse poema Cabral transforma a “manhã” em sinônimo de liberdade, fazendo uma alusão à justiça social, para tanto faz uma paráfrase do jargão “uma andorinha só não faz verão”. E também, revela com tamanha ironia as diferenças sociais, criticando àqueles que estão inertes diante dos acontecimentos sociais e históricos da realidade.

O poeta consegue com que o leitor se sinta provocado pela emoção, a partir da criação do objeto, escrevendo sobre as mazelas sociais, sobre as paisagens pernambucanas e, ainda, como se define o mundo pelas suas características sócio-históricas, ele escreve que

[...] Quem teve contato com pouca parte de sua obra sabe que ele nunca entendeu a linguagem poética como uma coisa autônoma, intransitiva, uma fogueira ardendo em si, cujo interesse estaria no próprio espetáculo de sua combustão: mas como uma forma de linguagem como qualquer outra. Uma forma de linguagem transitiva, com a qual se poderia falar de qualquer coisa, contanto que sua qualidade de linguagem poética fosse preservada (MELO NETO, 1982, p. V-VI).

João Cabral acreditava que a poesia poderia ser feita a partir do material, do concreto, com assuntos palpáveis. Como dissemos anteriormente, ele sempre trabalhou sem a perspectiva do dom, como se o poema não fosse resultado de quaisquer tipos de sentimentalismos. Sua atividade esteve na busca em desvelar poeticamente assuntos concretos da realidade, tomado como desafio no sentido não de produzir, mas sim de construir um poema.

Os objetos reais foram uma inspiração para sua criação, com um sentido lógico, retratam as paisagens, denunciam os fatos sociais, cujos aspectos fazem abandonar a proximidade emocional do texto. Dentro da construção racional da realidade, em muitos momentos, aparece o valor simbólico, principalmente pela mínima distância entre a linha que separa a ficção da realidade. Por esses motivos recebeu, além de outros codinomes, o de poeta-engenheiro, afirmando ele mesmo que o interesse do artista não é

[...] descrever suas emoções. É criar emoções, é criar um objeto – se é poeta, um poema; se é pintor, um quadro – que provoque emoções no espectador. Mas não explorar num descrever a própria emoção. Quando digo que sou contra emoção é exatamente nesse sentido: o de usar minha emoção para fazer com ela uma obra, descreve-la primariamente e construir, com ela, um poema (MELO NETO, 1987 apud ATHAYDE, 1998, p. 29).

Melo Neto (1982) ensina que se pode falar, partindo de uma linguagem transitiva⁶, sobre qualquer coisa, contudo preservando sua qualidade de linguagem poética, formando características do emocional e do concreto, do fazer poema com elementos convencionalmente poéticos e do fazer poemas com elementos sócio-históricos, por exemplo. O autor ainda aponta que

[...] embora estrategicamente afirmando valores transitivos, modo que se revela através da cláusula restritiva final que acentua a preservação de qualidade da linguagem poética, João Cabral não faz senão sublinhar a tensão fundamental de qualquer enunciação poética. Por onde talvez, se possa dizer que nem é toda poesia intransitiva que se condena, nem qualquer uma transitiva que se aceita, na medida em que a transitividade é qualificada pela “qualidade da linguagem poética”, assim como a intransitividade é qualificada encontra sua condenação [...] a intransitividade é condenada por ser língua, e não de linguagem: sem encontrar um objeto, coisa ou coisas [...] (BARBOSA, 1999, p. 25).

Para João Cabral o poema possui um caráter que pode nos levar a uma possibilidade de fazer da intransitividade outro jeito de comunicação poética. O poeta sempre foi atemporal, isto é, não se via como os poetas que pertenciam a sua época. “Mesmo sendo da Geração de 45 do modernismo, cronologicamente, não se identificava com eles” (MARANDOLA, 2007, p. 33). Os intelectuais da época buscavam uma postura crítica que se diferenciava, na arte ou na poesia, de uma estética específica, enquanto se esbaldavam com uma linguagem pouco usual, Cabral ficava em lado contrário, “fazendo uso de palavras simples e diretas como: pedra, seco, pau, copo, tronco, árvore, rio.” (MARANDOLA, 2007, p. 33).

Com sua poética carregada de crítica social, faz um desvelar do espaço e do tempo regionais pernambucanos. O poeta, na sua concretude, consegue alinhar a linguagem de seu objeto – o rio –, mostrando as suas várias paisagens, afinal sempre vivera às suas margens. E ainda, o uso do não emotivo das palavras na

⁶ De acordo com Barbosa (1999) a transitividade e a intransitividade são pólos da comunicação poética, nas quais as características artísticas e comunicacionais criadas na poesia são intensificadas. João Cabral explica esses conceitos em sua obra dizendo que quanto à ideia de, em poesia, falar de poesia ou de outras formas de criação, o autor pode acreditar que ela só parecerá uma coisa estranha a quem ignora tudo do que escreveu.

formação de seus poemas redonda na construção representativa da realidade cotidiana do seu estado natal.

Um trabalho realizado metricamente como quem constrói um edifício, com a razão, como Melo Neto (1982) dizia que escrever poesia era um trabalho intelectual comparado a de um engenheiro, “[...] de quem trabalha com a razão, método e constância na construção de seus versos, lapidando, talhando, escolhendo com cuidado as palavras e tornando-as um texto, uma poesia, uma forma de revelação explícita.” (MARANDOLA, 2007, p. 34). Melo Neto aponta ainda sobre esse assunto quando construía seus poemas afirmando que:

[...] Ninguém imagina que Picasso fez os quadros que fez porque estava inspirado. O problema dele era pegar a tela, estudar os espaços, os volumes. Eu só entendo o poético neste sentido. Vou fazer uma poesia de tal extensão, como tais e tais elementos, coisas que eu vou colocando como se fossem tijolos. É por isso que eu posso gastar anos fazendo um poema: porque existe planejamento (MELO NETO apud CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1996, p. 21).

De acordo com Marandola (2007), para se compreender a poética que envolve todo o mundo literário de João Cabral, são necessários três elementos: memória, viagem e o espaço telúrico, eles se fundem à personalidade do autor numa identidade quase única entre homem e obra. E, para a construção do espaço telúrico é preciso entender a profunda relação existente entre homem e Natureza.

Como um geógrafo, o poeta vai mapeando os lugares por onde passou, desde a infância até a maturidade. Esse mapeamento é uma “carta” construída pela memória: as cidades são marcadas, os rios, as montanhas o semi-árido, os mangues, o sol, a pedra... tudo marcado e legendado, bastando decifrar cada poema para compor a representação em uma folha de papel em branco.

Há uma ligação muito forte através de sentimentos afetivos, culturais e históricos. Refere-se ao espaço onde está a gênese da vida. No poema apresentado anteriormente intitulado **Tecendo uma manhã**, João Cabral demonstra esse sentimento. Quando vivia no Pernambuco os galos cantavam chamando-o para o trabalho e tecendo o anúncio da manhã e o escritor, mesmo não estando mais fisicamente naquele espaço, revive teluricamente o poder de se relacionar com o vivido. Oliveira escreve sobre o assunto afirmando verificar

[...] na obra de Eric Dardel, “L’homme et la terre”, com um subtítulo explicativo “nature de la réalité géographique” defrontamos com a relação profunda, entranhada e afetiva que o homem mantém com a natureza. É uma reflexão filosófica, é um itinerário intelectual, ligando temas de diversidades, envolvidos intimamente, na palavra espaço. Sujeito e objeto estão imbricados, pois nem o terrestre nem o humano são pensados em separados num transcurso fenomenológico. É o recuperar do significado geográfico guardado no imaginário. [...] O espaço geográfico não é apenas o espaço do mapa, nem o espaço simplesmente relacional da geometria, não é um adjetivo. Ao contrário é um espaço substantivo, material; é o mundo existência, dos lugares, da paisagem, que rearranja as dimensões do conhecimento, e principalmente lugar daquelas ações no mundo vivido (OLIVEIRA, 2008, p. 1).

A teluricidade está intimamente arraigada à memória, aquela que une o escritor à sua terra natal. Um sentimento próprio de nostalgia embasa a poética cabralina, pois João Cabral retratou suas memórias nas imagens do Recife e do Pernambuco, demonstrando em sua poética uma clara relação com as lutas sociais e a busca pela vida nordestina. O escritor viveu maior parte de sua vida em outros países e quando retorna ao Brasil vai para o Rio de Janeiro. Ainda assim inspira-se, em mais de 200 poemas, tratando da realidade do Nordeste, porque seu cordão umbilical estabelece laços telúricos com sua poética “[...] construindo uma topofilia profunda, tal como Tuan (1980) afirma só existir com nossa terra natal” (MARANDOLA, 2007, p. 38). Esta autora ainda escreve que o espaço telúrico está impregnado em Cabral confirmando ser

[...] em João Cabral, seu grande marco referencial, em termos de ponto a partir do qual escrevia, era sua terra natal. Recife e Pernambuco sempre foram o ponto no qual ele se situava, relacionando-se com os outros lugares e com o mundo a partir de tal posição. Este procedimento, é evidente, nunca exigiu sua presença física, já que a terra natal fica em nós e, em João Cabral, era constantemente presentificada pela memória. E esta presentificação se dava a partir da materialidade do espaço telúrico. E é neste espaço telúrico, a terra natal, lugar da infância, que João Cabral irá recorrer sempre para escrever sua poesia (MARANDOLA, 2007, p. 43).

João Cabral fala poeticamente de outros lugares e fica latente a expressão, mesmo que mostrada de forma indireta, pátria. E não se trata de saudosismo, a nostalgia anteriormente descrita não tem sentimento de volta para casa, porque ela é feita demonstrando memórias. Bachelard (2008) explica esse sentimento dizendo que nossas lembranças estão ligadas ao espaço e não ao tempo, a paisagem descrita por Cabral é memória do espaço ainda vivido no Nordeste daquela época da década de 1950.

Se faz importante, a seguir, abordar o assunto sobre a análise da estrutura do drama **Morte e vida severina**, porque ela apresenta o espaço que no poema passa de imagético para real. E, de acordo com Moreira (2007, p. 41), “[...] O espaço surge na história através da organização territorial dada pelo homem à relação com seu meio”. O homem age em qualquer parte do planeta e essa ação se dá tanto no plano físico quanto ficcional, podendo ser classificada pelas especificidades geográficas. Em virtude disso, no poema aparecem como espaços os locais descritos por Severino durante sua caminhada: Sertão, Agreste e Zona da Mata, apresentando a cultura nordestina, como veremos na análise da literatura geográfica escrita pelo poeta.

2.3 Morte e Vida Severina: a escrita de uma literatura geográfica

O livro **Dois águas**, escrito entre os anos de 1954 e 1955, foi publicado em 1956, no qual está inserido o trabalho **Morte e vida severina**. A obra tem também outros escritos que foram assim divididos: Primeira água: **Pedra do sono, O engenheiro, Psicologia da composição, O cão sem plumas, Uma faca só lâmina e Paisagem com figuras**. Já na Segunda água ficaram: **Os três mal amados, O rio e Morte e vida severina**.

A obra que junta todos esses poemas apresenta uma dicotomia, sendo a primeira água uma parte difícil e segunda água de mais fácil compreensão. Mesmo dentro dessa diferença, atende a uma perspectiva de construção pela qual o poeta distancia de si alguns sentimentos e o que varia de uma parte para outra é o grau de construtividade. Porque na segunda existe um adensamento temático e ao mesmo tempo um controle lógico e sistemático do mecanismo das imagens.

Em **Morte e vida severina** o autor escreve uma obra para o povo e, por isso, com o seu linguajar de feição popular. Não se preocupou com decassílabos ou qualquer outro estilo metaforicamente culto. O povo sente-se representado nesse romanceiro popular, construído em versos de sete sílabas, talvez por ser um verso simples, marcado pelas cantigas populares medievais e pelo cordel nordestino.

O drama é a descrição de uma experiência infantil que foi carregada com o autor durante toda sua vida, principalmente, quando morou fora do país. Com essa experiência o poeta contrapõe a morte e a vida do retirante nordestino, não se

posicionando no sofrimento, na escolha pela morte ou na retomada das forças do retirante, como ele mesmo escreve que

[...] Algumas pessoas encontram em *Morte e vida Severina* uma mensagem de vida, de esperança, outras não. Eu propositalmente, deixei o final ambíguo. Apesar de ser confessadamente pessimista, neste caso não quis tirar qualquer tipo de conclusão, mas acho lícito que as pessoas tirem e consigam mostrar suas posições (MELO NETO, 1981 apud ATHAYDE, 1998, p. 108).

O poema está dividido em 18 trechos, ao longo dos quais o protagonista Severino descreve, juntamente com outros personagens, um rosário⁷ pelas várias cidades por onde passa, demonstrando uma enorme jornada que sai da nascente do rio Capibaribe até seu encontro com o mar e a chegada na cidade do Recife. O auto de natal pernambucano representa um pastoril, primeiramente, com seu suprimento da oralidade e uma perspectiva teatral; apresenta ainda um gênero narrativo quando dispõem em suas cenas os episódios que se sucedem, depois, um gênero dramático, este último de forma mais ampla na demonstração e no desenrolar das cenas teatrais.

Severino é nome dado com grande frequência aos nascidos no Nordeste, e, no texto, esse nome passa de substantivo próprio a substantivo comum. Ele traz a conotação de uma identificação individual e transforma-se em coletiva, pois, representa não mais somente um ser, mas toda uma sociedade miserável que corre em busca de melhor vida. O nome Severino ainda se transforma em adjetivo, quando qualifica a existência negada, demonstrando toda uma nação de sofredores que busca, a cada dia, sobreviver, mesmo dentro de uma penúria exacerbada, no texto conhecida como vida 'severina'.

Morte e vida severina é a obra mais conhecida de João Cabral de Melo Neto e tem sido encenada no Brasil e fora dele, por profissionais e amadores e sempre provocando o fascínio e a catarse. Como peça teatral ela realiza a sua função de espetáculo emocionante, seguindo a tradição do teatro e também da poesia. Apesar de ter sido escrito para o auditor do romanceiro de cordel, quem sempre se interessou pelo poema foram os intelectuais, fazendo o autor pensar que

⁷ Rosário é o conjunto de 150 Ave-marias, que em um processo de devoção e repetição correspondem a 15 mistérios que contemplamos desde a anunciação do anjo Gabriel até a coroação de Maria como rainha do céu e da terra. Divide-se em três mistérios: gozosos, dolorosos e gloriosos.

sua construção poética teria fracassado, pois não o escreveu direcionado às pessoas que gostam dele.

Severino é um homem de características fortes, assim como todos os retirantes que migram em busca da sobrevivência. Ele parte para a capital pernambucana, Recife, na Zona da Mata, assim conhecida, tempos atrás, por ser o local coberto pela Mata Atlântica. Essa saída é uma fuga da região árida, acalentada pelas faces da morte como forma de findar o sofrimento humano. Na outra ponta de sua jornada, o protagonista acredita que a luta é mais humana, que a vida é realmente vida e não somente 'severina'. Segundo Oliveira

Morte e vida severina é uma homenagem às várias literaturas ibéricas: os monólogos do Retirante têm em comum com o romanceiro ibérico o uso do heptassílabo e a assonância; a cena do Irmão das Almas homenageia o romance catalão do conde Arnaut; a cena do velório é pernambucana; a da mulher na janela é um poema narrativo em português arcaico incorporado ao folclore pernambucano. A cena dos coveiros é, curiosamente, escrita em verso livre, quem sabe com a intenção de continuar, de levar adiante uma conquista modernista. O diálogo do retirante com Mestre Carpina segue os processos da tensão galega; o resto é "romance" castelhano. O nascimento de Cristo se tornou um fato realista; a cena dos presentes, como outras, tem relação com os autos pernambucanos do século passado (século XIX). As ciganas estão nos autos antigos, prevendo o futuro nascimento da criança. Estão em Pereira da Costa, na obra sobre o folclore pernambucano (OLIVEIRA, 1994, p. 18).

A análise da estrutura do drama cabralino feita por Oliveira (1994) mostra bem essa capacidade do poeta em assimilar a produção literária da tradição e inová-la, colocando em questão a poesia. Retomando a tradição, Cabral rompe com a mesma para recriar uma nova forma de expressão. O velho se reveste de novo à medida que a ambientação do poema revela questões sociais vividas pelos pobres do Nordeste. **Morte e vida severina** tem como subtítulo 'Auto de natal pernambucano' e essa transposição do nascimento de Cristo para os manguezais do Recife atualiza o gênero, dando ao auto uma nova dimensão estética. Longe de tratar unicamente da temática religiosa, o poeta se prende ao social, denunciando as mazelas do povo pernambucano.

O protagonista do poema, Severino, percorre um caminho em sua retirada e esse caminho é o mesmo do rio Capibaribe. A saída de Severino é geograficamente descrita no poema, assim como a tentativa de se individualizar, demonstrando seu local de nascimento.

Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com mesmo nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

(MELO NETO, 1994, p.171).

João Cabral descreve um caminho seguindo uma linha dentro de seu estado natal, no qual o rio também o faz, nesse percurso ele vai “[...] passando por todas as paisagens nordestinas: sertão, agreste e zona da mata até chegar no litoral na grande capital [...]” (MARANDOLA, 2007, p. 62). E a autora ainda continua dizendo que, no poema, além da paisagem geográfica nordestina, encontramos também a íntima relação que Cabral teve com o Capibaribe, com a capital e com o estado de sua infância.

A escrita de uma literatura geográfica, como o subtítulo deste capítulo propõe aspectos sociais, históricos e culturais, cujo contexto João Cabral escreve, retratando o seu povo nordestino e ao ser analisado se confunde também com os miseráveis que estão fora do Nordeste, pois fala do sofrimento humano. A questão fundiária está escrita no texto quando Severino encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: “Ó irmãos das almas!” O protagonista, que já conhecia as faces das mortes nordestinas, matada, morrida e a que se vive em vida, se depara com a primeira delas e diz:

- E foi morrida essa morte,
irmão das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
- Até que não foi morrida,
irmão das almas
esta foi morte matada
numa emboscada

(MELO NETO, 1994, p. 173)

A morte fora encomendada, uma emboscada, que ele ainda vai dizer, no poema, por uma “ave-bala”, estas que estão sempre “voando desocupada”, porque

assim é mais garantido. E ainda, adianta o trabalho da morte severina, natural, que finda a vida do nordestino antes dos trinta anos de idade. É nesse momento que a fala poética denuncia a grilagem de terras. Que será melhor analisada no próximo capítulo.

Além da questão fundiária, Melo Neto (1994), no âmbito social, escreve que os autores do assassinato, pela busca de novas 'terras', ficam impunes à justiça. O escritor utiliza-se de metáfora para saber "o que acontecerá contra a espingarda?" (MELO NETO, 1994, p. 174), com o objetivo e na esperança em certificar se esses latifundiários seriam punidos por seus crimes. Porém, a resposta que é dada ao protagonista mostra o contrário, a espingarda utilizada no crime terá um campo maior onde soltar e fazer voar suas "filhas-bala".

Ainda em relação ao aspecto social, de acordo com Marandola (2007) o poema apresenta uma importância política no Brasil porque serviu, também, como bandeira aos movimentos sociais, principalmente ao desencadeado na década de 1960, conhecido como Movimentos dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). A autora reforça a importância do poema quanto à sua repercussão, tanto no Brasil como fora dele, em seus temas tratados e o faz dizendo que **Morte e vida severina**

[...] é um texto (no seu sentido amplo) que merece ser lido, relido e estudado. Do ponto de vista geográfico, é rico em imagens e conteúdo telúrico, de um lado, sem perder a indissociabilidade sociedade-natureza, de outro. Traz questões fundamentais para pensar as relações entre o conhecimento e a linguagem artística com o saber geográfico, na medida em que revela uma geografia essencial. Permite que estabeleçamos pontes entre a linguagem e o conhecimento artístico e científico, procurando explicar a ligação natural e primeira entre estes saberes e suas formas de dizer (MARANDOLA, 2007, p. 65).

Morte e vida severina foi escrito através de metáforas, nas quais figuras de similaridade aparecem para identificar e reproduzir questões sociais, primeiramente nordestina e depois quando melhor analisadas, determinar outras pessoas que também foram oprimidas socialmente. O poema estabelece questões sociais, utilizando a 'voz' das imagens. Marandola (2007, p. 65), ao escrever sobre o poema, diz que "[...] a força telúrica da paisagem é evocada para a composição da saga de Severino, que é o material da construção de símbolos e imagens utilizadas por ele na composição [...]". A autora ainda afirma que o texto revela os elementos geográficos evocados por ele, projetando as imagens pelas zonas fronteiriças percorridas por Severino.

Como anteriormente citado, sobre a construção poética de João Cabral, que é voltada para o concreto para a criação a partir da realidade, ele assim procede ao dar 'voz' à imagem, dessa forma, o escritor concebe um olhar geográfico à paisagem nordestina. Um exemplo disso é quando funde Severino ao rio Capibaribe, seu guia em um só elemento. Inclusive é bom lembrar que antes de escrever **Morte e vida severina**, João Cabral 'construiu' **O rio**, com o subtítulo de relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife. Nesse trabalho já monta uma simbiose homem/rio, uma fusão entre homem/Natureza, demonstrando as paisagens pernambucanas e descrevendo geograficamente os afluentes do Capibaribe, a monocultura canavieira e a Zona da Mata. Nesse poema Cabral escreve que:

Os rios que eu encontro
Vão seguindo comigo.
Rios são de água pouca,
em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão
Que faz secar todos os rios.
Rios todos com nome
e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente,
outros com nome de bicho,
uns com nome de santo,
muitos só com apelido.
Mas todos como a gente
Que por aqui tenho visto:
a gente cuja a vida
se interrompe quando os rios.

(MELO NETO, 1994, p. 121).

Esse imbricar é também realizado no texto de Severino. João Cabral utiliza a água, símbolo da vida, como o caminho do protagonista. Contudo, em todo o poema mostra uma contraposição entre vida e morte, apresenta a paisagem do rio seco, não conseguindo cumprir sua sina, identificando o rio e o homem que, entremeado nas várias paisagens, viveu uma vida severina.

Com maestria o autor retoma a vida, identificando-a em vários momentos e a utiliza para representar um auto de natal pernambucano. Esse momento é evidenciado no texto quando o retirante aproxima-se do morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio, de nome José, Cabral faz uma alusão à vida de Jesus Cristo e corrobora na fala do personagem que diz:

Severino retirante,
sou de Nazaré da Mata
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.

(MELO NETO, 1994, p. 194).

O poema faz uma alusão ao pai, José, e a cidade natal do Salvador e, também, recria a peregrinação feita pela família no nascituro de Nazaré da Mata até o manguezal do Recife, para que a chegada do novo homem que renovará a esperança em Severino seja em um local humilde, porém seguro e úmido, o mangue, importante berço que acolhe várias espécies, onde pulula a vida devolvida para a Natureza, principalmente para o mar.

Então, é dada uma resposta ao protagonista que vê os presentes chegarem para o recém-nascido, ele é a força da vida que persiste em se fazer. O nascimento do menino é a esperança de todos os Severinos do Sertão nordestino. João Cabral utiliza essa alusão ao auto de natal para dar ao leitor uma visão histórico-cultural do Nordeste brasileiro, o escritor retrata o nascimento de Cristo. Porém, altera os presentes recebidos para fazer uma leitura particular com uma originalidade pernambucana ao texto, e o faz assim:

- Minha pobreza tal é
Que não trago presente grande:
Trago para a mãe caranguejos
[...]
- Minha pobreza tal é
que coisa alguma posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar
[...]
- Trago abacaxi de Goiana
e de todo o Estado rolete de cana
[...]
- Siris apanhados no lamaçal
que já no avesso da rua Imperial.
- Mangas compradas nos quintais ricos
do Espinheiro e dos Aflitos.
- Goiamuns dados pela gente pobre
da Avenida Sul e da Avenida Norte.

(MELO NETO, 1994, p. 196-197-198).

Como apresentado no poema, às pessoas chegam trazendo presentes para a mãe e ao recém-nascido. Há uma originalidade impressa ao texto, dada

propositadamente por João Cabral, resultante da *mimesis* poética, com o intuito exótico de marcar a cultura nordestina. Todos os presentes representam características da localidade: caranguejos, leite, abacaxi de Goiana, rolete de cana, siris do lamaçal, mangas do Espinheiro e dos Aflitos e Goiamuns. Além desses o poeta utiliza de sua experiência vivida no Recife para mostrar também os seguintes presentes: tamarindo, ostra, jaca, mangaba, caju, peixe, carne de boi. Ao fazer essa leitura, o poeta retoma os simples presentes dados pelo reis magos e faz uma representação do processo histórico-cultural dos nordestinos. Eles indicam os elementos geográficos que apontam as localidades pernambucanas, se estendendo igualmente as demais cidades litorâneas de todo o Nordeste brasileiro.

Morte e vida severina é um retrato da cultura do Sertão, nela João Cabral constrói importantes imagens e lhes dá ‘vozes’, cujos dizeres caracterizam diferentes elementos de leitura. Os elementos visuais e auditivos das imagens simbolizam as paisagens durante o percurso de Severino, elas estão carregadas de uma forte emoção. O sentimento na poética cabralina é resquício do que aprendeu com Murilo Mendes. Candido (2002, p. 137) diz que “[...] As suas emoções se organizam em torno dos objetos precisos que servem de sinais significativos do poema – cada imagem material tendo como fato, em si, um valor que a torna fonte de poesia, esqueleto que é do poema [...]”.

São muito importantes as funções sensoriais contidas no poema, porque o escritor parte do concretismo das coisas, da musicalidade e também, de aspectos perceptivos do abstrato poético que retratam as paisagens nordestinas, utilizando os sentidos como por exemplo: o ver, o cheirar, o tocar, entre outros como se o leitor se aproximasse da imagem descrita. Borges Filho (2007) trata da importância dos sentidos na representação do espaço, escrevendo que, além de percebermos espaços extremamente variados, é também diferente a percepção de cada ser, principalmente pela localização de cada um, ou seja, pessoas terão diferentes definições perceptivas, opiniões diversas frente ao mesmo espaço no mesmo tempo. “Essas variações se devem tanto à formação cultural de cada um que, ao longo dos anos, foi recebendo padrões de interpretação específicos, mas também se deve à própria constituição física, genética de cada ser particular.” (BORGES FILHO, 2007, p. 71/72).

E o que pretendemos mostrar no próximo capítulo é o que Severino viveu durante seu périplo entre a Serra da Costela até o litoral pernambucano. Dentro

desse percurso, analisar as metáforas utilizadas pelo escritor para mostrar o simbolismo de caráter geográfico empregado para demonstrar as paisagens do estado pernambucano na década de 1956, época em que foi escrito o poema. E como seria essa viagem dentro dos aspectos que contrastam aquele tempo com a atualidade, analisando se as mortes ainda continuam assombrando o nordestino e, se afirmativo, de que forma elas o fazem agora.

CAPÍTULO III

O ESPAÇO E A PAISAGEM NA PÓETICA DE JOÃO CABRAL E EM *MORTE E VIDA SEVERINA*

De São Lourenço
à Ponte de Prata

Vou pensando no mar
que daqui ainda estou vendo;
em toda aquela gente
numa terra tão viva morrendo.
Através deste mar
vou chegando a São Lourenço,
que de longe é como ilha
no horizonte de cana aparecendo;
através deste mar,
como um barco na corrente,
mesmo sendo eu o rio,
que vou navegando parece.
Navegando este mar,
até o Recife irei,
que as ondas deste mar
somente lá se detêm.

Ao entrar no Recife,
Não pensem que entro só.
Entra comigo a gente
que comigo baixou
por essa velha estrada
que vem do interior;
entram comigo rios
a quem o mar chamou,
entra comigo a gente
que com o mar sonhou,
e também retirantes
em quem só o suor não secou;
e entra essa gente triste,
a mais triste que já baixou,
a gente que a usina,
depois de mastigar, largou.

(João Cabral de Melo Neto⁸)

Numa luta poética, chegamos à batalha maior, ver o rio, ver o homem, perceber suas fraquezas, suas angústias, o fio da esperança e traçar uma análise da paisagem e do espaço na poética de João Cabral. Nessa análise, espaço/tempo redundante em criação humana, por onde podemos habitar em bons momentos de leitura, aproximando-nos o mais possível da realidade.

A Literatura, enquanto expressão artística, como ficção, como uma relação fantasiosa e imaginária, tem uma profunda proximidade com o real, com o

⁸ Trecho do poema intitulado: “De São Lourenço à Ponte de Prata”, da obra: **O Rio**. (1994, p. 134).

que está fora do mundo literário. É por essa razão que a leitura de poemas, romances ou quaisquer outras obras literárias podem nos ajudar a entender a relação do homem com a sociedade e o mundo de forma geral. Faz, também, o leitor se aproximar da realidade, refletindo e questionando, porque mesmo com o conteúdo de elementos ficcionais está contida a experiência do autor a respeito de uma construção social.

A epígrafe apresentada no tópico deste capítulo, assim como em todos os anteriores, foi escolhida dentre a obra cabralina e esta, principalmente, mostra a descrição de imagens numa travessia do rio que narra seu trajeto e tudo o que vê pelo caminho. A escolha desse trecho do poema deve-se, principalmente, por considerarmos o poema **O rio** uma fronteira entre realidade e ficção, entre Geografia e Literatura. O poema dá-nos uma impressão de que está posto como uma carta geográfica colocada em versos. Como já dissemos anteriormente, foi necessário que o autor revisasse o mapa do Capibaribe com seus afluentes e mostrasse-nos, através da leitura, a sua Geografia, dando-nos a sua dimensão precisa e o prazer maior da aquisição de saber **O rio** ficcional e geográfico.

Observamos, no poema epigrafado, um distanciamento do tempo, o escrever atemporal nos lança dúvidas sobre a linearidade do poema, certamente isso se deve à experiência não-linear, também, vivida pelo poeta que, muito cedo, teve que se mudar várias vezes e, ainda jovem, deixar seu estado natal. Sobretudo, somos carregados pelos versos onde o rio nos descreve as cidades, as pessoas, a vegetação por onde passa e a relação que fazem uns com os outros, moradores e o local onde vivem.

O rio quando entra no Recife pressupõe sua batalha final ao encontro com o mar. Podemos perceber no poema em epígrafe que ele faz um lamento juntamente com toda aquela gente que buscava melhor vida, tanto o rio quanto os 'Severinos' caminharam juntos num sonho para encontrar uma terra doce. E nessa terra da promessa, percebem que as pessoas também morrem por seus variados motivos e o que ainda luta, seu suor não seca. Como um barco em água corrente, nós somos transportados pelo rio. O navegar é a ferramenta utilizada para associar o escrever com as imagens 'vistas' pelo rio.

O Capibaribe, ao entrar na sua última 'ave-maria', marca detalhes do que o poeta carregou consigo na memória, um deles é descrito pelos os trabalhadores 'mastigados' pelos dentes da usina e largados de volta, à deriva no rio. Como

podemos perceber, a Geografia poética da travessia do retirante nordestino é marcada pelas histórias das águas do Capibaribe.

O rio não tem outra saída. Ele é, assim como os retirantes que buscam melhor vida, atraído pela mesma esperança, fugindo da dureza que viveu no início da jornada, lá no Sertão. Sua sina é o mar, ele sabe que precisa cavar a terra, traçar caminhos, mesmo que tortuosos para cumprir seu destino. Assim como o rio, o homem caminha em direção ao litoral em busca de um pouco de vida, menos seca, mais molhada. O sal do mar que se confunde com o sal de seu suor poderá ser o alimento da alma e do corpo. Por isso, a esperança caminha junto com esse rio/homem e com esse homem/rio, fazendo-o acreditar em dias melhores. E, embora sendo rio, vai como um barco, levado pela correnteza para, ao entrar no Recife, enfrentar seu destino final, carregando consigo os trabalhadores que foram explorados pela usina e deixados à deriva para também se encontrarem com o mar.

Nesta última parte de nossa viagem, o objetivo é mostrar um pouco do espaço na poética cabralina e como o autor percebeu e descreveu a paisagem em suas obras, mais especificamente em **Morte e vida severina**. E ainda, contextualizar, sob a luz da Geografia, as mortes no poema, como são descritas e de que forma influenciaram na paisagem da narrativa. Por último, sob a análise perceptiva da paisagem, estabelecer um paralelo entre a travessia do retirante Severino, ainda nos idos da década de 1950 e como ela se daria nos dias atuais, já que João Cabral usou a Geografia em sua poética para pintar obras de arte. Por isso o leitor recebe as imagens do rio e do retirante nordestino como sendo atuais, visto que gritam questões sociais que sobrepujam ao tempo e até mesmo as impressões do poeta.

3.1 O espaço e a percepção da paisagem em Severino

O estudo do espaço/tempo é grande mister na vida de qualquer pesquisador que queira entender o processo fenomenológico da ciência humana. Mais precisamente, nas últimas décadas, os maiores estudiosos sobre a categoria foram os geógrafos. E entramos em um grande embate quando no desenvolvimento desse estudo, por ser sua conceituação uma árdua missão, contudo não nos cabe, aqui, um estudo profundo sobre o espaço, apenas utilizaremos alguns teóricos para compreendermos o espaço na obra estudada.

Para Santos (1988, p. 64) “O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”. Dessa forma, entendemos o espaço geográfico como o local onde ocorre todo fato resultante da intromissão humana, sendo que essa intromissão tanto pode ser real ou imaginada. Esse local é definido pelo conjunto de posições formadoras do sistema universal em que vivemos, tal como qualquer parte do mundo que pode ser listada pela ciência. Esse pensamento pode abranger não uma totalidade, mas tenta explicar o que seria espaço geográfico, facilitando uma relação com a Literatura.

Para melhor entendimento do espaço em **Morte e vida severina** e a classificação de todos os seus elementos constituintes e integrantes que estão representados pela vegetação, pelo clima, pelo relevo, dentre outros, é necessário compreender que esses aspectos resultam na miscigenação e na homogeneização dos elementos naturais no corpo do drama de João Cabral. Por outro lado, temos, também, o espaço humanizado e modificado pelo homem. Um exemplo disso ocorre quando Severino chega à capital Recife, especialmente em um cais do Capibaribe, e vê uma estrutura natural totalmente alterada pela ação humana: o rio já não é o mesmo, o poema o descreve dessa forma:

e cada casa se torna
num mocambo sedutor.
- Cada casebre se torna
no mocambo modelar
[...]
Enxergo daqui a planura
que é a vida do homem de ofício,
bem mais sadia que os mangues,
tenha embora precipícios.
Não o vejo dentro dos mangues,
[...]
que é mudar-se destes mangues
daqui do Capibaribe
para um mocambo melhor
nos mangues do Beberibe.

(MELO NETO, 1994, p. 196/199).

Agora o mangue se mistura às palafitas e o cotidiano dos ribeirinhos que formam um só contexto, uma só paisagem. O homem se cobre de lama fundindo-se com a imagem das beiras do rio Capibaribe. O rio se apropria dele, evidenciando características comuns da paisagem que antes era formada somente por barro, siris, caranguejos e outros elementos naturais, para mostrar uma mudança na Natureza,

que se transforma em local de moradia e sobrevivência da população pobre. Os mangues são as moradas do homem nordestino. Sobre a alteração na paisagem ocasionada pela ação do homem, Santos (2006) afirma que

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada (SANTOS, 2006, p. 62).

No caso dos mangues, o homem transforma a Natureza, mas é, também transformado por ela, tornando-se bicho que chafurda na sua lama negra. O manguê é o lar, é a fonte de alimento, é o cemitério dos pobres Severinos.

Falar do homem/rio é, também, o propósito do presente tópico, de como o rio se humaniza e o homem se reduz a uma significação puramente material, se coisifica. O rio e o homem descem da serra interiorana descrevendo as várias imagens por onde passam e com suas próprias percepções descrevem as várias paisagens, banhadas pelo efeito dos seus 'suores' despejados pela travessia ricamente descrita por João Cabral. De acordo com Pinto (2003) tanto o rio Capibaribe como o homem Severino constituem-se de uma natureza desajudada, abandonados, "[...] ambos estão sujeitos a um destino de penúria, motivado pela seca. É a marca da carência que os aproxima e une uma poética de travessia." (PINTO, 2003, p. 124). Em uma simbiose os dois correm pelo estado do Pernambuco, indistintamente lutando, buscando melhor vida. A imagem da serra é descrita no poema, identificando um retrato diferente de outros lugares.

lá da serra da Costela
limites da Paraíba
[...]
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia

(MELO NETO, 1994, p. 171).

Severino mostra a serra 'ossuda' e seca do Sertão Nordestino, para individualizar seu local de saída, havendo um reconhecimento de igualdade com ele próprio. No estudo desse espaço, podemos verificar uma hierarquia humana e essa

se caracteriza na utilização que o homem faz da Natureza para aquisição material. O espaço hierárquico é resultado do desenvolvimento material humano no decorrer dos tempos. A aquisição material, resultante do capital adquirido, não é homogênea, variando de pessoa para pessoa. E o que mais nos interessa, nesse aspecto, é o que aponta a Geografia Cultural quando analisa o espaço em relação ao homem, demonstrando ser o espaço o local onde todo ser humano busca, cada um na relação com o outro, traçar afetividades subjugadas ou pelo respeito, ou pelo temor uns dos outros. A formação da religiosidade, da intelectualidade ou dos aspectos culturais, demonstra o conjunto natural do que venha ser o espaço na sociedade. Como bem preleciona Santos:

Mas quando então a nossa curiosidade se transfere para o espaço humano, enormes dificuldades se levantam porque ele é a morada do homem, é o seu lugar de vida e de trabalho. [...] Que é, então, o espaço do homem? É o espaço geográfico, pode-se responder. Mas o que é esse espaço geográfico? Sua definição é árdua, porque a sua tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social (SANTOS, 1986, p. 120).

O estudo do espaço hierarquizado é de grande importância para a caracterização do que ocorre em nosso meio. É a concatenação do que se realiza dentro da sociedade, como concreto e/ou abstrato e está descrito na Literatura em fatos ocorridos dentro de um período passado ou da atualidade. Falar das características espaciais em **Morte e vida severina** olvidando-se das temporais seria um equívoco muito grande, pois, essas especificidades apresentam-se miscigenadas, os reflexos dessa junção são vistos no protagonista Severino. Tratamos, em primeiro plano, de centrá-los na obra de João Cabral de Melo Neto.

Em se tratando do tempo, ele não aparece de forma sistemática no texto, podemos dizer que sua cronologia é indeterminada. Porém, o autor usa a estação da seca para mencionar o tempo em que ocorrera toda a jornada, em sua partida. Sua narrativa nos remete a um tempo de seca, como no trecho

a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

(MELO NETO, 1994, p. 172).

Severino pinta a seca nordestina em um quadro que se molda numa roça no meio das cinzas, sob o suor do lavrador trabalhando sobre 'pedras' em terras 'extintas', terras que quase se 'acabam' pela força dos raios solares. O tempo da travessia é de seca. Enquanto o espaço é demarcado de duas formas: concreta e abstratamente. Severino percorreu um grande caminho, descrevendo-o de maneira real e fictícia. Concreta e real porque descreve os locais por onde passa, por exemplo, a Caatinga, escrevendo com riqueza de detalhes as imagens vistas, com suas árvores e espinhos, abstrata e fictícia porque é o sentimento vivido pelo protagonista. Vejamos uma imagem real mostrada no poema por Severino

- Onde a Caatinga é mais seca
irmão das almas,
onde uma terra que não dá
nem planta brava
[...]
e para quem lutou a braço
contra a piçarra da Caatinga.

(MELO NETO, 1994, p. 173).

Essa imagem da Caatinga assume aspectos ficcionais na medida em que é descrita pela visão particular do protagonista. Desta feita, realidade e ficção caminham juntas ao lado da obra. Podemos ler ainda o desenho poético, refletindo a dureza do sertanejo frente aos seus problemas cotidianos que precisam ser enfrentados:

- Finado Severino,
quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...
[...]
- Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação.

(MELO NETO, 1994, p. 177).

Mais uma vez João Cabral usa poucas palavras com vasto sentido poético para estruturar o que Severino sentia quando buscava melhor vida. O texto é altamente poético, pode não ser lírico, mas não perde sua poeticidade. A escassez de palavras remete-nos à falta de tudo na vida dos Severinos. Quer algo mais poético que isso? A expressão "coisas de não" é uma imagem altamente poética,

não há mais nada a dizer, a expressão já diz tudo, a enumeração no verso seguinte é redundante, confirmam apenas o “nada” presente/ausente na vida do nordestino retirante. E João Cabral desenha a paisagem cultural dos cantos de excelência para um defunto, fato rotineiro no Sertão.

Severino continua narrando sua jornada onde o homem se funde ao rio para completar o caminho, aspectos irrealis aproximam-se da realidade, retratando o Nordeste brasileiro numa caminhada entre o Sertão e o Litoral. Nesse trajeto até a capital Recife, o protagonista vai, efetivamente, em busca da vida e, diferente do que pensava, ele somente encontra mais e mais mortes, que serão analisadas no próximo tópico deste capítulo.

O poema inicia-se com a apresentação de Severino. Há um processo de autoidentificação na tentativa de individualização da personagem que se apresenta única, como substantivo próprio – Severino – sem apelido, sem outro nome de pia, mesmo havendo muitos por lá; por essa razão, apresenta sua mãe, ainda com o intuito de ser homem que se justifica pela própria existência, nos limites da Paraíba

O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;

[...]

Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

(MELO NETO, 1994, p. 171).

O protagonista apresenta-nos a sua localização espacial na narrativa, o que é imprescindível em sua caracterização. O poeta utiliza o monólogo no intróito do poema para designar uma pessoa, única, e isso nos faz conhecer melhor o Severino, o filho da Maria do finado Zacarias. É interessante como ele estabelece a relação de dependência hierárquica (o filho da mãe, que é, por sua vez, esposa). Essa dependência hierárquica traduz uma crença discriminadora e cruel de que há certeza da maternidade, mas não da paternidade e também de que a mulher perde a identidade ao ligar-se ao marido.

O poema estabelece uma ordem hierárquica na apresentação da personagem, primeiramente temos sua origem genealógica, depois sua origem espacial, seu lugar de pertencimento. A partir dessa identificação podemos perceber o início do percurso de Severino que começa na serra da Costela. Contudo, sua individualização se torna muito complicada em virtude dos vários Severinos filhos de tantas 'Marias' de tantos finados 'Zacarias'.

Esse processo de identificação, aparentemente, visa uma individualização, mas redundando numa descaracterização do homem Severino. E, de substantivo próprio se transmuta em substantivo comum, designando outros tantos retirantes que, como ele, foram escorraçados de suas terras, tanto pela seca como pela ganância latifundiária. A descrição abaixo corrobora com o aspecto físico dos vários Severinos retirantes:

Somos muitos severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinha.

(MELO NETO, 1994, p. 171/172).

Severino, por último, apresenta-se como adjetivo. João Cabral gramaticaliza inversamente o nome do protagonista. É normal adjetivos tornarem-se substantivos, nome, como o próprio substantivo 'Severino' que advém dos adjetivos: difícil, árduo, severo. O nome Severino, no poema, designa uma vida difícil ou morte fácil, o termo qualifica a existência da dureza da vida no Sertão, da aspereza da vida severina. A alteração morfológica de substantivo para adjetivo da palavra severino é para mudar também a categoria social do retirante, porque a problemática que vemos em **Morte e vida severina** é de caráter social em que evidencia uma aviltante situação de miséria enfrentada pelo homem nordestino, lutando contra a seca, a fome e a miséria.

João Cabral dá um significado especial ao espaço em sua obra, relacionando o sertanejo com o espaço vivido, numa perspectiva que é ao mesmo tempo realista e mimética, com uma intensa capacidade de penetrar na alma do retirante. O espaço vivido pelos personagens é um mundo de mísero conforto e

pouca comida e, no entanto, possui uma força mítica, ocultando suas ações e, às vezes, revelando seus desejos e anseios por melhor vida. E faz referência a uma mesmice miserável onde percorre

Mas não senti diferença
entre o Agreste e o Sertão
e entre a Caatinga e aqui a Mata
a diferença é a mais mínima.

(MELO NETO, 1994, p. 186).

A linguagem usada pelo dramaturgo, para determinar a personagem e o espaço, expressa os aspectos múltiplos que apreendidos da realidade criam o mais humilde e prosaico cotidiano sertanejo. A tendência em transformar o Sertão em lugar idílico propicia uma visão romântica do mesmo, como se o homem, vivendo em contato direto com a Natureza, fosse o mais sublime dos seres. Essa visão, quase sempre, camufla a atmosfera de violência da zona rural. Em **Morte e vida severina** João Cabral utiliza-se da Literatura para denunciar a violência sofrida pelo homem rural, apresentada de todas as formas, tanto natural quanto física, moral e psicológica. A violência causada pela pobreza, pela cobiça, pela falta de assistência, pelas condições climáticas faz com que o personagem principal se depare o tempo todo com a morte.

A relação que João Cabral faz da experiência do protagonista com o espaço vivido está internalizada também por ele. Existem, em vários lugares, pessoas que se assemelham aos problemas sociais enfrentados pelos nordestinos e, aos olhos do retirante, caracterizam-se pela mesma sentença de morte, quando suas expectativas são frustradas. Em outro viés, identificamos o trajeto que ele percorre: Sertão, Agreste e Zona da Mata Pernambucanos, esse caminho é o físico, no qual se mostra as características geográficas do Nordeste Brasileiro, onde o homem está exposto a aspectos naturais que se contrapõem: dureza e maciez, morte e vida.

Para Tuan (2005, p. 223) “As pessoas da zona rural estão expostas tanto ao lado rude como suave da natureza. O rigor da natureza é raramente representado nos croquis geográficos das cenas campestres, [...]”. Essa junção externa com o que está internalizado em Severino numa perspectiva espacial está definida assim por Cosgrove e Jackson (2003, p. 103) “[...] a tarefa da Geografia

Cultural é apreender e compreender a dimensão da interação humana com a Natureza e seu papel na ordenação do espaço”.

Segundo Borges Filho (2007, p. 37) “[...] o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira”. Para o autor, o espaço pode transformar a personagem, o seu “[...] estado psíquico encontra ressonância na natureza. A natureza reforça a ação da personagem, propiciando uma extrema coesão e coerência dentro da narrativa” (BORGES FILHO, 2007, p. 51). Não é gratuita a intenção de Severino, em certa altura do poema, dar cabo da própria vida. A Natureza inóspita determina suas atitudes e só o milagre da vida faz com que ele desista de sua intenção. A travessia empreendida pelo protagonista é também uma travessia de esperança, a mudança da paisagem e a presença da água dão uma dimensão simbólica e espacial ao drama cabralino. A exuberância da vegetação, a rapidez com que ela se recompõe na estação da chuva reflete na ação do homem. A presença da água é sinal de fartura, de pão na mesa, de trabalho garantido. A busca do litoral é a busca pela fartura, pela água que propicia melhores condições de vida.

A paisagem está compreendida na junção de elementos da Natureza, englobados dentro do espaço geográfico utilizados pela sociedade. Os ecossistemas geográficos, desde a Caatinga até a Mata Atlântica, estão compostos de uma estrutura física paisagística e a da ação do homem, no espaço geográfico, constitui elementos materiais que comprovam a interação do homem com a Natureza. Então, no poema, temos a paisagem natural e a paisagem cultural, essa última se explicando na forma pela qual o homem modifica e é modificado pela Natureza.

Toda estrutura poética de João Cabral apresenta imagens diversificadas, o autor escreve os canaviais, o rio, os coqueiros, a praia, os manguezais e várias outras que vivenciou em sua cidade natal, Recife. A paisagem existe na relação do homem com o meio e o poeta esteve, juntamente com o rio, numa íntima experiência com seu estado e sua cidade. Ele viu, sentiu e percebeu a paisagem e a descreveu dando voz as coisas, porque o poeta sempre se valeu do apelo visual para escrever, como no poema abaixo:

COISAS DE CABECEIRA, RECIFE

Diversas coisas se alinham na memória
numa prateleira com o rótulo: Recife.
Coisas como de cabeceira da memória,
a um tempo coisas e no próprio índice;
e pois que em índice: densas, recortadas,
bem legíveis, em suas formas simples.

2

Algumas delas, e fora as já contadas:
o combogó, cristal do número quatro;
os paralelepípedos de algumas ruas,
de linhas elegantes mas grão áspero;
a empena dos telhados, quinas agudas
como se também para cortar, telhados;
os sobrados, paginados em *romancero*,
várias colunas por fólio, impresados.
(Coisas de cabeceira, firmando módulos:
assim, o do vulto esguio dos sobrados.)

(MELO NETO, 1994, p. 337).

O fato de João Cabral ter participado de um processo histórico de formação do Pernambuco, tanto intelectual como de vida, corrobora sua escrita a partir do visual. Isso fez com que ele percebesse a ação do homem no espaço geográfico pernambucano e sentiu aspectos importantes para a caracterização da paisagem, tal como: a interação do homem com o meio e/ou sociedade com a Natureza, porque de tamanha grandeza são os objetos concretos descritos por ele e não menos importante é a relação, a reciprocidade da ação entre eles. Como dito anteriormente, o rio, por exemplo, é uma imagem preponderante na vida de João Cabral, por ter vivido grande parte às suas margens conseguiu perceber suas mudanças.

Três são as, principais, obras cabralinas que desenham o rio Capibaribe em toda sua essência, Barbosa (1996) chama de tríptico do rio, que são: **O cão sem plumas**, **O rio** e **Morte e vida severina**. Neles há uma linguagem de metamorfose em que transforma o homem em rio e o rio em homem, numa perfeita simbiose mostrada por imagens poéticas. Às vezes, por um 'fio', demonstrando um estado miserável pelo qual o sertanejo e o rio atravessam o Sertão no período de seca, outras revitalizado pela esperança de vida que se faz na braveza nordestina. Tanto o rio como o homem, interligados, enfrentam a precariedade do Sertão que está descrito por João Cabral assim:

Os rios

Os rios que eu encontro
vão seguindo comigo
Rios são de água pouca,
em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão
que faz secar todos os rios.
Rios todos com nome
e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente,
outros com nome de bicho,
uns com nome de santo,
muitos só com apelido.
Mas todos como a gente
que por aqui tenho visto:
a gente cuja vida
se interrompe quando os rios.

(MELO NETO, 1994, p. 121).

O trecho acima transcrito de **O rio** remonta a junção do homem com a Natureza, o poeta quando o escreve dá voz ao rio e o humaniza, dando nome de gente e o próprio rio narrando o poema. Isso ocorre também em outros momentos como nos versos abaixo:

Sempre pensara em ir
caminho do mar.
Para os bichos e rios
nascer já é caminhar.
Eu não sei o que os rios
têm de homem do mar,
sei que se sente o mesmo
e exigente chamar.
Eu já nasci descendo
a serra que se diz do Jacará,
entre caraibeiras
de que só sei por ouvir contar
(pois, também como gente,
não consigo me lembrar
dessas primeiras léguas
de meu caminhar).

Desde tudo me lembro,
lembro-me bem que baixava
entre terras de sede
que de margens me vigiavam.
Rio menino, eu temia
Aquela grande sede de palha,
Grande sede sem fundo
Que águas meninas cobiçava.

(MELO NETO, 1994, p. 119)

Há na voz do rio, nos trechos acima, uma preocupação da narrativa que é a questão social, além de mostrar o abandono do Sertão, fala do empobrecimento do retirante e o cumprimento de sua sina. Em **O cão sem plumas** o poeta, outra vez, verbaliza o processo de identificação entre o rio e o homem, esse poema de Cabral é todo dedicado ao rio e por isso divide-se em: “Paisagem do Capibaribe” I e II; “Fábula do Capibaribe” III e “Discurso do Capibaribe” IV. Os versos abaixo estão dispostos no IV momento, eles apresentam uma marca característica da junção do homem e da Natureza em uma imagem poética:

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem

(MELO NETO, 1994, p. 110).

De acordo com Galve (2006) o rio Capibaribe executa todo o seu percurso, preparando-se para uma grande batalha contra o mar. O rio barra o oceano que tenta destruir o mangue e nessa luta ele é humanizado, pois suas águas de ralas se tornam em densas como o sangue de um homem.

Em **Morte e vida severina** há novamente uma infusão em que o rio verte-se sobre o homem. João Cabral utiliza essa junção para mostrar, em primeiro plano, a condição de penúria em que passa o sertanejo, enfrentando a seca. Tanto o rio quanto Severino querem atravessar o Pernambuco, cada qual em busca de sua luta, seguem juntos os maus e bons momentos de suas sinas.

Podemos dividir o poema em duas grandes partes quando falamos dos trechos a serem percorridos: uma compreende do primeiro até o nono trecho e trata da viagem que Severino traçou desde os limites da Paraíba até ao Recife; a outra está evidenciada do décimo ao décimo oitavo nos quais aparece a experiência vivida pelo nordestino na capital pernambucana, suas transformações, suas ações exercidas e sofridas no e pelo rio.

Na primeira parte do poema o rio se funde à paisagem seca do Nordeste.

Severino tem medo de extraviar-se, uma vez que o rio Capibaribe, seu guia, cortou seu curso com o verão, transformando-se todo em Caatinga e o fio condutor enovela-se, identificando a estrada/rio com o homem nordestino a enfrentar os percalços da vida. Como vemos no trecho do poema abaixo:

há certas paragens brancas,
de plantas e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pêlo
hirsuto desta caatinga.

(MELO NETO, 1994, p. 176).

A visão do andarilho é mostrada no texto por intermédio das palavras de Severino, nas quais se pode perceber a imagem da Caatinga, uma vegetação predominantemente nordestina, com arvoretas espinhosas e secas. É um local ermo e, no poema, muitas vezes sem ‘donos’, vazias, com a falta de plantas e animais. Vale lembrar que falamos da década de 1950, quando a obra foi escrita. A paisagem descrita por Severino é uma aproximação da realidade física de um bioma exclusivamente brasileiro, essa árvore que ele pinta possui folhas pequenas e é coberta por um tipo de cera, com raízes profundas, significando sua luta para encontrar a umidade necessária para continuar a vida. De acordo com Marandola ao escrever sobre o Sertão,

[...] aparece muitas vezes e de várias maneiras: “uma terra que não dá nem planta brava”, “terra de pedra e areia lavada”, com “magros lábios de areia” e de “pêlo hirsuto”, região “que o vento vive a esfolar”, “escalavradas pela seca faca solar”, onde “plantas de rapina são tudo o que a terra dá”. A imagem evocada é aquela que humaniza a paisagem ao mesmo tempo em que naturaliza o homem. Ações humanas são aplicadas aos elementos, apontando para o laço indissociável homem-meio (2007, p. 85).

Ainda de acordo com a autora, a secura é o principal reflexo que marca a paisagem, onde o próprio João Cabral denomina de uma “paisagem mineral”: árida e sólida, remetendo-nos às intermitências dos rios, as serras magras e ossudas de onde parte Severino.

Severino também identifica-se com a Caatinga. Como sertanejo, ele é “seco”, de carne dura, rija e resistente ao sol, esfolado pelas agruras da vida e da

seca que provoca a escassez de alimento, a falta de perspectiva. Esse homem-rio é também um homem-caatinga, a espera da bonança que surge em forma de chuva para resplandecer, florescer, escorrer em fluxos de renovação e esperança.

A Caatinga, ainda, está presente em vários Estados, tais como: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e cobre parte de Minas Gerais. Sua flora está caracterizada por espécies que são altamente adaptadas ao calor e a seca e é muito baixo seu potencial econômico. Ela se protege por sua natureza espinhosa, revestida de um pelo áspero, cortante.

nem que se enrede no pêlo
hirsuto desta caatinga.

(MELO NETO, 1994, p. 176).

O pelo, no poema, representa o 'fio' da 'linha' da vida de Severino, possibilitando driblar a morte nesse labirinto escaldante que é o Sertão nordestino. Pela hirsutez da Caatinga, provavelmente, Severino não conseguiria concluir sua jornada, se perderia pelo caminho, adiantando a morte no Agreste, mas os dois apresentam características similares de resistência.

A Caatinga apresenta aspectos que se aproximam de clima desértico, onde a sobrevivência do homem depende muito de sua experiência e até da sorte. A sequeidão fecha as portas para a passagem do retirante. O rio, fio condutor, já não corre mais na superfície, deixando Severino entregue à sua sorte, pois sua estrada/rio torna-se vegetação, assim descrita no poema:

Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.

(MELO NETO, 1994, p. 176).

Severino descreve um rio que se confunde, dentro de suas intermitências, com uma estrada arenosa, características encontradas na Caatinga, que é uma área com maior ênfase entre o Sertão e o Agreste, partes da jornada de Severino. Nessa parte a confusão de Severino se dá com maior rigor, porque a vegetação seca mistura-se com a areia do rio e o leito não mais deita suas águas sobre a terra, mas sim, enche-se de plantas que cobrem a estrada. Severino teme se perder na aspereza e nos espinhos das plantas, defesa da vegetação, que agora se vê cobrindo a água de seu rio.

A paisagem do rio mistura-se com a vegetação, pois ele serpenteia por baixo da areia e torna-se rio subterrâneo. O solo resulta em uma estrada de pó, onde os poucos bichos se alimentam do ralo pasto que surge da terra/água e das pequenas árvores que confundem o retirante. Severino percebeu a paisagem do rio até onde sua vista alcançava, contudo não o sentiu em sua essência, porque o rio interrompeu sua descida, tal qual pernas que não mais caminhavam. O homem e o rio buscaram alternativas para continuarem suas descidas, um pela experiência humana e o outro pela força da Natureza.

O rio rasga a terra e cria sua estrada, traçando um percurso que o leva ao mar, nasce franzino, encorpando-se aqui, secando acolá, voltando à vida e cumprindo seu destino ao desembocar no mar. Assim é Severino, o homem-rio, que rasga a terra com seus pés, deixando para trás uma vida miuda em busca da possibilidade de outra vida menos árida no litoral, terra da promessa, lugar da utopia.

Sobre o rio Capibaribe vale lembrar que é um dos mais importantes dos que atravessam o Pernambuco, nasce, 'vive' e deságua naquele Estado, corre como uma coluna vertebral no sentido interior/litoral. Sai da serra do Jacarará, no município de Poção, e possui duzentos e quarenta quilômetros de extensão, com aproximadamente setenta e quatro afluentes, dentre eles o Beberibe, que os recifenses dizem se encontrarem para formar o oceano. O rio banha trinta e dois municípios, que representam as contas formadoras do rosário descrito por Severino, entre eles citamos: Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Salgadinho, Limoeiro, Paudalho, São Lourenço da Mata e, onde cumpre sua sina, Recife. Passando por essas 'contas' Severino chega à Zona da Mata e fica espantado com os rios que correm, com abundância em água e diz:

Os rios que correm aqui
têm água vitalícia.
Cacimbas por todos os lados;
Cavando o chão, água mina
[...]
Agora é que compreendo
por que em paragens tão ricas
o rio não corta em poços
como ele faz na Caatinga:
vive a fugir dos remansos
a que a paisagem o convida,
[...]
(que o rio, aqui no Recife,
Não seca, vai toda a vida).

(MELO NETO, 1994, p, 182/187/193).

De acordo com Marandola (2007) essa integração homem/rio já era característica da própria paisagem recifense, o rio foi uma das paisagens mais valorizadas até o século XX, onde os casarões eram construídos com sua frente voltada para o rio, ele era a rua para muitos recifenses. A autora ainda afirma que

O Capibaribe é tanto o rio do sertão, fraco e intermitente, mas ainda sustenta alguma vida, quanto o rio do mangue, aquele que é espesso e que recolhe toda a sujeira em suas densas e profundas águas: devora a vida convertendo-a em morte. No sertão, a morte é ainda mais forte, onde nem mesmo os rios conseguem seguir regularmente seu curso, faltando-lhes o sangue nas veias. Tal como no deserto, cuja imagem é sempre ligada ao abandono, à indiferença e à morte (UNGER, 2001), o sertão está marcado por esta insígnia. No entanto, como veremos, é justamente destas águas espessas que novamente brotará a vida, num ciclo que une homem e rio na sina severina (MARANDOLA, 2007, p. 102).

Severino, no início do poema, tenta individualizar-se, dando suas características físicas e geográficas, sobretudo, representa como adjetivo o labor de um povo. Dessa forma, ora individual, ora coletivo, o rio também faz essa representação dúbia, é individual porque foge do Sertão para não morrer de sede, para tentar sobreviver às agruras da seca, luta bravamente, da mesma forma que o retirante ao traçar sua via-crúcis desde quando 'nasce' até 'morrer' no mar. Nesse percurso atravessa por várias cidades anteriormente descritas, as contas do rosário que o protagonista descreve para demonstrar um espaço de repetição da vida no Nordeste, onde a Natureza revela, para o sertanejo, austeros infortúnios a serem desbravados.

O rio tem importante tarefa em seu trabalho, além de representar a fertilidade com a irrigação da terra, simboliza o poder de criação do espaço e do

tempo. Elemento geográfico que assim como um espelho reflete a sociedade do Recife e do interior do estado, descrevendo a vegetação, a cidade, as pessoas e “As paisagens pernambucanas desfilam pelo poema como em uma aula de Geografia: o Sertão, os canaviais, a Zona da Mata, o Recife...” (MARANDOLA, 2007, p. 97).

Em todas as ‘Ave-Marias’ o rio traça uma paisagem geográfica fundindo-se com as pessoas em cada passagem “[...] E o rio e o homem terminam por afogar-se e diluem as suas diferenças em nome da declaração da mesma homilia da paridade.” (GALVE, 2006, p. 137). Sua coletividade pode ser entendida como o renovar da esperança, na medida em que banha várias cidades, vilas e arruados, seguindo firmemente seu curso até a última Ave-Maria. Esse percurso é assim descrito por Severino:

Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
de que a estrada fossa a linha.
Devo rezar tal rosário
até o mar onde termina,
saltando de conta em conta,
passando de vila em vila.

[...]

Sim, o melhor é apressar
o fim desta ladainha,
fim do rosário de nomes
que a linha do rio enfia;
é chegar logo ao Recife,
derradeira ave-maria
do rosário, derradeira
invocação da ladainha,
Recife, onde o rio some
e esta minha viagem se fina.

(METO NETO, 1994, p. 175/176/187).

São algumas métricas determinadas pela poética cabralina para tecer um caminho da dor à glória, ou pelo menos não desistir de alcançá-lo, a imagem de repetição representa o artifício pelo qual o retirante e o rio se unificam para conquistar respectivamente seus mundos. São dimensões de como Severino descreve seu périplo geográfico, físico e cultural, narrando uma ‘realidade’ em que o leitor pode compreender as tradições, a cultura e os costumes do sertanejo porque

Severino conta sua experiência vivida em que a Literatura e a Geografia analisam os aspectos sociais ocorridos durante sua descida, como se o retirante estivesse rezando, tanto nas contas do rosário que são as cidades por onde passa, quanto repetindo as várias imagens transcritas no poema, a pedido de melhores dias.

A segunda parte do poema, escrita do décimo ao décimo oitavo versos, mostra a paisagem recifense, a terra natal de João Cabral e, também de outros pernambucanos como Manuel Bandeira e Joaquim Cardozo, todos, em várias vezes, escrevem amorosamente características que destacam os aspectos urbanos do Recife. Cavalcanti (1999, p. 30) escreve que “[...] A poesia de João Cabral de Melo Neto está impregnada por imagens dos canaviais da zona da mata, dos coqueiros, das águas, da pintura e da literatura de Pernambuco [...]”. Ao chegar à capital de Pernambuco Severino, que almeja encontrar melhores condições de vida, percebe outra paisagem, podemos destacar, por exemplo, quando ele ouve a conversa dos coqueiros em Recife, que falam das desigualdades sociais. O protagonista entende que todos aqueles iguais a ele, retirantes chegando na cidade, somente lhes resta as periferias, mais precisamente onde está o mangue:

- Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos de enterrá-los em terra seca.

(MELO NETO, 1994, p. 191).

O trecho acima citado retrata a dura realidade do retirante ao chegar aos grandes centros, a periferia passará a ser o seu lugar e no Recife viverá coberto de lama, junto ao mau cheiro, comendo os siris que apanha e “[...] vivendo dos poucos recursos da pesca de caranguejo, os severinos de todo o Nordeste vivem na periferia do Recife.” (MARANDOLA, 2007, p. 90). Em relação à grande dificuldade para encontrar áreas ocupáveis a disposição de todos aqueles interioranos que chegam à cidade grande, Vilanova Neta (2005, p. 2) escreve que “[...] a população das camadas populares passa a habitar as áreas de mangue da cidade em

habitações conhecidas como mocambos que, ao lado dos rios e pontes, passaram a marcar a paisagem urbana”.

E a última citação do poema também aborda a travessia de uma gente que desce do Sertão para o litoral, aparentemente sem razão, isso porque o problema de miséria que viaja tentando resolver também será enfrentado na lama do mangue, onde as conversas se dão:

- Seu José, mestre carpina,
que habita este lamaçal,
[...]
Há muito no lamaçal
apodrece a sua vida?

(MELO NETO, 1994, p. 193-194).

Contudo, os ‘Severinos’ entendem que numa terra tão feminina pela sua maciez, a fome pode ser amenizada. Existe uma diferença acentuada entre o pó do Agreste e a lama do litoral. A poeira se mistura com a água que não lava o sertanejo, mas cria nele uma roupagem de barro, servindo de escudo contra a fome. O morador do mangue, com todas as suas dificuldades, ainda possui os alimentos oferecidos pela lama para o seu sustento. O mangue recobre o homem de barro preto, dando-lhe o pouco de alimento necessário para a sobrevivência.

O mangue era habitado pelos retirantes que chegavam, fugindo da seca, alocavam-se em busca de trabalho e comida. Com isso a paisagem do rio foi se alterando, tornando-se rua. Suas margens, que já tinham sido assistidas por grandes casarões, palafitas encobriam o lamaçal. São pessoas de poucos recursos que habitam o mangue, como João Cabral narra no poema:

- Minha pobreza tal é
que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues;
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.

(MELO NETO, 1994, p. 196).

Severino descreve o mangue como o lugar dos excluídos sociais, principalmente aqueles que descem do Sertão, fugindo das ‘filhas-bala’ e das agruras da seca. As próprias pessoas que ali estão já se misturam aos manguezais

como se fossem extensão da lama, uma continuidade entre o ser e a lama. Josué de Castro (1967) cria uma imagem ao descrever o mangue: uma grande mãe que gera vida e terra, seus 'filhos' crescem em meio à força renovadora do lamaçal, num infindável ciclo de construção do próprio mangue e do homem. Numa retomada utópica e de heterotopia escrita por Foucault (2006), a construção do homem se renovando no lamaçal está no sentido interno, utópico e o autor ensina que

São os posicionamentos sem lugar do real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais (FOUCAULT, 2006, p. 414/415).

O mangue gera a vida, a terra e seus filhos em seu ciclo de construção. Esse fato nos remete a uma definição heterotópica. Sobre esse assunto, de acordo com Foucault (2006), trata-se de uma descrição “sistemática que teria por objeto, em uma dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a “leitura”, desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, 2006, p. 416). O que é corroborado na análise sobre os mangues do Recife realizada por Josué de Castro, dizendo que sempre esteve

[...] a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Seres anfíbios — habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama. Seres humanos que faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama, de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues e de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de maresia, nunca mais se podiam libertar desta crosta de lama que os tornava tão parecidos com os caranguejos, seus irmãos, com suas duras carapaças também enlambuzadas de lama (1967, p. 12-13).

O homem, coberto de pó do Sertão, encontra-se com a água do rio e transforma-se em lama barrenta, construindo uma nova feição, meio bicho e meio homem, apesar da água tanto desejada, vive em meio à miséria da cidade grande. Ainda, em relação à lama barrenta que cerca Recife e cobre o poema, João Cabral utiliza duas ciganas, no 'auto de natal pernambucano'. Uma para enfatizar a leitura de um destino trágico e pessimista onde o menino que nasce continuará atrelado ao

barro do mangue, crescendo em um ambiente sem perspectiva de que a vida lhe traga melhores frutos, ele aumentará os casebres às margens do rio. Ela vaticina:

Vou dizer todas as coisas
que desde já posso ver
na vida desse menino
acabado de nascer:
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar
na lama, com goiamuns,
e a correr o ensinarão
os anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.
Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida;
depois, aprenderá com
outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.
Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris;
e vejo-o, ainda maior,
pelo imenso lamarão
fazendo dos dedos iscas
para pescar camarão.

(MELO NETO, 1994, p. 198).

Esse é um futuro previsível para os filhos do mangue, uma sina que o persegue, quase não há outro caminho a percorrer. Contudo, a outra cigana prediz um futuro melhor ao filho de José, mestre carpina, que acabara de nascer. Isso não ocorre pelo otimismo de João Cabral, porque esse adjetivo sempre confessou não tê-lo. A segunda cigana profetiza o futuro do menino:

Enxergo daqui à planura
que é a vida do homem de ofício,
bem mais sadia que os mangues,
tenha embora precipícios.
Não vejo dentro dos mangues,
vejo-o dentro de uma fábrica:
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,
coisa mais limpa que a lama
do pescador de maré
que vamos aqui, vestido
de lama da cara ao pé.

E mais: para que não pensem
que em sua vida tudo é triste,
vejo coisa que o trabalho
talvez até lhe conquiste:
que é mudar-se destes mangues
daqui do Capibaribe
para um mocambo melhor
nos mangues do Beberibe.

(MELO NETO, 1994, p. 199).

O destino da criança não muda muito, a aparente melhora de vida é falsa, pois ele continuará negro de graxa e apenas se deslocará para os “mangues do Beberibe”, para um mocambo melhor. Como Jesus de Nazaré esse Jesus de ‘Nazaré da Mata’ viverá entre os pobres e morrerá entre eles. E diferenças entre eles é que o menino do poema terá uma vida e, talvez, uma morte precoce, pois o destino é inexorável.

José, mestre carpina, pai do menino que nasce, narra uma representação de que esse nascimento aparece como um sinal de redenção para todas as dificuldades enfrentadas por Severino, representando todo um povo. José também fez uma peregrinação, é mais um retirante, ele saiu de Nazaré da Mata para morar nos manguezais do Recife, assim declara:

- Severino, retirante
sou de Nazaré da Mata
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.

(MELO NETO, 1994, p. 194).

O mangue, no poema, representa o berço humilde onde a vida renova as esperanças. E tem uma importância muito grande para a vida marinha, é também o nascedouro para várias espécies, ocorrendo uma intensa atividade biológica. Josué de Castro define o mangue como

[...] um tipo especial de associação vegetal tipicamente anfíbia, que prolifera nos solos frouxos e movediços dos estuários, dos deltas, das lagunas litorâneas — solos de transição entre os tratos de verdadeira terra firme e os ocupados permanentemente pela água — nas regiões equatório-tropicais do mundo (1948, p. 19).

O mangue é uma paisagem vista em quase todo o litoral brasileiro, sendo encontrado do Amapá até Santa Catarina. E ainda, de acordo com Josué de Castro (1948), o solo sem firmeza e lamacento apresenta requisitos para que as plantas não se desenvolvam, porém elas possuem raízes escoras que as sustentam na umidade do mangue. E, além de uma flora muito rica entre: bromélias, orquídeas, líquens e algas marinhas, apresenta uma fauna bem diversificada entre: moluscos, crustáceos, peixes e aves. Os caranguejos são os ‘habitantes’ mais conhecidos do mangue, além de se alimentarem dos detritos ainda “[...] cavam buracos, formando verdadeiros túneis, provocando a aeração da lama, facilitando a circulação da água e fornecendo proteção a outros animais. [...] promovem a renovação de nutrientes de camadas mais profundas da lama, [...]” (JOSUÉ DE CASTRO, 1948, p. 19).

O processo ecológico desenvolvido nos mangues é de vital importância para o mar, para a cidade e é de onde os excluídos sociais retiram o seu sustento, ele forma com seu solo miscigenado com a água, uma cidade anfíbia. Severino já se acostuma com a maciez exagerada da terra, porque essa sua fusão com a água já vem antes de chegar ao Recife e, entre a fome, miséria e falta de recursos, volta a capacidade de sonhar porque, além das palavras renovadoras de José, mestre carpina,

[...] o mangue abriga e alimenta uma fauna especial, formada principalmente por crustáceos, ostras, mariscos e caranguejos, numa impressionante abundância de seres que pululam entre suas raízes nodosas e suas folhas gordas, triturando materiais orgânicos, perfurando o lodaçal e umidificando o solo local. Muitos desses pequenos animais contribuem também com suas carapaças e seus esqueletos calcários, para a estruturação e consolidação do solo em formação. Desempenha também essa fauna especializada um importante papel no equilíbrio ecológico da região ocupada pelo homem, ao possibilitar recursos de subsistência para uma grande parte das populações anfíbias que povoam aqueles mangues, vivendo nas suas habitações típicas — os mocambos. (JOSUÉ DE CASTRO, 1948, p. 23).

Obviamente a importância maior no poema, com o intuito de renovação das forças de Severino, além de ver tanta água, é também o nascimento do menino no mangue. É a encenação do ‘auto de natal pernambucano’ com a ‘derradeira invocação da ladainha’. É na Zona da Mata que Severino encontra uma terra doce, feminina, o verde da cana-de-açúcar e, por fim, o que ansiava em toda a sua jornada: água. Contudo, a água não basta à vida, como num desalento percebe que

não há diferença entre o Sertão, Agreste e Zona da Mata, em todos os locais a morte se aninha, em todas as paisagens ela convivia à moda severina.

A morte é companheira cativa de Severino, assim como ele acompanha o rio a morte o ronda e um dos elementos propiciadores dessa presença constante da morte está no sol, pois:

O sol em Pernambuco leva dois sóis,
sol de dois canos, de tiro repetido;
o primeiro dos dois, o fuzil de fogo,
incendeia a terra: tiro de inimigo.)
O sol ao aterrissar em Pernambuco,
acaba de voar dormindo o mar deserto;
dormiu porque deserto; mas ao dormir
se refaz, e pode decolar mais aceso;
assim, mais do que acender incendeia,
para rasar mais desertos no caminho;
ou rasá-los mais, até um vazio de mar
por onde ele continue a voar dormindo.

(MELO NETO, 1994, p. 357)

Esse trecho de poema, parte da obra **A educação pela pedra**, intitulado “O Sol em Pernambuco”, serve de deixa para introduzirmos a temática da morte no item a seguir. É evidente o relacionamento entre ‘sol’ e ‘fuzil’, são imagens de construção de um discurso onde sol/fuzil/fogo se entrelaçam com valor semântico de morte, desdobrados e desdobráveis a partir da afirmação “tiro repetido”, representando ações do sol, que ilumina, incendeia e mata. Nessa perspectiva, o homem responde aos dois tiros do sol – o de luz – pela consciência da realidade e – o de fogo – pela ação. Por isso Sol/fuzil/luz são iguais a repercussão criadora. Na mesma medida – sol/fuzil/fogo apresentam uma repercussão destrutiva.

O incêndio da terra pela luz do sol pode, ainda, ser “tiro de inimigo”, através da linguagem que se faz entre a aparência e a realidade. A expressão “o sol dói na vida” e não na “vista”, cria um sentimento de angústia existencial, o que seria o “filtro” da experiência concreta do poeta. “Distância e exílio” são recusados pelo poeta, pois “revela real o real” por meio da linguagem. Nessa medida, a luz não traz prazer, mas sofrimento, a terra incendiada pela luz solar também pode ser incendiada pelo fogo do fuzil. O real não é uma opção existencial, mas uma imposição geográfica do Sertão. Mesmo distante, “no exílio”, o poeta se vê mergulhado em sua condição de homem nordestino.

É uma importante parte da cultura nordestina que está evidenciada no poema – a figura da morte. Ela aparece em quase toda a sua obra e, de maneira contundente no drama em estudo, atormentando, por meio das imagens, a mente do retirante. A morte já é velha conhecida da Literatura, não veio à tona com o ultrarromantismo ou com o romance gótico, desde o nascer da humanidade essa questão desperta a curiosidade no literato, temendo, respeitando, admirando ou até desejando-a. **Morte e vida severina** trata da morte no sentido social e de denúncia, demonstrando traços reais do Nordeste. A morte e a vida ‘severina’ estão constantemente em debate como resultado de desigualdades e injustiças sociais. É o que veremos no próximo tópico deste capítulo.

3.2 Contextualização cultural das mortes na obra Cabralina

E neste rio indigente,
Sangue-lama que circula
entre cimento e esclerose
com sua marcha quase nula,
e na gente se estagna
nas mucosas deste rio
morrendo de apodrecer
vidas inteiras a fio,
podeis aprender que o homem
É sempre a melhor medida
Mas: que a medida do homem
Não é a morte mas a vida.

(João Cabral de Melo Neto⁹)

A voz dada a Severino pelo poeta é também a voz de todos os retirantes nordestinos. É a voz de uma gente sofrida, de tantos outros Severinos que, por um desgosto mesclado de raiva e de amor próprio ferido, são forçados a sair do Sertão, de sua terra natal, em virtude da precária condição de miséria. A vida é abreviada, fazendo com que a velhice alcance o homem com menos de trinta anos de idade, sinal de fim, de morte. O retirante sai para não morrer, no entanto, só encontra a morte pelo caminho, até o momento em que a vida se faz com o nascimento de um novo ser, que salta para dentro da vida e renova a esperança.

O título, **Morte e vida severina**, aponta uma inversão natural. Na realidade o que vem primeiro é a vida. Porém, o poeta utiliza a morte em posição

⁹ Trecho do poema intitulado: “Pregão Turístico do Recife”, da obra: **Paisagens com figuras**. (1994, p. 147).

anterior porque ela prevalece sobre a vida no Sertão de Severino, traduzindo a extrema condição de miséria e a falta de recursos para uma vida digna. Assim, reflete a imagem de um homem que morre um pouco por dia ao viver uma vida severina. Já na primeira parte do poema, a da identificação do personagem, o elemento que faz de Severino a representação de todos os sertanejos nordestinos é a morte. Ao misturar-se com seus iguais, adjetivando-se, anseia viver um pouco mais a cada dia. Quando sai do Sertão a caminho do litoral, os Severinos buscam 'morrer de velhice', viver com melhor qualidade de vida, com uma expectativa de que ela possa ser mais doce, diferentemente a todas as penúrias da seca nordestina.

A morte apresenta suas faces e elas são as da própria natureza dura e seca do Sertão. Marandola (2007) escreve que a morte tem uma ligação com o próprio ser que protagoniza a obra cabralina, questionando: "Mas que morte é esta que permeia tudo na vida? Que tantas mortes há para se morrer nesta vida Severina? É a morte em forma de sina, morte que permeia e envolve a vida de uma existência contida num caminho que leva, mesmo antes de nascer, ao fim." (MARANDOLA, 2007, p. 80). A ambição de Severino não era grande, não esperava muita coisa de seu destino. Ele queria apenas não precisar enfrentar todas essas faces mortais e escapar da velhice que no Sertão acomete tão cedo o trabalhador. Em sua travessia só a morte encontra e sabe que se permanecer no Sertão ficará na morte/vida. Na sua rota só a morte tem 'vida', e assim nos revela:

- Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva
só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida Severina
(aquela vida que é menos
vívda que defendida,
e é ainda mais Severina
para o homem que retira).

(MELO NETO, 1994, p. 177/178).

Na viagem em busca pela vida Severino encontra, na maioria das vezes, uma antítese do vocábulo. A partir do início de sua travessia Severino tem seus encontros com as diferentes faces assumidas pela morte. O fim do sertanejo descrito

no poema divide-se por variadas formas: a primeira delas é por morte morrida (de velhice antes dos trinta); a próxima é a morte matada (emboscada), e, por último, a morte que se vive em vida (a vida severina que ataca até gente não nascida). Como narra Severino no trecho do poema:

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

(MELO NETO, 1994, p. 172).

O período das secas com paisagens desérticas, o sol no limpo azul a rachar o chão, a vida sem nenhuma perspectiva e, ainda, a falta de provimentos envelhecem o sertanejo, pois além de enfrentar todos esses problemas, ele trabalha cavando pedras. Por isso, Severino foge das precárias condições que encurtam a vida, foge da miséria, sonhando com uma melhor expectativa de vida. Assim narrando:

O que me fez retirar
não foi a grande cobiça
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda

(MELO NETO, 1994, p. 186).

É, também, a fome em épocas de seca que faz migrar o retirante para a umidade. A velhice que chega antes dos trinta anos de idade é a imagem do sertanejo que tem sua juventude ceifada, da adolescência passa para a idade adulta num encurtamento de sua existência em virtude da falta de quase tudo. Já a morte matada por emboscada é descrita no poema quando Severino encontra e conversa

com dois homens que carregam um defunto numa rede, amparada por um pedaço de madeira, conhecido como banguê. Eles são os “irmãos das almas” que na época de Severino eram muito comuns no Sertão Nordestino, o ofício dessas pessoas era lavar e vestir o defunto, e ainda, gratuitamente enterrá-lo com dignidade. João Cabral pinta, através das palavras, um cortejo fúnebre enfatizando a violência no campo nordestino. Sobre esse tipo de violência Tuan escreve que “Tais quadros da vida campestre sacodem a nossa profunda crença no rústico aprazível. [...] a vida no campo [...] deve muitas vezes ser dura e cruel. A população do campo vive perto da violência. A fazenda é freqüentemente um lugar para matar.” (TUAN, 2005, p. 221).

Severino questiona ao cortejo sobre o fim do vivente e este lhe responde que aquele fora assassinado pelo simples fato de querer trabalhar suas terras num lugar onde o conceito de produtividade é muito difícil de ser alcançado pela dureza do chão. O homem tira a vida do outro e mostra ao nosso protagonista a face da morte matada. O defunto é mais um Severino lavrador “mas já não lavra” foi morto à bala na Caatinga por ter algum pedaço de terra. Nesse diálogo torna-se claro que esse tipo de morte acontece com frequência e o protagonista faz uma denúncia daqueles que abusam do poder, ela ocorre para que a terra do pobre seja tomada por posse ilegal, como vemos no trecho descrito abaixo:

- Até que não foi morrida,
irmão das almas,
essa foi morte matada,
numa emboscada.
- E o que guardava a emboscada,
Irmão das almas,
E com que foi que o mataram,
com faca ou bala?
- Este foi morto de bala,
irmão das almas,
mais garantido é de bala,
mais longe vara.
E quem foi que o emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?
- Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala voando
desocupada.
- E o que havia ele feito
irmão das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?
- Ter uns hectares de terra,
irmão das almas,

de pedra e areia lavada
que cultivava.
- Mas que roças que ele tinha,
irmãos das almas,
que podia ele plantar?
Na pedra avara?
- Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
os intervalos das pedras,
plantava palha.
E era grande sua lavoura,
irmão das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?
- Tinha somente dez quadros,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.
- Mas então por que o mataram,
irmãos das almas
mas então por que o mataram,
com espingarda?
- Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.

(MELO NETO, 1994, p. 173/174).

João Cabral de Melo Neto, já na década de 1950, período em que a obra foi publicada pela primeira vez, faz uma denúncia da grilagem de terras por poderosos e deixa indícios de que a única justiça esperada seria somente a Divina. Sobre a questão da terra, Santos (2007) ensina que o território brasileiro continua a ser palco de interesses conflitantes, “[...] o território manterá o seu papel atualmente perverso, não apenas alojando, mas na verdade criando cidadãos desiguais, não apenas pelo seu lugar na produção, mas também em função do lugar onde vivem” (Santos, 2007, p. 134). O modo de organização de nossas propriedades rurais, nos anos 1950, reproduz-se, ainda, dentro de um sistema bastante feudal, onde só os *melhores* vencem, era um local onde ainda predominava o coronelismo, os melhores de situação econômica são os mais fortes com um poder totalmente absoluto.

Chegamos então na morte que se vive em vida e a sina final que é esperada pela vida severina, seja ela tanto a velhice precoce como a ‘ave-bala perdida’, é que a vida severina tem o amargo sabor de uma morte em vida. Severino quando perde seu ‘fio’ da vida, seu guia, o rio Capibaribe, resolve interromper sua viagem e trabalhar naquele lugar, porém, seu ofício de exímio lavrador de terra dura não tem serventia, nem os tantos outros que adquiriu na vida sertaneja, tais como:

vaqueiro, moedor de cana em engenhos, ‘comer quando havia o quê e havendo ou não o trabalho, trabalhar’, arar até a ‘calva da pedra’ e principalmente o sol suportar. Ele continua tentando se explicar que pode enfrentar qualquer trabalho:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado de cinza.

(MELO NETO, 1994, p. 172).

Uma mulher aparece na janela e contraria, nos pensamentos de Severino, tudo o que ele já havia visto: diferente da morte que se apresenta, ela parece ‘remediada’, pelo menos um pouco distante da pobreza que rodeia o sertanejo. Imagina que pode conseguir algum trabalho com ela, já que sabe de tudo fazer com a terra. Ela lhe diz que, naquelas imediações, somente se ganha dinheiro com profissões relacionadas à morte. O trabalho ali envolve o ofício de rezadeiras e coveiros, é preciso benditos e ladainhas saber rezar, também, cantar excelências para um defunto. Nesse diálogo, o autor relaciona a morte com o plantio de retorno imediato, recebe-se no momento em que ‘semeia’ o defunto no chão.

Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

(MELO NETO, 1994, p. 182).

Como não há trabalho, ele vai rumo ao seu destino, chegando à Zona da Mata e, de acordo com Andrade (1998), trata-se de um local com um clima tropical úmido, sendo uma faixa litorânea que situa paralelamente ao Oceano Atlântico, estendendo-se desde o Rio Grande do Norte até a Bahia e sua base de construção

populacional foi a monocultura, principalmente, a cana e o cacau. Entre os locais descritos no poema é o mais urbanizado, concentrando o maior número de indústrias. Severino, deslumbrado com a maciez e a doçura da terra, imagina, agora, poder desempenhar seu labor, se consegue plantar na dureza do Sertão, aqui, essa será a menor de suas missões.

Numa retomada ao início de sua jornada, quando tudo parece vazio e sem dono, bem ao contrário do que imaginava ver, nesse momento, não enxerga ninguém e acredita que a vida nesse lugar é tão satisfatória que talvez estejam 'feriando', é tão boa ao ponto das pessoas não conhecerem a morte, ainda mais aquela que viveu em passos anteriores, conhecida como vida severina, traduzida pela morte que se vive em vida, que se morre de fome um pouco por dia.

Em busca do nirvana percebe que, não com tanto sofrimento, mas na umidade da maresia a morte também é um fim inevitável, vendo o enterro de uma pessoa que trabalhava na agricultura da Zona da Mata. Ouve aqueles que conduzem o corpo dizerem que naquele lugar encontra-se o descanso final. O acreditar na perfeição é imediatamente desfeito e Severino percebe que ali também as pessoas têm problemas vitais, resultando naquilo que ele bem vive em seu lugar. Conclui que a única parte que lhe cabe na produtiva terra é apenas um buraco cavado a sete palmos de profundidade.

O sertanejo, com intuito de terminar sua viagem, apressa o passo e vai em direção à capital Recife. Cansado, senta-se para uma pausa, ocasião em que escuta dois profissionais da morte, dois coveiros falarem que todos os interioranos que saem de seus lares em busca da esperança estão, na verdade, alcançando o bem final, o inevitável. Sua jornada é, na verdade, seu próprio cortejo, pois naquele lugar a única coisa que vai encontrar é o cemitério

- E esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando
cemitérios esperando.
- Não é viagem o que fazem,
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.

(MELO NETO, 1994, p. 191).

O homem, que sempre quis o mínimo que a vida podia lhe oferecer, desespera-se. Ele acredita que, realmente, dentro em breve, será como todos aqueles coitados Severinos, que foram vistos anteriormente em sua jornada.

E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia.
Só que devo ter chegado
adiantado de uns dias;
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:

(MELO NETO, 1994, p. 192).

A morte acompanhou Severino durante todo trajeto seco, sendo também uma anfitriã em seu destino, agora se mostrando na umidade. O texto apresenta a ideia do suicídio, de abreviamento da vida:

o rio daria uma mortalha
e até um macio caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal.

[...]

caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida,
coroas de baronesa
junto com flores de aninga,
e aquele acompanhamento
de água que sempre desfila
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).

(MELO NETO, 1994, p. 192/193).

Existe uma relação muito estreita entre o Sertão, o campo, a Zona da Mata e a cidade, para a saga de Severino. O que é indubitavelmente igual nesses lugares é a morte dada aos seres, independente dos locais onde habitam, modificando apenas na duração *pos mortem* dos corpos, que se mantêm um pouco mais na maciez da brisa marítima e se deterioram mais rapidamente na dureza do

Sertão. Porque na vida severina o homem está num constante processo de exploração, que ocorre tanto no campo como na cidade e sobre esse assunto Tuan (2005) aponta que

O processo de exploração rural “dissolve-se na paisagem”. É na cidade que emerge conspicuamente na forma de tribunais de justiça, mercados financeiros, poder público e a arrogante ostentação da riqueza. A cidade, que em muitos aspectos é o engano supremo da humanidade, também existe como um monumento à cobiça e à culpabilidade humana (TUAN, 2005, p. 230).

O trecho do poema anteriormente citado traz o protagonista perdido em seus mortais pensamentos, quando entra em cena José, mestre carpina, pessoa que reside por ali, vivendo entre o rio e o mar. A conversa dos dois gira em torno da morte e da vida. E, segundo Machado (2000, p. 56), “A vida é o conjunto das funções que resistem à morte”. Quando esse mesmo autor escreve sobre a soberania da morte diz que a “realização do desejo de morte, o gosto, finalmente adquirido, da morte, que se manifesta no suicídio [...] é, ao mesmo tempo, o sonho de prolongar indefinidamente a vida por obras escritas em uma linguagem morta e mortal.” (MACHADO, 2000, p. 82). E Praz (1996) fala da conexão dos lados humanos, a vida e a morte, dizendo que existe um “[...] impulso que está em todo homem, impulso misterioso como as forças da própria vida e da morte com as quais está inextricavelmente conectado.” (PRAZ, 1996, p. 13).

Mestre Carpina ouve do retirante sua intenção de ir ao encontro da morte, de deitar-se no fundo do rio e *viver* eternamente na umidade, assim ninguém poderia arrancar de seu corpo o frescor e a maciez da água. O Mestre carpina fala a Severino que é válida a luta pela vida em qualquer localidade, mesmo sendo ela ‘severina’. Ele retruca que não existe diferença entre vida e morte e que em qualquer momento, numa noite, pular fora da ponte da vida é mera formalidade. Nesse devaneio ele mostra seu dilema – tanto faz estar vivo ou morto ‘severinamente’:

- Seu José mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

(MELO NETO, 1994, p. 195)

O diálogo diz respeito ao valor da vida, como dito anteriormente, seja ela “comprada à vista” ou “adquirida a retalho”. A conversa é um jogo de expectativas em que Severino aprofunda-se cada vez mais no vazio de sua vida, mas ele, nesse pensamento radical de trabalhar para a morte, não o faz recusando a vida, o intento maior era fugir do sofrimento e da miséria que até então tinha visto. E o morador do mangue tenta persuadi-lo, defendendo a ideia de que viver ainda é a melhor saída.

No meio da conversa com Mestre carpina, Severino ouve um grito de uma mulher avisando que acabara de nascer o filho de José, momento em que conhecidos e vizinhos aparecem com vários presentes para aquele que renova a esperança da vida. Entre essas pessoas estão duas ciganas, já descritas anteriormente, que exercem seus ofícios, realizando uma previsão para o que agora se fez, dizendo que o filho de José se desenvolverá e fará escola com os bichos e, após isso, trabalhará numa fábrica, morará em um local, talvez, melhor do que esse que agora nasce.

Para ninguém é dado nascer e morrer como veio, se Severino busca viver melhor, aqueles que ali nascem também o fazem porque também estão numa vida difícil e sobre isso Marandola (2007, p. 82) escreve que “[...] A tensão se desenrola não porque a vida do menino seria uma redenção, pois sua vida também era severina: mas por contrapor a morte à possibilidade de sua recriação e de sua reinvenção, mesmo que seja na mesma sina, ainda assim é vida”.

A conversa com José resultou em um distanciamento do vazio que Severino se encontrava. João Cabral utiliza-se do texto para fazer uma humanização do divino, os dois são convidados a compartilhar o espetáculo da vida. É uma retomada do anúncio do anjo que denuncia o nascimento do Salvador, assim escreve:

- Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar seu primeiro grito;
e estais aí conversando;
pois sabeis que ele é nascido.

(MELO NETO, 1994, p. 195).

A cultura dos manguezais é mostrada no prestígio que a comunidade dá ao recém-nascido, vários foram os presentes, simples como lhes permitiam, mas todos afunilando para sustentar enquanto vida e saudá-lo em sua pobreza. Assim como a Natureza também o louva, exaltando a vida que se faz:

- Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor.
Foi por ele que a maré
esta noite não baixou.
- Foi por ele que a maré
Fez parar o seu motor:
a lama ficou coberta
e o mau-cheiro não voou.
- E a alfazema do sargaço,
ácida, desinfetante,
veio varrer nossas ruas
enviada do mar distante.
- E a língua seca de esponja
que tem o vento terral
veio enxugar a umidade
do encharcado lamaçal.
[...]
- E a banda de maruins
que toda noite se ouvia
por causa dele, esta noite,
creio que não irradia.
- E este rio de água cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.

(MELO NETO, 1994, p. 195/196).

Barbosa (2008) ensina que, com o nascimento do filho de José, João Cabral indica uma similaridade com o nascimento de Jesus, para tanto intitula essa parte do poema como: 'O presépio' ou 'O encontro com a vida'. Retoma outra história, a da redenção, em que o filho de Maria nasce como Salvador da humanidade e, para Severino, aquele nascimento representa um reacender na esperança de vida que, na verdade, é reverenciada pelo poema **Morte e vida e severina**, tanto quanto a morte, daí suas características com a história do nascimento de Cristo e o subtítulo de 'auto de natal pernambucano', reavivar no homem a esperança de um novo dia, de confiar na vida.

Ao testemunhar o nascimento refaz-se a vida em Severino. Mestre carpina, após o momento de euforia, volta ao homem e responde que definir com palavras se existe diferença entre a vida e a morte é muito difícil, mas ainda melhor,

é ver que a vida se faz, respondendo a todas as questões e que pode, deve e precisa ser vivida, sob todas as circunstâncias ela realmente vale a pena, mesmo que seja 'severina'.

- Severino retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.

(MELO NETO, 1994, p. 201/202).

O renovar e o acreditar que ainda há esperança é que faz valer a pena o caminhar empreendido por Severino. Tantos outros também o fizeram e continuam até os dias atuais migrando para os grandes centros, cada qual lutando, ao seu modo, cada um acreditando que o processo migratório é a melhor alternativa para a resolução de seus problemas sociais. Saciar a fome, abrandar a velocidade de chegada da velhice e ascender economicamente são resultados buscados pelos deslocados socialmente porque “[...] a migração é uma decorrência da desigualdade econômica entre as regiões, sendo as áreas mais prósperas, pólos de atração de fluxos migratórios.” (BAGNO; EWALD e CAVALCANTE, 2009, p. 5).

Mais importante do que alcançar o objetivo final é a própria jornada empreendida, pois ela mostra as imagens, as paisagens, os sonhos e os

desencontros com o que se esperava. No próximo tópico deste capítulo faremos uma contraposição da longa jornada feita por Severino na década de 1950, mostrado pelo poema **Morte e vida severina** e como ela se realiza nos dias atuais. Para tanto será embasado na análise do livro-reportagem feito por Ortiz e Corrêa (2009) que reproduziram a longa jornada Severina com o objetivo de narrar como vivem cotidianamente os habitantes que moram, atualmente, nas regiões banhadas pelo rio Capibaribe, mangues e mocambos.

3.3 A travessia em busca de melhor vida: o processo de migração na época de Severino *versus* a atual

Neste tópico buscaremos mostrar a travessia de Severino, assim como outros retirantes faziam nas décadas de 1950/60 e a relação dessa mesma viagem após esse período. Para tanto, é necessário abordarmos novamente o tríptico do rio escrito por João Cabral, pois as características da descida de nosso protagonista estão intimamente ligadas ao Capibaribe. No primeiro poema é o olhar do homem que narra a descida do rio, conta o rosário e descreve todas as paisagens por onde ele passa e, de acordo com Barbosa (1996), **O Cão sem plumas** é um extravasar da educação poética, que está descrita no segundo capítulo deste trabalho, essa educação estava represada no pensamento de João Cabral. Marandola (2007, p. 112) completa o pensamento dizendo que a obra “[...] é uma forma de olhar o regional, figurado no Capibaribe, vinculando a paisagem do mínimo, ao mínimo da existência que habita as paisagens ribeirinhas”.

A segunda obra **O rio** é o próprio Capibaribe que descreve sua descida, o rio se torna humano, “[...] O rio antropomorfizado, sabe ou não sabe daquilo por onde passa [...]” (BARBOSA, 1996, p. 74). João Cabral atribui aspectos humanos a esse elemento da Natureza para estabelecer a relação do homem que desce o rio, retirando-se e daquele que habita suas margens. No terceiro e último, **Morte e vida Severina**, o homem é o centro da viagem, é ele que sai, representando tantos outros, a caminho de melhor vida.

De qualquer forma, mais uma vez, a presença do rio é inevitável porque ele atravessa o estado do Pernambuco levando o Sertão ao litoral. O rio é extensão do homem, como escreve Marandola (2007, p. 113) “[...] mais do que complementos um do outro, em ‘Morte e vida severina’ homem e rio são um só, numa fusão dos

dois percursos: um ligado ao outro, por um caminho de seca e de morte em busca da vida.”. Necessário se fez esse intróito abordando essas obras que tratam do rio porque a migração de Severino é uma obra literária e, mesmo apresentando uma riqueza geográfica, os dados desse retirante representam o fruto do que foi criado pelo homem, ou melhor, da ficcionalização da realidade.

Bagno, Ewald e Cavalcante (2009, p. 5), escrevem que “A migração é o movimento e realocação de pessoas de uma região para outra, motivada principalmente por fatores econômicos e sociais, como a possibilidade de se buscar maiores salários nas regiões urbano-industriais.” As autoras ainda apontam que, subjetivamente, o homem busca uma melhoria de condições de vida, mesmo com uma perda sentimental que é o distanciamento da família e dos amigos, resulta-se na busca do capital. O fator financeiro é que vai abrandar a dureza da fome e melhorar um pouco a vida daquele que busca o mínimo que ele pode oferecer.

Na travessia de Severino, seu intento principal, desde o início, é lutar por uma expectativa maior de vida e, é claro, com as condições básicas para terminá-la. Ele atravessa o estado do Pernambuco deixando para trás um rastro de morte, seu guia é o Capibaribe e no poema embora “[...] a voz narrativa esteja em Severino, seu caminho é ditado e conduzido pelo rio, o que o torna um personagem implícito, mas central.” (MARANDOLA, 2007, p. 113). De qualquer forma, trata-se de uma viagem planejada, como vemos no trecho do poema abaixo:

Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
cujas contas fossem vilas,
todas formando um rosário
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
até o mar onde termina,
saltando de conta em conta,
passando de vila em vila.

(MELO NETO, 1994, p. 175/176).

Projetado seu caminho, o retirante estava pronto para partir, empreender sua viagem, essa que adiou desde o seu nascimento até aquele momento. Conhece

todas as dificuldades, percebe uma imagem perturbadora de não conseguir completar a descida, de não encontrar sua ‘terra prometida’, porque em cada conta do rosário sua companheira, a morte, espreita-lhe, convidando-o para um descansar eterno. Até mesmo seu guia se deita em leito de morte

Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
Que interrompeu a descida?

(MELO NETO, 1994, p. 176).

Há uma junção de questões sociais com as naturais, os dois estão pobres, vivendo os mesmos problemas para se sustentarem em vida, sobretudo fortes e sempre renovando suas forças, para Marandola (2007, p. 113) “[...] na verdade o que ocorreu com o rio não foi a parada, por escolha, mas o sofrimento pelos efeitos da morte e seca rondando de perto. Achando novamente o curso do rio, trata de segui-lo novamente, continuando a descida”. Existe um interessante fato que ocorre tanto na retirada de Severino quanto na daqueles que migraram na mesma época, todos buscavam provimentos dentro do próprio Nordeste

Qual é a obsessão de todo nordestino? O problema dos retirantes. O Recife é o depositário da miséria de todo o Nordeste. O paraibano não emigra para João Pessoa, mas para o Recife; o alagoano emigra para o Recife; o rio-grandense-do-norte emigra para o Recife. Todos esperam melhorar de vida e só encontram coisas desagradáveis (MELO NETO apud ATHAYDE, 1998, p. 109).

Ao chegar ao destino, Severino percebe que sua vida não mudaria tanto, toda sua experiência de trabalho adquirido no Sertão não pode ser aproveitada tal qual durante a viagem. Contrariando seu pensamento de que, se o homem trabalha em terras secas, em terras úmidas, seria ainda mais fácil melhorar de vida. Diante disso, os nordestinos passaram a migrar para outros lugares do país, daí a pergunta: O que levou os retirantes que viajaram depois, no mesmo ofício, escolher uma migração diferente? Os nordestinos não mais escolhiam o Recife como ponto final e acreditaram, principalmente, no Sudoeste brasileiro como esperança de melhoria. Esse fato ocorreu em virtude do crescimento industrial brasileiro entre as décadas de 1960 e 1980, pois ali teriam melhores oportunidades. O fluxo migratório alterou-

se para, especificamente, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro de início e, posteriormente, para o centro-oeste, principalmente com a construção de Brasília.

A descida de Severino está retratada durante todo este trabalho, suas agruras, desencontros, tristezas e redenção. As paisagens que o homem/rio descreve formam um conjunto latente que determina sua chegada em Recife, após verticalmente atravessar o estado do Pernambuco na década de 1950 e sobre o ponto final de Severino, Marandola (2007) escreve que

[...] a chegada ao Recife é a chegada ao ponto final. A última ave-maria é a cidade anfíbia (LACERDA DE MELO, 1958), a cidade dos mangues e dos caranguejos. A cidade de Josué de Castro, de Gilberto Freyre, a cidade de João Cabral de Melo Neto, a cidade de tantos severinos. Ali, ao invés da fluidez, do caminho e da busca pela vida, eles param: misturam-se aos poucos na lama do mangue, tornando-se parte do mangue, parte do rio, parte da cidade (MARANDOLA, 2007, p. 114/115).

Como relatado anteriormente, a viagem de Severino teve a morte como companheira e naquela época Recife expandia-se cada vez mais com a chegada dos interioranos, com isso a pobreza na cidade aumentava, por causa de um arcaico modelo sócio-econômico e uma estrutura física despreparada para o rápido crescimento urbano. Décadas depois, o mesmo trajeto foi realizado por Ortiz e Corrêa (2009) e a realidade pouco se alterou. As autoras são duas jornalistas, que fazendo um trabalho transdisciplinar entre Jornalismo e Literatura, numa pesquisa etnográfica, com o objetivo de analisar os personagens reais da região do Capibaribe em relação ao escrito por João Cabral. E, ainda, levantar dados informativos sobre as características sócio-geográficos da região Nordeste no estado do Pernambuco. O título do trabalho é **Capibaribe mesmo rio: outra gente**.

Redesenhar o caminho real de Severino, mesmo buscando-o nas características geográficas descritas por uma obra literária e, após 55 anos, é mais uma forma de juntar a arte com a ciência. Sobretudo resgatando o homem, a paisagem e as transformações contextualizadas na formação literária da realidade. Onde nasce o rio Capibaribe, início da jornada de Severino, é, também, onde as autoras saem do campo literário para encontrarem a 'realidade' e assim escrevem:

Ao entrar em Poção, passamos por mais uma das porteiras que, ao longo de todo o caminho, vieram interromper as explicações detalhadas de Daniel sobre as paisagens. Chegamos. Em um lugar contornado e preservado por árvores da Mata Atlântica, nasce o pequeno e fino Capibaribe. No Sítio do Araçá a 1.100 metros de altitude da serra do Jacarará. "Aqui nasce o

Capibaribe”, lembrava a placa. Abaixo, a indagação geográfica que causara tanta polêmica: Poção – PE. O rio brincava de se esconder atrás de uma árvore e a uns cem metros da nascente já se perdia nos terrenos barrentos que logo secavam o jovem Capibaribe (ORTIZ e CORRÊA, 2009, p. 55).

A imagem do rio seco se repete no Sertão tantos anos depois, porém o avanço tecnológico influencia positivamente na descida, não precisando mais, como Severino quando na Caatinga, em tempos idos, pensar em interromper o caminho porque perdera seu guia e, também hoje, as estradas já cortam o Sertão.

Penso agora: mas por que
parar aqui eu não podia
e como o Capibaribe
interromper minha linha?

(MELO NETO, 1994, p. 178).

Sempre se encontra a figura do sertanejo atrelada à luta pela sobrevivência, assim como a Natureza do Sertão que luta para permanecer sobre a terra. Por isso Severino encontra forças para continuar sua luta e “[...] A motivação não parte das condições que observa ou de algo promissor na paisagem. Ela está amarrada ao caminho do rio, seu próprio caminho.” (MARANDOLA, 2007, p. 113). Pois o rio chega à capital vencendo a ‘morte’ das secas. Muitos sertanejos ainda continuam saindo, porém vão para outros locais do Brasil. Em uma conversa com os moradores próximos a nascente do rio Capibaribe Ortiz e Corrêa (2009) atestaram que:

[...] Muitos quadros antigos também estavam pendurados nas paredes. “Aquele é meu filho, ele mora em Mato Grosso”. Dona Maria fazia questão de dividir conosco aspectos de sua vida [...] Entretanto, quando perguntamos se tinha vontade de sair de Poção, a resposta foi negativa. Todos os seus filhos já tinham saídos de lá. Agora morava com o marido e a neta (ORTIZ e CORRÊA, 2009, p. 57).

Nem todos aqueles que vivem no Sertão Nordestino desejam deixar seus lares, ainda existem aqueles que querem permanecer em suas terras, num símbolo de resistência. Contudo, a face da morte assola o nordestino, primeiro o rio que ainda seca e, numa agonia de desespero mortal, encontra forças e segue seu caminho na rota do mar. E a morte matada está presente entre os sertanejos nos dias de hoje. Em Toritama, conta do rosário do viajante, a ‘ave-bala’ continua ativa, porém as razões tomaram outros rumos como escreve Ortiz e Corrêa (2009)

A noite de Luana havia sido agitada. Um primo do marido dela foi assassinado com 15 tiros na rua debaixo, perto do Capibaribe. Sonolenta, a moça contou que passou a noite no hospital de Caruaru acompanhando o marido. “Era briga antiga, da família desse moço só restava ele e o pai. Agora resta o pai” – morte matada. Perto da Rone, a fábrica de jeans, uma garota também havia sido assassinada recentemente, com uma pedrada na cabeça. “Ela se envolvia com drogas, tatuou no braço ‘vida louca’ e morreu aos 17 anos – aqui muita gente se envolve com drogas” – morte matada (ORTIZ e CORRÊA, 2009, p. 62).

Ainda, de acordo com as autoras, o rio que tanto lutou no Sertão começa a ganhar mais e mais força, pois, deixando a cidade de Toritama, a paisagem começa a mudar, o verde aparece e, a partir de Limoeiro, o rio passa a ser perene. Esse motivo deu a cidade o apelido de ‘a princesa do rio’. Severino, quando viu o rio com sua fartura de água assim o descreveu:

Agora é que compreendo
por que em paragens tão ricas
o rio não corta em poços
como ele faz na Caatinga:
vive a fugir dos remansos
a que a paisagem o convida

(MELO NETO, 1994, p. 187).

Severino descreve o rio como tendo água vitalícia, vencendo sua luta, mas infelizmente, nos dias atuais, o rio enfrenta a maior de suas batalhas contra a morte, a poluição. O processo de industrialização descentralizado chegou ao Nordeste e com ele também o peso do progresso. Numa conversa com Julia¹⁰, Ortiz e Corrêa (2009) ouviram dos ribeirinhos a preocupação em preservar e a denúncia de poluição do rio. Dessa conversa elas escrevem uma proposta de preservação apresentada pela entrevistada que havia feito uma música intitulada ‘Chora meu rio’. A canção é um lamento ao descaso para com o rio, ele serve como depósito de lixo que tem aumentado nos últimos dez anos, as autoras transcreveram a letra da canção criada por Júlia, a música diz:

¹⁰ Julia Rodrigues é uma moradora da cidade de Limoeiro (PE) e profunda conhecedora do rio Capibaribe. Compôs um CD em homenagem ao dia do rio, 24 de novembro, data instituída a partir de uma Lei Estadual, em dezembro de 1995. (CORREA, ORTIZ, 2006).

As águas antes, tão limpas, perderam sua cor,
Hoje o verde predomina num rastro lento de dor, num rastro lento de dor
Num rastro lento de dor, uo,uo...
Seus peixes estonteados, sem noção do acontecido,
Emitem em um só gemido a sua indignação pela água poluída
Por suas dores infindas, por um rio em extinção. (CORREA; ORTIZ, 2009,
p. 113).

Seguindo o caminho, onde o rio já não corta e o verde predomina na paisagem, as jornalistas 'retirantes' continuam as ave-marias com destino ao Recife. E mais uma vez a história se repete, após tantos anos, o encontro com os canaviais 'os mesmos' encontrados por Severino. As autoras atestam que "O rio Capibaribe irriga as plantações de cana-de-açúcar que abastecem a usina [...] muitos são os trabalhadores que alimentam suas famílias com as rendas vindas dos serviços com a cana-de-açúcar ali industrializados." (ORTIZ e CORRÊA, 2009, p. 88/89).

Uma diferença há no olhar entre o de agora e o de 1956, como disseram as autoras acima, muitas pessoas tratam de seus familiares com o trabalho advindo dos canaviais que abastecem as usinas. Severino, ao chegar à Zona da Mata e se espanta com a abundância de água, vê a usina e seus canaviais, ele pressupõe que as pessoas que vivem ali estejam 'feriando', porque não avista ninguém, somente folhas de cana fina. E imagina que, em terras 'tão feminina' tudo seja muito fácil e as pessoas dali jamais envelhecem antes dos trinta anos de idade. Contudo, Severino está enganado, porque diante da monocultura as máquinas tomaram o trabalho humano, tudo é mecânico e com essa triste realidade percebe que a produção não precisa do trabalho braçal de pessoas iguais a ele. Apressa sua viagem para chegar logo ao Recife, assim dizendo:

é chegar logo ao Recife,
derradeira ave-maria
do rosário, derradeira
invocação da ladainha
Recife, onde o rio some
e esta minha viagem se fina.

(MELO NETO, 1994, p. 187).

A cidade Recife, de acordo com Ortiz e Corrêa (2009), é a Veneza Brasileira, onde o Capibaribe chega no litoral, finalizando seu percurso ao desembocar no Oceano Atlântico, já não recebe tantos retirantes, mas guarda todos

os seus Severinos e, mais uma vez, o rio comanda a cidade ele é “[...] Uma espécie de respiro aos olhos – prédio, prédio, prédio e, de repente, rio, rio, rio. Imenso, o Capibaribe mais uma vez define os modos de vida na cidade e vê de suas margens o contraste entre o antigo e o moderno.” (ORTIZ e CORRÊA, 2009, p. 136).

Os Severinos que frequentam o Recife são os trabalhadores das cidades circunvizinhas que chegam à capital para trabalhar e retornam aos seus lares no final da tarde. Já com ‘qualificação’ aproveitável, são diferentes daqueles Severinos, eles possuem um pouco do sonhado pelo retirante, que saiu do Sertão, imaginava conseguir: um trabalho, água, comida e viver um pouco mais. Sonhos pequenos que se esvaíram quando o sertanejo ouve dos coveiros que viera seguindo o seu próprio enterro e que, ao contrário de esticar sua vida, apenas tinha adiantado alguns dias o trabalho da morte.

Retomamos mais uma vez a possibilidade da morte para relacionarmos a religiosidade tanto do poema como do povo ribeirinho pernambucano. João Cabral valoriza o nascimento de um novo Severino, filho de José Mestre Carpina, para reaver suas forças e entender que não apressava seu fim. Metaforicamente, recria o nascimento de Jesus, em meio à pobreza, conferindo o subtítulo de ‘auto de natal pernambucano’. Desde o início de sua viagem o protagonista já aponta aspectos religiosos, comparando as cidades por onde passará às contas de um rosário, onde reza sua viagem e pede proteção divina para conseguir seu intento.

Atualmente a religiosidade também é grande no interior do Pernambuco, Ortiz e Corrêa (2009) quando estiveram onde nasce o rio, início da jornada de Severino e delas mesmas, escreveram sobre a devoção do povo dizendo que

Em Poção havia um lugar que todos indicavam visitar. O Centro de Instrução Bíblico Visual Cruzeiro fica no ponto mais alto da região. O lugar tem uma história de beleza e humildade contrastadas em um mesmo espaço, em um ambiente geograficamente esquecido. Poção, para qualquer pessoa que perguntássemos, era famosa por este cruzeiro. O local conta a via sacra de Jesus por meio de escultura vitrais (ORTIZ e CORRÊA, 2009, p. 57).

Além de várias outras citações como a do Padre Cícero durante a descida das autoras, no Recife também a religiosidade é evidenciada. “Na parede havia um quadro com uma imagem religiosa e um outro, que retratava a fachada da igreja.” (ORTIZ e CORRÊA, 2009, p. 160). Vemos então, que mesmo em meio às dificuldades do Sertão, até o litoral o sertanejo, não se perde a esperança de

alcançar mais vida. Existe uma fusão dos elementos básicos de sobrevivência do pernambucano, tanto em 1956 como nos dias atuais. O homem e o rio se imbricam, um dando voz ao outro, formando e descrevendo as imagens rústicas e 'doces'. E, ainda, como o rio se torna humano, há também uma dessacralização, um menino nasce, uma criança magra, pálida e franzina, mais uma vida severina, que surge para trazer uma lição de fé e luta.

Assim, o divino também é dessacralizado e envolvido na mesma lama, na mesma água espessa, pois na metáfora bíblica, seus personagens são homens-caranguejos, assim como o menino que nasce, trazendo vida, é um filho do mangue, da mesma lama do Capibaribe. Homem, natureza e divino são fundidos numa imagem de celebração da vida, apesar de tudo (MARANDOLA, 2007, p. 115).

Muita coisa mudou em meio século, a descida hoje não é mais tão severina, as estradas chegaram ao Sertão. Os retirantes não são os mesmos, porém, em alguns momentos, deixam impressões das agruras sofridas pelo antigo sertanejo. Os contemporâneos enfrentam as várias faces da morte, a poluição mata o rio, acaba com a vida paulatinamente, morrendo um pouco a cada dia.

A morte matada esteve e está presente, mesmo que os motivos tenham se modificado, as 'ave-balas' continuam voando mais livres e desocupadas, soltando suas 'filhas-bala'. A fé, a esperança, a redenção estiveram e estão presentes, mesmo rio, outra gente, que como os antepassados, acreditam na força divina para renovar a esperança na vida e descrever as paisagens percebidas na grande jornada, o rio, a seca, a Caatinga, a Mata Atlântica, o canavial, a fome, a religião, entre outros, pois como escreve Beringuier (1991)

[...] a paisagem que vemos hoje não será a que veremos amanhã e nem tão pouco é a que foi vista ontem, pois a paisagem é produzida e reproduzida no decorrer do tempo, através da ação do homem e da sociedade sobre o território, levando em conta que cada ator social tem seu tempo próprio no espaço. Assim, a paisagem é por conseguinte objeto, concreto, material, físico e efetivo e é percebida através dos seus elementos, pelos nossos cinco sentidos, é sentida pelos homens afetivamente e culturalmente (BERINGUIER apud RANGEL, 1991, p. 7).

O homem, o Capibaribe, a cultura são os mesmos? A travessia de Severino foi realizada em 1956, hoje outros Severinos habitam o caminho/rio que sustentou muito da experiência literária de João Cabral. Alguns ainda descem para o litoral, outros descem para outras umidades do país e os que resistem estão

enraizados no Sertão. Recuperam e retomam todos aqueles Severinos retirantes, formando a identidade dos personagens reais encontrados no trajeto. Com um novo contexto, um novo olhar, o 'mesmo rio' aponta diferentes paisagens porque ela é produzida e reproduzida através do tempo, de forma que a intervenção humana atua sobre aquilo que se percebe da imagem, por consequência, nunca vemos uma mesma paisagem, ela se transforma através dos tempos. O que Severino viu e descreveu é hoje descrito por outros Severinos com diferentes percepções.

Os Severinos contemporâneos enfrentam as mesmas dificuldades daquele sem outro 'nome de pia'. A morte aparece com as mesmas características descritas no poema. O rio, além da seca, enfrenta hoje, também, outra luta pela vida, a luta contra a poluição e a faz severinamente, vivendo um pouco por dia e confundindo-se com outro tipo de morte, a matada, uma vez que é resultado da ação do homem sobre o rio, ele é que atira suas 'ave-balas' contra o rio, a cada dia jogando suas inutilizadas sobras, trazendo à tona toda figura severina: A MORTE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

João Cabral de Melo Neto, o poeta do concreto, viajante, diplomata. Eternamente, um geógrafo-literato, que descreveu as imagens e as paisagens dos lugares de sua vida. Sua escrita foi totalmente contrária à subjetividade, mesmo, às vezes, concordando que a poesia tratava-se de uma linguagem para a sensibilidade, muitas vezes se furtava, mas nunca perdendo a poeticidade da linguagem bem elaborada. Ele cria que algumas palavras como “pedra” ou “faca” eram bem mais real poeticamente do que saudade, amor ou nostalgia, porque o poeta, para ele, não precisa diretamente expressar sua subjetividade. A força poética pode ser mais forte que a abstrata, por exemplo, falar de saudade sem utilizar a própria palavra, pelo contrário, o poeta deve encontrar uma imagem que apresente a ideia de saudade ou do estado de espírito sentido por ele.

A paisagem foi em toda a vida de João Cabral sua linha de criação, ela é que dá estruturação ao rigor estético em toda a sua poética. A poesia não tem o dever de explicar coisa alguma, ainda assim, os símbolos cabralinos representam a paisagem nordestina, real e imagética. Há muito mais do que um sentimento poético, existem imagens do que o poeta vivenciou durante toda sua vida às margens do Capibaribe e, também, fora do Pernambuco. E o rio foi sem dúvida a base marcante para todas as transformações paisagísticas vividas por João Cabral. O poeta, em certa altura de sua poesia concreta, faz uma comparação do rio Capibaribe com um jornal, escrevendo e, dessa forma, percebendo-o, podemos compreendê-lo, lendo suas paisagens como fazemos com um livro.

Fugiu de seu tempo quando começou a escrever e, podemos afirmar que iniciou uma nova forma de se fazer e entender poesia. Em suas várias viagens, físicas e ficcionais, poetizou distanciando-se do dom, construindo uma poética como um engenheiro que projeta seu trabalho. O fez em **Morte e vida Severina**, atribuindo todo o seu caráter singular e equilíbrio estético. Com uma temática participante, desenhou a estrutura física do Pernambuco, descrevendo a paisagem do rio, da vegetação, do homem nordestino e, também, a cultura, mazelas e agruras sociais enfrentados pelo retirante que vê ao final de sua travessia o nascimento de um menino. Fato que João Cabral utiliza como símbolo de resistência, de luta contra a negação da existência humana. Com essas características este trabalho buscou analisar a paisagem geográfica no processo de construção da identificação cultural

no auto de natal pernambucano de João Cabral. E ainda, retomando algumas de suas obras que corroboram e despertam os aspectos geográficos do poeta.

Morte e vida severina tem uma importância muito grande, foi escrito para o cancionero popular, contudo mais apreciada por intelectuais, caracteriza os movimentos sociais quando denuncia os fatídicos acontecimentos de morte, sofrimento, busca do nirvana e de renovar às esperanças e forças para continuar a vida. Descreve a devastação da seca no Nordeste na penúria vivida por Severino, desenha o suor como resultado do esforço exacerbado para se trabalhar na terra que é queimada pelo sol, esvaindo-se tanto terra quanto homem.

Severino sempre viu a morte ativa, se deparou com a mesma até festiva, encontrou muita morte onde pensava achar vida e, quando dela se livrava, a vida era 'severina'. Uma 'severinidade' que o impediu de individualizar-se, mostrando a angústia do retirante. A morte o acompanhou de todas as formas possíveis, matada, morrida e a que se vive em vida, do início até o final de sua jornada, quando se contrapõe a um nascer de uma criança que reafirma, sob os preceitos natalinos, que a morte é pior do que qualquer vida, até mesmo a 'severina'.

O poema forma as paisagens naturais e culturais sempre em transformação, o Sertão de Severino é descrito por intermédio de um olhar mais humanístico do espaço geográfico, podendo corroborar os materiais didáticos e mapas que traçam a Geografia desse mesmo Sertão. É importante porque discute questões da Geografia como: terra, seca, êxodo rural, reforma agrária e a partir da análise da obra a Geografia encontra-se e conversa com a Literatura.

Aprofundarmos esse elo entre a Literatura e a Geografia foi um de nossos objetivos neste trabalho, verificar que a paisagem foi o caminho que guiou João Cabral, retratando a memória do seu lugar de nascimento. Essa categoria utilizada na Geografia realizada como poética visual que nos revela o vento no rosto, o sol na pele, as imagens sertanejas e das cidades pelas quais nossa imaginação viajou, representando a Geografia sócio-econômica e cultural não só do Recife, como das demais cidades pernambucanas. Soltamos nossa voz a conclamar aos geógrafos que esse conversar, além de não ser novo, pode ser entendido como valorização da ciência.

O diálogo entre os saberes literários e os saberes geográficos pode enriquecer o discurso científico. O desenho de um amplo cenário realizado através da ficção em que são expostas condições sócio-espaciais e, ainda, a relação dos

indivíduos, legitimam elementos naturais e sociais apresentados em toda a poética cabralina. Percebemos a paisagem e suas alterações que refletem a própria mudança que se espera pela condição de vida. João Cabral foi um poeta da Geografia, suas obras formam um autêntico material didático para essa ciência e suas descrições estão permeadas de imagens, desenhos, pinturas em que prevalecem as paisagens do Nordeste e que podem, com total segurança, formar um *corpus* a ser investigado pela ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura** – ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p. 141-165.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busco do poético do Sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro J. P. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 71-88.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6ª ed. São Paulo: Editora Universitária da UFPE, 1998. 306p.
- ARAÚJO, Heloisa Araújo de. **Geografia e literatura**: um elo entre o presente e o passado no pelourinho. 149 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix. 1997. 114p.
- ATHAYDE, Félix de. **Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN, Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998. 151p.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Editora Unesp, 1993. 439p.
- BAGNO, Silvana; EWALD, Ariane P.; CAVALCANTE, Fátima G. **A trajetória de Severino**: migração e pobreza no Brasil. Disponível em: <http://www.fw.uri.br>, Acesso em: Setembro de 2009.
- BARBOSA, Frederico. **Estudo de Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto**. Disponível em: <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsenr.html>, Acesso em: Agosto de 2008.
- BARBOSA, João Alexandre. A lição de João Cabral. In: **Cadernos de literatura brasileira** / João Cabral de Melo Neto. São Paulo, Instituto Moreira Salles, n.1, 1996, 131p.
- _____. A poesia crítica de João Cabral. In: **CULT** – Revista Brasileira de Literatura. São Paulo: Lemos Editorial, n. 29, 1999. p.22-29.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix. 1978. 89p.

- BERTRAND, Georges; BERTRAND, Claude. **Uma geografia transversal e de travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. (Org.). Messias Modesto dos Passos. Maringá. Ed. Massoni, 2007. p. 213-234.
- BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global**: esboço metodológico. Caderno de Ciências da Terra, n. 13. São Paulo: IGEO/USP, 1971.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço & literatura**. Introdução à toponálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007. 186p.
- BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a escola de Annales (1929-1989). 2ª ed. Tradução: Nilo Odália. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. 115p.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Instituto Moreira Salles. n. 1, mar., 1996. 134p.
- CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. (Org.). Vinicius Dantas. São Paulo: Ed. 34, 2002. 389p.
- CASTELLO, José. **João Cabral de Melo Neto**: o homem sem alma & diário de tudo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 296p.
- CASTRO, Josué. **Ensaio de Geografia Humana**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1964. 229p.
- _____. **Fatores de localização da cidade do Recife**: um ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1948. 86p.
- _____. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense S. A. 1967. 177p.
- CASTRO, Manoel Antônio. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, Rogel. et al. **Manual de teoria literária**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes. 1999.
- CAVALCANTI, Claudia. Paisagem cabralina. In: **CULT** – Revista Brasileira de Literatura. São Paulo: Lemos Editorial, n. 29, 1999. p. 30-33.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999. 453p.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-123.
- COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da Geografia Cultural In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003. 224p.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Home. São Paulo: Ed. 34, 2001. 153p.

FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. **A percepção geográfica da paisagem dos gerais no “Grande Sertão: Veredas”**. 201 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Tradução de António Gonçalves, Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel de Barros. **Ditos & escritos III**. Estética: Literatura, pintura, música e cinema. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p 411-422.

GALVE, Fernanda Rodrigues. **Ser(tão) Severino**: memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960). 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GODOY, José Roberto Araújo de. **Dois cães como objeto**: elementos surrealistas em João Cabral de Melo Neto aproximações com o cinema. 125 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário e identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 1999. p. 149-168.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**, Revista do Departamento de Geociências. Florianópolis. v. 15, n 30. p.7-33, jul/dez 2000.

MACHADO, Roberto. **FOUCAULT**, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 187p.

MARANDOLA, Janaina de Alencar e Silva. **Caminhos de morte e de vida o rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2007.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura** – ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. 354p.

MARQUÉZ, Gabriel Garcia. **Cheiro de Goiaba**: conversas com Plínio Apuleyo Mendonza. São Paulo: Record, 1993.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. 7ª ed. São Paulo: Difel, 1982.

MELO NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 836p.

_____. **Poesia crítica** – antologia. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1982. 125p.

_____. **Dois águas (Poemas Reunidos)**. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1956. p. 169-222.

MENDONÇA, F. de A.; VENTURI, L. A. B., **Geografia e metodologia científica**. Revista GEOSUL, Florianópolis, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

_____. **O visível e o invisível**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 271p.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940. 292p.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007. 181p.

MOTA, Mauro, **Geografia Literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1961.

NUNES, Celso. **A paisagem como teatro**. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). Paisagem e Turismo. São Paulo: Contexto, 2002. p. 215-223.

OLANDA, Diva Aparecida Machado. **As representações de paisagens culturais do espaço goiano em obras carmobernadianas**: memórias do vento e jurubatuba. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2006.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. **A Geografia e a Literatura**: uma reflexão. In: Geosul: Revista do departamento de Geociências / Universidade Federal de Santa Catarina. V. 23, n. 46. Editora da UFSC. 2008. p. 7-32.

OLIVEIRA, Livia de; MACHADO, Lucy Marion. Um estudo sobre a aprendizagem de região. **Boletim de Geografia Teorética**. n. 2. AGETEO. Rio Claro-SP, 1971. p. 95-106.

OLIVEIRA, Livia de. **L' Homme et la Terre - Eric Dardel**. Editions CTHS, 1952 e 1990. Por: Livia de Oliveira, em 2008. Disponível em:
<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/gpapt/resenhas.htm>. Acesso em: 12/07/10.

OLIVEIRA, Marly de. João Cabral de Melo Neto: breve introdução a uma leitura de sua obra. In: MELO NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 836p.

ORTIZ, Elaine; CORRÊA, Fabíola Perez. **Capibaribe mesmo rio**: outra gente. São Paulo: Editora MACKENZIE, 2009. 193p.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Rio/Homem: cursos e discursos na poesia de João Cabral. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 5/6, 2003. p. 124-138. Disponível em www.filologia.org.br/soletras/5e6/13.htm acesso em: julho/2010.

PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**, Campinas: Ed. Unicamp, 1996, 473p.

RANGEL, Mario Luiz. **A percepção sobre a água na paisagem urbana**: bacia hidrográfica da barragem mãe d'água região metropolitana de Porto Alegre/RS. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

SANTOS, Milton. **A metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 124p.

_____. **A natureza do espaço**: técnicas e tempo, razão e emoção. 4ª ed., 2 reimp., São Paulo: Editora da USP, 2006. 384p.

_____. **Por uma nova Geografia Nova**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 1986. 236p.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007. 169p.

SAUER, Ortwin Carl. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 12-74.

SCHIER, R. A., **Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia**. Revista RAEGA. n. 7. Curitiba. Editora UFPR. 2003. p. 79-85.

SEGISMUNDO, Fernando. **Literatura e Geografia**. Boletim Geográfico, n. 76, julho/1949, ano VII, Rio de Janeiro. p. 327-332.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual. Natureza, Capital e a Produção do Espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. 250p.

SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de. **Geografia e Literatura**: apresentação de Goiânia em fragmentos de viver é devagar de Brasigóis Felício. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2008.

TRICART, Jean. **Paisagem e ecologia**. Revista RAEGA. Curitiba: Ed. UFPR. 1981.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel. 1980. 288p.

_____. Geografia Humanística In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143-164.

_____. **Espaço e lugar**. a perspectiva da experiência. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel. 1983. 249p.

_____. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005. 375p.

VILLAÇA, Alcides. Expansão e limite da poesia de João Cabral. In: BOSI, Alfredo. **Leitura de Poesia**. São Paulo: Ática, 1996, p. 143-169.

VILANOVA NETA, Maria Amélia. **Geografia e literatura**: decifrando a paisagem dos mocambos do Recife. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

ANEXOS

MORTE E VIDA SEVERINA
AUTO DE NATAL
PERNAMBUCANO

(1954-1955)

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:

que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

ENCONTRA DOIS HOMENS CARREGANDO UM DEFUNTO NUMA REDE, AOS
GRITOS DE "Ó IRMÃOS DAS ALMAS! IRMÃOS DAS ALMAS! NÃO FUI EU QUE
MATEI NÃO!"

— A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
dizei que eu saiba.
— A um defunto de nada,
irmão das almas,
que há muitas horas viaja
à sua morada.
— E sabeis quem era ele,
irmãos das almas,
sabeis como ele se chama
ou se chamava?
— Severino Lavrador,
irmão das almas,
Severino Lavrador,
mas já não lavra.
— E de onde que o estais trazendo,
irmãos das almas,
onde foi que começou
vossa jornada?
— Onde a Caatinga é mais seca,
irmão das almas,
onde uma terra que não dá

nem planta brava.
— E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
— Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.
— E o que guardava a emboscada,
irmão das almas,
e com que foi que o mataram,
com faca ou bala?
— Este foi morto de bala,
irmão das almas,
mais garantido é de bala,
mais longe vara.
— E quem foi que o emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?
— Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala voando
desocupada.
— E o que havia ele feito,
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?
— Ter um hectares de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada
que cultivava.
— Mas que roças que ele tinha,
irmãos das almas,
que podia ele plantar
na pedra avara?
— Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
os intervalos das pedras,
plantava palha.
— E era grande sua lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?
— Tinha somente dez quadros,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.
— Mas então por que o mataram,

irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?
— Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.
— E agora o que passará,
irmãos das almas,
o que é que acontecerá
contra a espingarda?
— Mais campo tem para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer voar
as filhas-bala.
— E onde o levais a enterrar,
irmãos das almas,
com a semente de chumbo
que tem guardada?
— Ao cemitério de Torres,
irmão das almas,
que hoje se diz Toritama,
de madrugada.
— E poderei ajudar,
irmãos das almas?
vou passar por Toritama,
é minha estrada.
— Bem que poderá ajudar,
irmão das almas,
é irmão das almas quem ouve
nossa chamada.
— E um de nós pode voltar,
irmão das almas,
pode voltar daqui mesmo
para sua casa.
— Vou eu, que a viagem é longa,
irmãos das almas,
é muito longa a viagem
e a serra é alta.
— Mais sorte tem o defunto,
irmãos das almas,
pois já não fará na volta
a caminhada.
— Toritama não cai longe,
irmão das almas,
seremos no campo santo
de madrugada.
— Partamos enquanto é noite,
irmão das almas,

que é o melhor lençol dos mortos
noite fechada.

O RETIRANTE TEM MEDO DE SE EXTRAVIAR PORQUE SEU GUIA, O RIO CAPIBARIBE, CORTOU COM O VERÃO

— Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
cujas contas fossem vilas,
todas formando um rosário
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
até o mar onde termina,
saltando de conta em conta,
passando de vila em vila.
Vejo agora: não é fácil
seguir essa ladainha;
entre uma conta e outra conta,
entre uma a outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pêlo
hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.
Tenho de saber agora
qual a verdadeira via
entre essas que escancaradas
frente a mim se multiplicam.

Mas não vejo almas aqui,
nem almas mortas nem vivas;
ouço somente à distância
o que parece cantoria.
Será novena de santo,
será algum mês-de-Maria;
quem sabe até se uma festa
ou uma dança não seria?

NA CASA A QUE O RETIRANTE CHEGA ESTÃO CANTANDO EXCELÊNCIAS
PARA UM DEFUNTO, ENQUANTO UM HOMEM, DO LADO DE FORA, VAI
PARODIANDO AS PALAVRAS DOS CANTADORES

- *Finado Severino, quando passares em Jordão e o demônios te atalharem perguntando o que é que levas...*
- *Dize que levas cera, capuz e cordão mais a Virgem da Conceição.*
- *Finado Severino, etc. ...*
- *Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação.*
- *Finado Severino, etc. ...*
- *Dize que coisas de não, ocas, leves: como o caixão, que ainda deves.*
- *Uma excelência dizendo que a hora é hora.*
- *Ajunta os carregadores que o corpo quer ir embora.*
- *Duas excelências...*
- *... dizendo é a hora da plantação.*
- *Ajunta os carregadores...*
- *... que a terra vai colher a mão.*

CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS
INSTANTES E PROCURAR TRABALHO ALI ONDE SE ENCONTRA.

— Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).
Penso agora: mas porque
parar aqui eu não podia
e como o Capibaribe
interromper minha linha?
ao menos até que as águas
de uma próxima invernã
me levem direto ao mar
ao refazer sua rotina?

Na verdade, por uns tempos,
parar aqui eu bem podia
e retomar a viagem
quando vencesse a fadiga.
Ou será que aqui cortando
agora minha descida
já não poderei seguir
nunca mais em minha vida?
(será que a água destes poços
é toda aqui consumida
pelas roças, pelos bichos,
pelo sol com suas línguas?
será que quando chegar
o rio da nova invernia
um resto de água no antigo
sobrará nos poços ainda?)
Mas isso depois verei:
tempo há para que decida;
primeiro é preciso achar
um trabalho de que viva.
Vejo uma mulher na janela,
ali, que se não é rica,
parece remediada
ou dona de sua vida:
vou saber se de trabalho
poderá me dar notícia.

DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA QUE DEPOIS DESCOBRE TRATAR-SE DE
QUEM SE SABERÁ

— Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
— Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?
— Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
— Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavar;
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
— Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há;
mas até a calva da pedra
sinto-me capaz de arar.

— Também de pouco adianta,
nem pedra há aqui que amassar;
diga-me ainda, compadre,
que mais fazia por lá?
— Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar:
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o caroá.
— Esses roçados o banco
já não quer financiar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia lá?
— Melhor do que eu ninguém
sei combater, quiçá,
tanta planta de rapina
que tenho visto por cá.
— Essas plantas de rapina
são tudo o que a terra dá;
diga-me ainda, compadre;
que mais fazia por lá?
— Tirei mandioca de chãs
que o vento vive a esfolar
e de outras escalavradas
pela seca faça solar.
— Isto aqui não é Vitória
nem é Glória do Goitá;
e além da terra, me diga,
que mais sabe trabalhar?
— Sei também tratar de gado,
entre urtigas pastorear:
gado de comer do chão
ou de comer ramas no ar.
— Aqui não é Surubim
nem Limoeiro, oxalá!
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
— Em qualquer das cinco tachas
de um banguê sei cozinhar;
sei cuidar de uma moenda,
de uma casa de purgar.
— Com a vinda das usinas
há poucos engenhos já;
nada mais o retirante
aprendeu a fazer lá?
— Ali ninguém aprendeu
outro ofício, ou aprenderá:
mas o sol, de sol a sol,
bem se aprende a suportar.
— Mas isso então será tudo
em que sabe trabalhar?

vamos, diga, retirante,
outras coisas saberá.
— Deseja mesmo saber
o que eu fazia por lá?
comer quando havia o quê
e, havendo ou não, trabalhar.
— Essa vida por aqui
é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?
— Já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar;
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.
— Pois se o compadre soubesse
rezar ou mesmo cantar,
trabalhávamos a meias,
que a freguesia bem dá.
— Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
— Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.
— E ainda se me permite
que volte a perguntar:
é aqui uma profissão
trabalho tão singular?
— É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.
— E ainda se me permite
mais outra vez indagar:
é boa essa profissão
em que a comadre ora está?
— De um raio de muitas léguas
vem gente aqui me chamar;
a verdade é que não pude
queixar-me ainda de azar.
— E se pela última vez
me permite perguntar:
não existe outro trabalho
para mim nesse lugar?

— Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirantes às avessas,
sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

O RETIRANTE CHEGA À ZONA DA MATA, QUE O FAZ PENSAR, OUTRA VEZ, EM INTERROMPER A VIAGEM

— Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quando mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
nesta terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.
Os rios que correm aqui
têm a água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
cavando o chão, água mina.
Vejo agora que é verdade
o que pensei ser mentira.
Quem sabe se nesta terra
não plantarei minha sina?
Não tenho medo de terra
(cavei pedra toda a vida),
e para quem lutou a braço
contra a piçarra da Caatinga
será fácil amansar
esta aqui, tão feminina.

Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um banguê velho em ruína.
Por onde andará a gente
que tantas canas cultiva?
Feriando: que nesta terra
tão fácil, tão doce e rica,
não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida.
Decerto a gente daqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina;
e aquele cemitério ali,
branco na verde colina,
decerto pouco funciona
e poucas covas aninha.

ASSISTE AO ENTERRO DE UM TRABALHADOR DE EITO E OUVI O QUE DIZEM DO MORTO OS AMIGOS QUE O LEVARAM AO CEMITÉRIO

— Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
— É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.
— Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.
— É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.
— É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.
— É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.

— Viverás, e para sempre,
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.
— Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.
— Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.
— Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.
— Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.
— Trabalharás numa terra
que também te abriga e te veste:
embora com o brim do Nordeste.
— Será de terra tua derradeira camisa:
te veste, como nunca em vida.
— Será de terra e tua melhor camisa:
te veste e ninguém cobiça.
— Terás de terra
completo agora o teu fato:
e pela primeira vez, sapato.
— Como és homem,
a terra te dará chapéu:
fosses mulher, xale ou véu.
— Tua roupa melhor
será de terra e não de fazenda:
não se rasga nem se remenda.
— Tua roupa melhor
e te ficará bem cingida:
como roupa feita à medida.
— Esse chão te é bem conhecido
(bebeu teu suor vendido).
— Esse chão te é bem conhecido
(bebeu o moço antigo).
— Esse chão te é bem conhecido
(bebeu tua força de marido).
— Desse chão és bem conhecido
(através de parentes e amigos).
— Desse chão és bem conhecido
(vive com tua mulher, teus filhos).
— Desse chão és bem conhecido
(te espera de recém-nascido).
— Não tens mais força contigo:
deixa-te semear ao comprido.
— Já não levas semente viva:
teu corpo é a própria maniva.

— Não levas rebolo de cana:
és o rebolo, e não de caiana.
— Não levas semente na mão:
és agora o próprio grão.
— Já não tens força na perna:
deixa-te semear na coveta.
— Já não tens força na mão:
deixa-te semear no leirão.
— Dentro da rede não vinha nada,
só tua espiga debulhada.
— Dentro da rede vinha tudo,
só tua espiga no sabugo.
— Dentro da rede coisa vasqueira,
só a maçaroca banguela.
— Dentro da rede coisa pouca,
tua vida que deu sem soca.
— Na mão direita um rosário,
milho negro e ressecado.
— Na mão direita somente
o rosário, seca semente.
— Na mão direita, de cinza,
o rosário, semente maninha.
— Na mão direita o rosário,
semente inerte e sem salto.
— Despido vieste no caixão,
despido também se enterra o grão.
— De tanto te despiu a privação
que escapou de teu peito a viração.
— Tanta coisa despiste em vida
que fugiu de teu peito a brisa.
— E agora, se abre o chão e te abriga,
lençol que não tiveste em vida.
— Se abre o chão e te fecha,
dando-te agora cama e coberta.
— Se abre o chão e te envolve,
como mulher com quem se dorme.

O RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA CHEGAR LOGO AO RECIFE

— Nunca esperei muita coisa,
digo a Vossas Senhorias.
O que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,

o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda.
Mas não senti diferença
entre o Agreste e a Caatinga,
e entre a Caatinga e aqui a Mata
a diferença é a mais mínima.
Está apenas em que a terra
é por aqui mais macia;
está apenas no pavio,
ou melhor, na lamparina:
pois é igual o querosene
que em toda parte ilumina,
e quer nesta terra gorda
quer na serra, de caliça,
a vida arde sempre, com
a mesma chama mortiça.
Agora é que compreendo
porque em paragens tão ricas
o rio não corta em poços
como ele faz na Caatinga:
vivi a fugir dos remansos
a que a paisagem o convida,
com medo de se deter
grande que seja a fadiga.
Sim, o melhor é apressar
o fim desta ladainha,
o fim do rosário de nomes
que a linha do rio enfia;
é chegar logo ao Recife,
derradeira ave-maria
do rosário, derradeira
invocação da ladainha,
Recife, onde o rio some
e esta minha viagem se fina.

CHEGANDO AO RECIFE, O RETIRANTE SENTA-SE PARA DESCANSAR AO PÉ
DE UM MURO ALTO E CAIADO E OUVI, SEM SER NOTADO, A CONVERSA DE
DOIS COVEIROS

— O dia de hoje está difícil;
não sei onde vamos parar.
Deviam dar um aumento,
ao menos aos deste setor de cá.
As avenidas do centro são melhores,
mas são para os protegidos:
há sempre menos trabalho
e gorjetas pelo serviço;
e é mais numeroso o pessoal
(toma mais tempo enterrar os ricos).
— Pois eu me daria por contente

se me mandassem para cá.
Se trabalhasses no de Casa Amarela
não estarias a reclamar.
De trabalhar no de Santo Amaro
deve alegrar-se o colega
porque parece que a gente
que se enterra no de Casa Amarela
está decidida a mudar-se
toda para debaixo da terra.
— É que o colega ainda não viu
o movimento: não é o que se vê.
Fique-se por aí um momento
e não tardarão a aparecer
os defuntos que ainda hoje
vão chegar (ou partir, não sei).
As avenidas do centro,
onde se enterram os ricos,
são como o porto do mar:
não é muito ali o serviço:
no máximo um transatlântico
chega ali cada dia,
com muita pompa, protocolo,
e ainda mais cenografia.
Mas este setor de cá
é como a estação dos trens:
diversas vezes por dia
chega o comboio de alguém.
— Mas se teu setor é comparado
à estação central dos trens,
o que dizer de Casa Amarela
onde não pára o vaivém?
Pode ser uma estação
mas não estação de trem:
será parada de ônibus,
com filas de mais de cem.
— Então por que não pedes,
já que és de carreira, e antigo,
que te mandem para Santo Amaro
se achas mais leve o serviço?
Não creio que te mandassem
para as belas avenidas
onde estão os endereços
e o bairro da gente fina:
isto é, para o bairro dos usineiros,
dos políticos, dos banqueiros,
e no tempo antigo, dos banguzeiros
(hoje estes se enterram em carneiros);
bairro também dos industriais,
dos membros das associações patronais
e dos que foram mais horizontais

nas profissões liberais.
Difícil é que consigas
aquele bairro, logo de saída.
— Só pedi que me mandassem
para as urbanizações discretas,
com seus quarteirões apertados,
com suas cômodas de pedra.
— Esse é o bairro dos funcionários,
inclusive extranumerários,
contratados e mensalistas
(menos os tarefeiros e diaristas).
Para lá vão os jornalistas,
os escritores, os artistas;
ali vão também os bancários,
as altas patentes dos comerciários,
os lojistas, os boticários,
os localizados aeroviários
e os de profissões liberais
que não se liberaram jamais.
— Também um bairro dessa gente
temos no de Casa Amarela:
cada um em seu escaninho,
cada um em sua gaveta,
com o nome aberto na lousa
quase sempre em letras pretas.
Raras as letras douradas,
raras também as gorjetas.
— Gorjetas aqui, também,
só dá mesmo a gente rica,
em cujo bairro não se pode
trabalhar em mangas de camisa;
onde se exige quêpi
e farda engomada e limpa.
— Mas não foi pelas gorjetas,
não, que vim pedir remoção:
é porque tem menos trabalho
que quero vir para Santo Amaro;
aqui ao menos há mais gente
para atender a freguesia,
para botar a caixa cheia
dentro da caixa vazia.
— E que disse o Administrador,
se é que te deu ouvido?
— Que quando apareça a ocasião
atenderá meu pedido.
— E do senhor Administrador
isso foi tudo que arrancaste?
— No de Casa Amarela me deixou
mas me mudou de arrabalde.
— E onde vais trabalhar agora,

qual o subúrbio que te cabe?
— Passo para o dos industriários,
que é também o dos ferroviários,
de todos os rodoviários
e praças-de-pré dos comerciários.
— Passas para o dos operários,
deixas o dos pobres vários;
melhor: não são tão contagiosos
e são muito menos numerosos.
— É, deixo o subúrbio dos indigentes
onde se enterra toda essa gente
que o rio afoga na preamar
e sufoca na baixa-mar.
— É a gente sem instituto,
gente de braços devolutos;
são os que jamais usam luto
e se enterram sem salvo-conduto.
— É a gente dos enterros gratuitos
e dos defuntos ininterruptos.
— É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
— Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
— E que então, ao chegar,
não têm mais o que esperar.
— Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
— Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
— E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
— Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
— Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.
— O rio daria a mortalha
e até um macio caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final

a ser feito no mar de sal.
— E não precisava dinheiro,
e não precisava coveiro,
e não precisava oração
e não precisava inscrição.
— Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.
— E esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando
cemitérios esperando.
— Não é viagem o que fazem,
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.

O RETIRANTE APROXIMA-SE DE UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE

— Nunca esperei muita coisa,
é preciso que eu repita.
Sabia que no rosário
de cidade e de vilas,
e mesmo aqui no Recife
ao acabar minha descida,
não seria diferente
a vida de cada dia:
que sempre pás e enxadas
foices de corte e capina,
ferros de cova, estrovengas
o meu braço esperariam.
Mas que se este não mudasse
seu uso de toda vida,
esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
o algodãozinho da camisa,
ao meu aluguel com a vida.
E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia.
Só que devo ter chegado
adiantado de uns dias;
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.

A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:
caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida,
coroas de baronesa
junto com flores de aninga,
e aquele acompanhamento
de água que sempre desfila
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).

APROXIMA-SE DO RETIRANTE O MORADOR DE UM DOS MOCAMBOS QUE
EXISTEM ENTRE O CAIS E A ÁGUA DO RIO

— Seu José, mestre carpina,
que habita este lamaçal,
sabes me dizer se o rio
a esta altura dá vau?
sabe me dizer se é funda
esta água grossa e carnal?
— Severino, retirante,
jamais o cruzei a nado;
quando a maré está cheia
vejo passar muitos barcos,
barcaças, alvarengas,
muitas de grande calado.
— Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muito água:
basta que chega ao abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua fome.
— Severino, retirante,
pois não sei o que lhe conte;
sempre que cruzei este rio
costumo tomar a ponte;
quanto ao vazio do estômago,
se cruza quando se come.
— Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da fome
não se tem com que cruzar?
quando esses rios sem água
são grandes braços de mar?
— Severino, retirante,
o meu amigo é bem moço;

sei que a miséria é mar largo,
não é como qualquer poço:
mas sei que para cruzá-la
vale bem qualquer esforço.
— Seu José, mestre carpina,
e quando é fundo o perau?
quando a força que morreu
nem tem onde se enterrar,
por que ao puxão das águas
não é melhor se entregar?
— Severino, retirante,
o mar de nossa conversa
precisa ser combatido,
sempre, de qualquer maneira,
porque senão ele alaga
e devasta a terra inteira.
— Seu José, mestre carpina,
e em que nos faz diferença
que como frieira se alastre,
ou como rio na cheia,
se acabamos naufragados
num braço do mar miséria?
— Severino, retirante,
muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais.
— Seu José, mestre carpina,
e que diferença faz
que esse oceano vazio
cresça ou não seus cabedais,
se nenhuma ponte mesmo
é de vencê-lo capaz?
— Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita:
há muito no lamaçal
apodrece a sua vida?
e a vida que tem vivido
foi sempre comprada à vista?
— Severino, retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.
— Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?

espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?
— Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida.
— Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

UMA MULHER, DA PORTA DE ONDE SAIU O HOMEM, ANUNCIA-LHE O QUE SE
VERÁ

— Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar o primeiro grito;
e estais aí conversando;
pois sabeis que ele é nascido.

APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA DO HOMEM VIZINHOS, AMIGOS,
DUAS CIGANAS ETC.

— Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor.
Foi por ele que a maré
esta noite não baixou.
— Foi por ele que a maré
fez parar o seu motor:
a lama ficou coberta
e o mau-cheiro não voou.
— E a alfazema do sargaço,
ácida, desinfetante,
veio varrer nossas ruas
enviada do mar distante.
— E a língua seca de esponja
que tem o vento terral
veio enxugar a umidade
do encharcado lamaçal.

— Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.
— Cada casebre se torna
no mocambo modelar
que tanto celebram os
sociólogos do lugar.
— E a banda de maruins
que toda noite se ouvia
por causa dele, esta noite,
creio que não irradia.
— E este rio de água cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.

COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM-NASCIDO

— Minha pobreza tal é
que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues;
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.
— Minha pobreza tal é
que coisa não posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar;
aqui são todos irmãos,
de leite, de lama, de ar.
— Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago papel de jornal
para lhe servir de cobertor;
cobrindo-se assim de letras
vai um dia ser doutor.
— Minha pobreza tal é
que não tenho presente caro:
como não posso trazer
um olho d'água de Lagoa do Carro,
trago aqui água de Olinda,
água da bica do Rosário.
— Minha pobreza tal é
que grande coisa não trago:
trago este canário da terra
que canta corrido e de estalo.
— Minha pobreza tal é
que minha oferta não é rica:

trago daquela bolacha d'água
que só em Paudalho se fabrica.
— Minha pobreza tal é
que melhor presente não tem:
dou este boneco de barro
de Severino de Tracunhaém.
— Minha pobreza tal é
que pouco tenho o que dar:
dou da pitu que o pintor Monteiro
fabricava em Gravatá.
— Trago abacaxi de Goiana
e de todo o Estado rolete de cana.
— Eis ostras chegadas agora,
apanhadas no cais da Aurora.
— Eis tamarindos da Jaqueira
e jaca da Tamarineira.
— Mangabas do Cajueiro
e cajus da Mangabeira.
— Peixe pescado no Passarinho,
carne de boi dos Peixinhos.
— Siris apanhados no lamaçal
que há no avesso da rua Imperial.
— Mangas compradas nos quintais ricos
do Espinheiro e dos Aflitos.
— Goiamuns dados pela gente pobre
da Avenida Sul e da Avenida Norte.

FALAM AS DUAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS

— Atenção peço, senhores,
para esta breve leitura:
somos ciganas do Egito,
lemos a sorte futura.
Vou dizer todas as coisas
que desde já posso ver
na vida desse menino
acabado de nascer:
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar
na lama, como goiamuns,
e a correr o ensinarão
o anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.
Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida;
depois, aprenderá com

outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.
Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris;
e vejo-o, ainda maior,
pelo imenso lamarão
fazendo dos dedos iscas
para pescar camarão.
— Atenção peço, senhores,
também para minha leitura:
também venho dos Egitos,
vou completar a figura.
Outras coisas que estou vendo
é necessário que eu diga:
não ficará a pescar
de jereré toda a vida.
Minha amiga se esqueceu
de dizer todas as linhas;
não pensem que a vida dele
há de ser sempre daninha.
Enxergo daqui a planura
que é a vida do homem de ofício,
bem mais sadia que os mangues,
tenha embora precipícios.
Não o vejo dentro dos mangues,
vejo-o dentro de uma fábrica:
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,
coisa mais limpa que a lama
do pescador de maré
que vemos aqui, vestido
de lama da cara ao pé.
E mais: para que não pensem
que em sua vida tudo é triste,
vejo coisa que o trabalho
talvez até lhe conquiste:
que é mudar-se destes mangues
daqui do Capibaribe
para um mocambo melhor
nos mangues do Beberibe.

FALAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIERAM COM PRESENTES
ETC.

— De sua formosura
já venho dizer:
é um menino magro,

de muito peso não é,
mas tem o peso de homem,
de obra de ventre de mulher.
— De sua formosura
deixai-me que diga:
é uma criança pálida,
é uma criança franzina,
mas tem a marca de homem,
marca de humana oficina.
— Sua formosura
deixai-me que cante:
é um menino guenzo
como todos os desses mangues,
mas a máquina de homem
já bate nele, incessante.
— Sua formosura
eis aqui descrita:
é uma criança pequena,
enclenque e setemesinha,
mas as mãos que criam coisas
nas suas já se adivinha.
— De sua formosura
deixai-me que diga:
é belo como o coqueiro
que vence a areia marinha.
— De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como o avelós
contra o Agreste de cinza.
— De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como a palmatória
na caatinga sem saliva.
— De sua formosura
deixai-me que diga:
é tão belo como um sim
numa sala negativa.
— É tão belo como a soca
que o canavial multiplica.
— Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.
— Belo como a última onda
que o fim do mar sempre adia.
— É tão belo como as ondas
em sua adição infinita.
— Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria.
— Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
— Como qualquer coisa nova

inaugurando o seu dia.
— Ou como o caderno novo
quando a gente o principia.
— E belo porque com o novo
todo o velho contagia.
— Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
— Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
— Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria.

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA

— Severino retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.